Tecendo cartas

(sobre)vivências de mulheres na universidade

[orgs.]
Camila Peixoto Farias
Giovana Fagundes Luczinski

Desalinho

Tecendo cartas

Conselho editorial
Ary Pimentel (Letras, UFRJ)
Diogo de Hollanda (Comunicação, PUC-SP)
Heloísa Buarque de Hollanda (Comunicação, UFRJ)
Izabela Bocayuva (Filosofia, UERJ)
Karina Kuschnir (Antropologia, UFRJ)
Luciana dos Santos Salles (Letras, UFRJ)
Nathanael Araújo (Antropologia, Unicamp)
Rafael de Arruda Sobral (Letras, UFCG)
Regina Dalcastagnè (Letras, UnB)
Rodrigo Perez de Oliveira (História, UFBA)
Tatiana Massuno (Filosofia, PUC-RJ)

Tecendo cartas

(sobre)vivências de mulheres na universidade

[orgs.]
Camila Peixoto Farias
Giovana Fagundes Luczinski

Desalinho

Copyrigth © 2022 Camila Peixoto Farias, Giovana Fagundes Luczinski, Desalinho.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1900, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

O conteúdo dos textos são de inteira responsabilidade das autoras.

Imagem de capa Towfiqu Barbhuiya/Unplash©

Editor-chefe
Pablo Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tecendo cartas : (sobre)vivências de mulheres na universidade / organização Camila Peixoto Farias, Giovana Fagundes Luczinski. – São João de Meriti, RJ : Desalinho, 2022.

Bibliografia.
ISBN 978-65-88544-24-2

1. Mulheres na educação 2. Mulheres – Aspectos psicológicos 3. Psicanálise I. Farias, Camila Peixoto. II. Luczinski, Giovana Fagundes.

22-110883 CDD-158.082

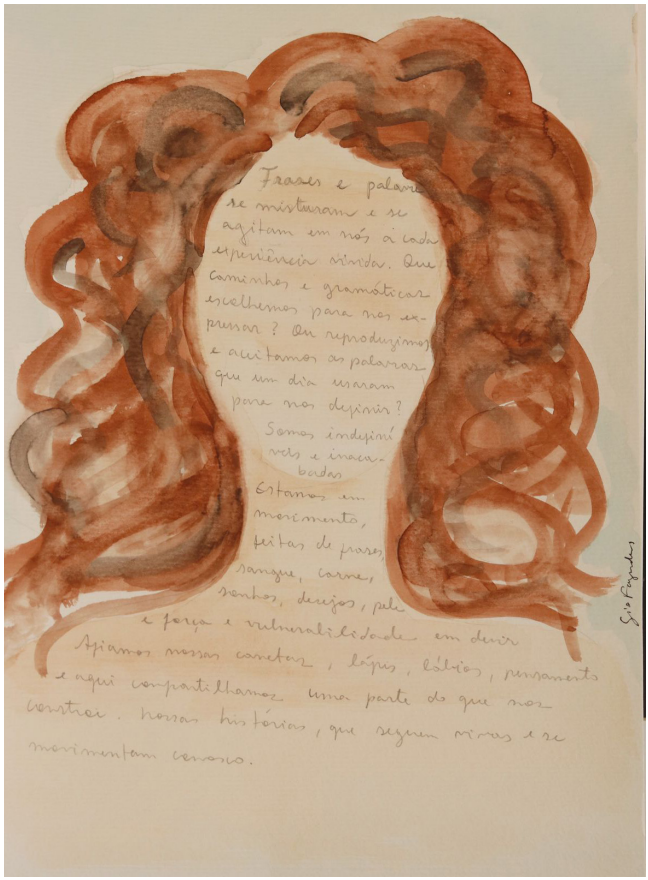
Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Psicologia aplicada 158.082

Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

[2022]
Desalinho publicações
Rua Caricó, S/N
São João de Meriti — RJ
Telefone: (21) 994428064
www.desalinhopublicacoes.com.br
desalinhopublicacoes@gmail.com

Agradecemos às mulheres com quem convivemos e àquelas que, em algum momento, compartilharam conosco suas histórias de forma generosa e inspiradora: suas trajetórias, dores, alegrias, violências e resistências. Em especial às que corajosamente compartilham nesse livro fragmentos de suas (sobre)vivências no contexto universitário.


Frases e palavras
se misturam e se
agitam em nós a cada
experiência vivida. Que
caminhos e gramáticas
escolhemos para nos ex-
pressar? Ou reproduzimos
e aceitamos as palavras
que um dia usaram
para nos definir?
Somos indefiní-
veis e inaca-
badas
Estamos em
movimento,
feitas de frases,
sangue, carne,
sonhos, desejos, pele
e força e vulnerabilidade em devir
Ajamos nossas canetas, lápis, lábios, pensamentos
e aqui compartilhamos uma parte do que nos
constrói. Nossas histórias, que seguem vivas e se
movimentam conosco.

Sumário

Apresentação 13

Reinventando supostos pontos de chegada 19
Camila Peixoto Farias

Carta-trajetória: ambiguidades, paisagens e afetos 23
Giovana Fagundes Luczinski

Carta às pesquisadoras que criam caso 29
Marília Silveira

Cartas: narrativas que nos possibilitam uma volta para casa 37
Maria Madalena Magnabosco

Escrevivências de universitárias na luta pela ciência 41
Michelle Simões & Roberta Oliveira

Amores e dores na docência universitária 45
Miriam Tachibana

Breve relato sobre encontrar na universidade **49**
Anne Stone

Vozes femininas na construção de um percurso acadêmico, uma carta-reflexão **53**
Renata Mattos Avril

Nós… **61**
Louise Prado Alfonso

Por uma universidade menos falocêntrica: escrever e inscrever o gênero **67**
Karine Shamash Szuchman

Carta às mulheres que sou, mas não conheço **73**
Mariana de Fátima Mielke

Ancestralidade – Carta para minha avó Beatriz Eiras **75**
Ana Carolina Coelho

Lapsos de coragem e esperança **79**
Rafaela Villar

Da menina que queria ser doutora… **83**
Aneliana da Silva Prado

A todas as meninas e mulheres que um dia duvidaram de si **87**
Jôse Lane de Sales

Escrita afetiva: uma ferramenta política às mulheres-mães-cientistas **95**
Keyth Vianna

Mulheres **103**
Martha Rodrigues Ferreira

Auroras **105**
Antonia Espindola Longoni Klee

Pesquisar com o corpo **107**
Fernanda Canavêz

Uma princesa… **111**
Tereza Cristina Barbosa Duarte

Pontes de afeto que sustentam uma existência **115**
Roberta Duarte da Luz

Integrando experiências **119**
Shana Hastenpflug Wottrich

(Des)ajustes **125**
Juliana Röpke Duarte

De onde eu venho **131**
Kizzy Lessa Coutinho Vitória

Faria tudo outra vez… **135**
Ana Maria Rebello Magalhães

(Sobre)Vivendo e aprendendo a viver: uma história de assédio moral **141**
Paula Rebello Magalhães de Oliveira

Essa é uma carta de gratidão e despedida **147**
Andrezza Silva

Entre meus caminhos, dentro da minha história **151**
Leiliane Botelho Martins

Aos encontros, potência de vida **159**
Michelle Menezes Wendling

A potência de aprender com afeto **163**
Amanda Hartwig de Hartwig

Sobre habitar a Universidade e as práticas de escrita na experiência como graduanda **169**
Luisa Lislie Both Griebler

Organizadoras **177**

Equipe do projeto **179**

Autoras **181**

Apresentação

Camila Peixoto Farias & Giovana Fagundes Luczinski

O ambiente universitário ainda é uma realidade que, proporcionalmente, poucas mulheres conseguem vivenciar em nosso país – tanto no que se refere a cursar uma graduação, ou pós-graduação, quanto a se tornar professora, pesquisadora ou ocupar cargos diretivos nessas instituições. Além do gênero, somos marcadas por classe, raça, orientação sexual, idade, deficiências e outras interseções, fazendo com que possibilidades sejam violentamente limitadas, ou mesmo interditadas. Quando conseguimos ingressar no ambiente universitário, nós mulheres nos deparamos com inúmeros desafios que advém de um contexto construído e pensado a partir da lógica cisheteropatriarcal, racista, classista e capacitista, alicerçada na concepção universalizante da ciência moderna.

Por essas razões, enquanto professoras que lutam pela transformação dessa realidade, consideramos de fundamental importância dar visibilidade a diversidade de (sobre)vivências das mulheres neste contexto. Cabe ressaltar que quando nos referimos à categoria 'mulher', não estamos propondo a ideia de uma identidade comum ou de um grupo homogêneo. Pensar sobre as mulheres na nossa sociedade é uma tarefa intimamente articulada à ideia de subordinação, mas essa posição não pode ser descrita de forma unívoca: as formas de opressão são diversas, marcadas por questões como raça, classe, sexualidade, localização geopolítica, religião, entre outras. Mas, também são inúmeras as potencialidades dessa categoria volátil, histórica e discursivamente

construída, atravessada por diferentes forças, tanto de silenciamento, quanto de resistência e criação.

Tais reflexões nos levaram a construir, no início da pandemia de Covid-19, em maio de 2020, um projeto de pesquisa intitulado: "Agora é que são elas: a pandemia de Covid-19 contada por mulheres", que conta com a colaboração da Profa. Dra. Fernanda Canavêz e do laboratório que coordena, o Marginália. A partir desse projeto, desenvolvemos ações de extensão e de ensino, como "As mulheres e a pandemia: compartilhando vivências e discutindo questões de gênero". Esta última consistiu em um ciclo de encontros e debates, em julho e agosto de 2020, para discutir questões relativas às mulheres, suas atuações profissionais e a diversidade de suas vivências durante aquela situação inédita em nossa história recente. Os encontros entre profissionais e estudantes revelaram uma série de situações de violência vividas em relação ao contexto acadêmico, tornando ainda mais agudas nossas inquietações: como nós mulheres, em nossa pluralidade de formas de existência, podemos ser/estar no ambiente universitário? Como podemos contribuir para a desconstrução dos regimes de poder que nos violentam e são reproduzidos de forma velada (ou deliberada) nas instituições de ensino? Como explicitar a distribuição desigual das opressões tendo em vista as interseccionalidades que compõe nossas múltiplas formas de existência?

Partindo desses questionamentos, construímos o projeto *Tecendo cartas: (sobre) vivências de mulheres na universidade*. Escolhemos o recurso das cartas como metodologia para o diálogo e a troca de impressões e afetos, bem como o registro de vivências relativas ao ambiente universitário por professoras e estudantes de diferentes instituições do país. Este formato de escrita faz coro a outros trabalhos que elevam o estatuto metodológico das cartas, fazendo circular experiências que extrapolam os formatos tradicionalmente acadêmicos (por exemplo Brito, Bredariol, Vianna, Tsallis e Arendt[1], como também Bernardes, Tavares e Moraes[2]).

1. BRITO, Monique; BREDARIOL, Tereza; VIANNA, Keyth; TSALLIS, Alexandra; ARENDT, Ronald João Jacques. *In:* QUADROS, Laura Cristina de Toledo; MORAES, Marcia Oliveira; BONAMIGO, Irme Salete (orgs.). *Pensar, fazer e escrever:* o pesquisarCOM como política de pesquisa em psicologia. Chapecó: Argos, 2019. p. 259 – 296.
2. TAVARES, Gilead Marchezi; MORAES, Marcia; BERNARDES, Anita Guazzelli. (Orgs.). *Cartas para pensar:* políticas de pesquisa em psicologia. Vitória: EDUFES, 2014.

Iniciamos o processo compartilhando uma primeira carta, convidando as mulheres que haviam participado do projeto de ensino, no referido ciclo de encontros e debates. Em seguida, convidamos aquelas que tínhamos em vista para a participação na segunda edição do evento. Estendemos o convite também às alunas que participavam de nosso projeto de pesquisa/ensino/extensão, bem como formandas/orientandas de nossos laboratórios, o Pulsional e o *Epoché*. Enviamos a carta disparadora (que abre o presente livro) com o convite inicial para a partilha de narrativas sobre o processo de ser/estar na universidade através de uma escrita livre, sem formatações ou regras estabelecidas. Essa escrita, aparentemente simples, carrega em si a potência e o compromisso ético de situar quem escreve, localizando a produção de saberes, como enfatiza Favero[3]na esteira de Donna Haraway[4]. Dessa forma, não é um processo que acontece sem mobilizar quem o abraça.

Diante do convite, muitas aceitaram, algumas não responderam, outras aceitaram, mas mesmo com a ampliação do prazo de entrega várias vezes, não conseguiram escrever, em função das demandas extenuantes do ensino remoto e das reverberações da pandemia em suas vidas. Queremos manifestar nossa solidariedade e nosso carinho a essas mulheres que foram impedidas pela violência do sistema em que vivemos de narrar suas vivências, de participar do projeto. Impedidas pela sobrecarga – já extenuante e intensificada no período pandêmico –, pela exaustão e pelo aprofundamento de inúmeras vulnerabilidades. Queremos também registrar nosso desejo e nosso apelo para que as universidades, para que nós que as compomos, possamos escutar, reconhecer e cuidar dessas violências que povoam nossos cotidianos.

Nesse processo de contato com as mulheres convidadas, ouvimos também relatos sobre o desejo de contar as histórias de violências sofridas e sobre o medo que as paralisava – tanto da própria exposição, quanto da identificação de pessoas ou instituições. Em alguma medida, quase todas as participantes do projeto passaram por um momento de receio: como serei lida? Como será colocar essa vivência no mundo? Como será recebida a narrativa desses

3. FAVERO, Sofia. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 15, n. 3, p. 1-16, 2020. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3518/2397. Acesso em: 16 mar. 2022.

4. HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773. Acesso em: 16 mar. 2022.

acontecimentos? Percebendo este receio também em nós, pudemos dialogar sobre o quanto nos acostumamos a séculos de subjetivação através de duros julgamentos e subjugações, que atuam tanto na vida pública quanto no âmbito psíquico. Com razão, buscamos nos proteger, nos esquivar, evitar a exposição e suas consequências – que podem ser, com grande frequência, violentas e devastadoras.

Como achar a medida entre se mostrar e se preservar? Como construirmos espaços/ tempos de acolhimento, confiança e proteção em meio a tanta violência e subjulgação? Encontramos a intensidade das palavras de Audre Lorde[5] a encorajar nossos movimentos:

> Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você. Mas a cada palavra verdadeira dita, a cada tentativa que fiz de falar as verdades das quais ainda estou em busca, tive contato com outras mulheres enquanto analisávamos as palavras adequadas a um mundo no qual todas nós acreditávamos, superando nossas diferenças. E foi a preocupação e o cuidado dessas mulheres que permitiram esmiuçar aspectos essenciais da minha vida. As mulheres que me apoiaram durante esse período eram brancas e negras, velhas e jovens, lésbicas, bissexuais e heterossexuais, e todas nós travávamos, juntas, uma guerra contra as tiranias do silêncio (LORDE, 2020, p. 52).

Audre Lorde foi uma das mulheres que nos inspiraram a apostar nesse projeto, principalmente através dos textos: "A poesia não é um luxo" e "A transformação do silêncio em linguagem e em ação". Ela nos ensina a nos deslocarmos da paralisia provocada pelo medo – ou pela conformação à lógica hegemônica – comunicando nossa experiência. Em suas palavras: "Passei a acreditar, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida" (p.51). Sabemos que essa tarefa não é simples, pois a expressão de nossos sentimentos tem sido desencorajada e historicamente desqualificada, atrelada à ideia de fragilidade ou loucura. Ao longo do projeto, ouvimos alguns retornos sutis e outros ruidosos sobre a dificuldade de olhar para essa dimensão, pois isso convoca também a corporeidade, trazendo

5. LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

para a cena inúmeras memórias de violências sofridas, as quais, segundo os relatos, muitas vezes só foram identificadas tempos depois ou mesmo durante a escrita da carta. Tudo isso indica o quanto a violência de gênero está naturalizada no ambiente universitário e é reproduzida de forma velada ou explícita. A cada carta que recebíamos íamos sendo tocadas profundamente por vivências marcadas por violências, sofrimentos e dores, mas também por força, coragem e alegria. Organizamos a sequência das cartas no livro seguindo esse movimento vivo de seu recebimento posto em diálogo com aspectos formais de editoração.

Nosso projeto tem como palco um cenário sombrio em nosso país, diante do descaso do governo na contenção da pandemia e na assistência às populações mais vulneráveis. Além disso, vemos um ataque sistemático à ciência e às universidades, principalmente as instituições de ensino públicas, precarizando o ensino, a pesquisa e a extensão, prejudicando a permanência de estudantes e professoras. Justamente nesse contexto, acreditamos na potência da criação de redes, de construções colaborativas, espaços/tempos de acolhimento e escuta da pluralidade. Reconhecer as dores, as formas de existir e de resistir dentro da universidade, as conquistas e os percursos realizados e em construção, torna-se ainda mais importante para que possamos seguir. Precisamos construir formas vivas e que nos garantam o mínimo de satisfação para continuar apesar desse cenário que nos diz a todo tempo, em maior ou menor grau, que a universidade não é um lugar para nós.

Estar nesse local, seja como estudante ou docente, torna-se um constante exercício de criação e resistência, no qual a escrita – em sua diversidade de formas, estilos e conteúdos – tem um papel fundamental. Gloria Anzaldúa[6] nos inspira a tecer este movimento e compartilhamos trechos inspiradores da sua carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo:

> Muitos têm habilidade com as palavras. Denominam-se visionários, mas não vêem. Muitos têm o dom da língua, mas nada para dizer. Não os escutem. Muitos que têm palavras e língua, não têm ouvidos. Não podem ouvir e não saberão. [...] Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar

6. Link da carta na íntegra: ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 16 mar. 2022.

> as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordaças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel.[...] Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em Vocês (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

Que possamos seguir construindo espaços/tempos para narrarmos nossas histórias e escutarmos as de outras mulheres; espaços/tempos de acolhimento, confiança, colaboração, criação e resistência. Por fim, agradecemos a generosidade, acolhimento e confiança daquelas que compartilharam conosco suas narrativas. Esse livro só existe porque elas ousaram revisitar seu percurso na universidade, ousaram acessar memórias e costurá-las por meio de palavras tecidas com afeto, dor, coragem e celebração.

Deixamos nosso abraço e nosso desejo de novas trocas e construções conjuntas!

Afetuosamente,
Camila e Giovana.
Pelotas-RS, fevereiro de 2022.

Reinventando supostos pontos de chegada

Camila Peixoto Farias

Pelotas, novembro de 2020

Olá,

Espero que você esteja bem, apesar do contexto histórico tão desafiador que estamos vivendo. Eu estou escrevendo para compartilhar alguns questionamentos que tenho me feito quanto aos caminhos que segui até aqui no âmbito profissional (sou professora e pesquisadora em uma universidade pública). Esses questionamentos são no sentido de me recolocar diante de tais caminhos, perceber coisas que passaram despercebidas, fazer novas perguntas, prestar mais atenção ao que eu sinto/senti ao percorrê-los. Muitas vezes, me pego pensando se esses questionamentos fazem sentido, afinal amo o que eu faço e quero continuar nesse caminho. Porém, imediatamente surge a questão: Quando se atinge um suposto "ponto de chegada", o que nos faz seguir caminhando?

Falo em um suposto "ponto de chegada" porque o ensino básico foi o que a geração que me antecedeu pôde alcançar. Nesse contexto, chegar à universidade era um sonho, uma quebra de paradigma. Fazer parte da universidade, tornar-me professora/pesquisadora é um "ponto de chegada" muito significativo, que foi sendo construído ao longo do percurso, pois sequer era possível ser imaginado anteriormente.

Para chegar até aqui eu foquei muito no fazer, foquei na ideia do que faltava para eu me tornar uma professora/pesquisadora (não que isso seja um processo acabado, ao contrário). Eu fiz muitas coisas, construí um percurso do qual me orgulho muito. Porém, hoje percebo que esse percurso estava marcado pela ideia de falta, por um olhar de insuficiência para mim mesma – alicerçado principalmente nos marcadores sociais de gênero e classe. Esse olhar começou a ser construído desde muito cedo. Eu cresci ouvindo como deveria ser, que muito do que eu era não era apropriado para uma menina, que eu deveria mudar, me adequar.

Na nossa sociedade, educamos as crianças – principalmente as meninas – para irem se tornando adequadas à reprodução do cisheteropatriarcado, do racismo, do capitalismo, ou seja, adaptadas aos regimes de poder que nos subordinam. Dentro dessa lógica, crescemos voltadas para o que supostamente nos falta, para quem "deveríamos" nos tornar. Crescemos submetidas aos modelos impostos pelo sistema, submetidas à ideia de que devemos nos adequar a tais exigências (dependendo da orientação sexual, da raça e da classe as exigências são ainda mais violentas e dessubjetivantes). Vamos nos afastando de nós mesmas, dos nossos corpos, dos nossos afetos, dos nossos desejos, dos contextos que nos constituem.

Uma falta imaginária nos é imposta e passa a organizar a nossa subjetividade, tornando-se o centro de nossas vidas. O que não percebemos é que a falta que nos é imposta desde cedo está intimamente relacionada à subordinação a esses regimes de poder que regem a nossa sociedade – e que são reproduzidos nas universidades. Portanto não nos falta nada, mas o sistema nos convence de que nos falta muita coisa e que só seremos "alguém" (como se não fossemos!) se nos adequarmos às suas exigências e ideais. E esse é o ponto que eu quero te convidar a pensar comigo.

E se nossas escolhas, caminhos e construções profissionais tivessem como alicerce quem somos, as nossas histórias, as nossas experiências, os contextos que nos constituem, os nossos afetos, o nosso sentir? Com certeza cada uma de nós tem muito para aprender, para desconstruir e construir, mas isso pode ser feito não porque nos falta algo, mas porque desejamos fazê-lo.

Desde o nascimento do meu filho, eu tenho pensando muito nisso. Essa experiência potencializou um processo de questionamentos que já estava em curso. Atravessar o puerpério, cuidar de um bebê recém-nascido me recolocou de uma forma visceral diante de mim mesma, dos meus afetos, de uma diversidade de facetas que me constituem. E sabem por quê? Porque só se cuida de

alguém a partir do que somos, nesse campo as teorias não vigoram e os manuais tornam-se letras mudas nas prateleiras. Cuidar de alguém é da ordem do ser, do sentir, do estar presente. Eu percebo que esse momento me colocou diante de facetas de mim mesma que há muito eu não via – e diante de algumas que eu desconhecia. Isso me interrogou sobre meus afetos, sobre meus amores, sobre meus prazeres, sobre meus sorrisos, sobre minhas lágrimas, sobre os contextos que me constituíram...sobre o modo como eu estava olhando para mim mesma. Conto essa experiência como uma forma de manter a conexão com esse encontro. Acredito que momentos como esse podem ocorrer de diversas formas (não apenas pela via da maternidade). Esse momento tem sido para mim uma boa referência para reinvenção do meu fazer profissional, das minhas escolhas e formas de existir; uma boa referência para reinventar minhas formas de ser e estar na universidade.

Depois que meu filho nasceu (ele tem dois anos) senti de forma ainda mais intensa a violência desses regimes de poder no meio acadêmico. Muitas parcerias de trabalho foram se afastando, na medida que percebiam que eu não conseguia manter o mesmo ritmo de trabalho anterior à maternidade; "conselhos" constantes sem serem solicitados eram dirigidos a mim, sugerindo como eu devia conduzir meu fazer na universidade. Ouvi de um colega, quando eu disse que amamentava meu filho de 1 ano e meio, que eu já havia retornado da licença maternidade há um ano e que ficar querendo ajustar horários usando essa "desculpa" da amamentação estava "demais". Além disso, me advertiu – sem conhecer meu filho e muito menos a relação que temos – que eu devia me preocupar com essa "relação simbiótica" que eu estava mantendo, que já estava na hora de eu me separar dele.

Um corpo que tem seios, que amamenta, um corpo vivo afronta os regimes de poder que são reproduzidos no meio acadêmico e, portanto, deve ser silenciado, questionado, invalidado, desqualificado. Em meio a esse contexto, nos poucos momentos fora das salas da universidade, eu estava trocando fraldas, amamentando, dormindo um pouco e me sentindo péssima em função da lógica violenta que impera em nossas universidades, lógica que exige que nós mulheres desconsideremos nossas existências, nossos corpos, nosso contexto de vida, nossos afetos, que nos desconectemos de nossas vivências, interesses e questões. Isso estava esvaziando minha experiência de ser/estar/ trabalhar na universidade. Foi aí que percebi que só seria possível continuar rompendo com essa lógica, caminhando na direção da afirmação do meu corpo e de sua vida, da mulher que sou/ estou em meu fazer acadêmico.

Nesse sentido, fico pensando que o nosso fazer, nossas escolhas podem ser pensadas como o encontro com inúmeras oportunidades de contarmos as nossas histórias, de darmos espaço para quem somos e para o que estamos vivendo. Como oportunidades de construirmos e inventarmos versões das nossas histórias, versões de nós mesmas, construindo múltiplos olhares para quem nos tornamos. Dessa forma, as transformações e reinvenções podem assumir o protagonismo merecido em nossas vidas, em nossos fazeres profissionais, para que possamos seguir caminhando – não movidas por uma suposta falta, mas pela alegria e pelos desafios de sermos quem somos, pela alegria de seguirmos construindo, desconstruindo, criando, repensando e recolocando nossas narrativas, contando novas versões e criando novas histórias. Histórias que deixam de ser únicas e passam a ser múltiplas, sem perder a singularidade. E assim podemos romper com a suposta neutralidade cisheteropatriarcal, racista e classista que nos exclui constantemente dentro do ambiente universitário.

As universidades precisam tornar-se um espaço em que possamos ser/existir/trabalhar em nossa pluralidade, em que as condições de permanência não sejam balizadas pelos regimes de poder e subalternização que violentam e desqualificam nossos corpos, nossas vivências, nossas narrativas, nossos interesses e nossas construções.

Talvez, para a construção de um mundo que acolha a diversidade da existência humana, nos encontrarmos com a diversidade que nos habita e refletirmos sobre sua construção histórico-social seja um passo importante para afirmarmos nossas diferenças e semelhanças e reconhecermos as das outras pessoas. E, talvez, isso também seja fundamental para seguirmos reinventando as formas de fazer ciência e estar na universidade. Seguir caminhando, em alguns momentos, parece depender da reinvenção do caminhar. Assim, supostos "pontos de chegada" – por mais significativos que possam ser – transformam-se em "pontos de partida."

Nas últimas décadas, as formas de fazer ciência e estar na universidade têm sido reinventadas – fundamentalmente por mulheres – e isso tem íntima relação com as possibilidades de ser/estar na universidade estarem se tornando mais diversas, mais plurais. Vamos dar continuidade a essa reinvenção?

Com alegria e esperança,
Camila Peixoto Farias.

Carta-trajetória: ambiguidades, paisagens e afetos

Giovana Fagundes Luczinski

Belo Horizonte, janeiro de 2021

Queridas leitoras,

Espero que estejam bem – dentro dos possíveis que nosso momento histórico apresenta. Há coisas que só vemos quando nossa relação com a temporalidade se transforma – algo que tem acontecido com todas nós, em alguma medida, durante a situação de pandemia. Com sentidos amplificados, reaprendi a olhar para dentro e para fora, alternando perdas e ganhos, criações e desconstruções, silêncios, palavras e imagens. No presente contexto, escrever sobre ser mulher e estar na universidade, através do projeto de cartas que criamos, me convida a uma tessitura de trajetos e afetos. Principalmente, porque escrevo de Belo Horizonte, minha cidade natal, tendo me reconectado com minhas raízes de uma forma visceral durante alguns meses. Ao mesmo tempo, sinto-me nômade e desconectada da concretude dos encontros devido à necessidade (e o privilégio da possibilidade) do isolamento social, mesmo que convocada, todos os dias, à ubiquidade do ensino remoto e do mundo virtual. Por isso, sinto-me instigada a me situar, de diferentes maneiras, na escrita dessa carta, traçando uma linha do tempo, identificando encontros e decisões que me fizeram chegar ao lugar de docente em uma universidade pública.

Sendo filha e irmã de professoras da educação infantil, convivi com salas de aula e histórias desde cedo, instigada a conhecer o mundo através dos livros e a criar a partir das descobertas empreendidas. Essa vivência ampliou meus horizontes, deu asas à imaginação e me possibilitou sonhar com outros mundos e outras formas de habitá-los. A literatura foi o primeiro tipo de arte que me foi apresentado e as histórias, biográficas ou fantásticas, permearam e compuseram meu olhar e meu acontecer no mundo.

Ao mesmo tempo, como pessoa historicamente situada, cresci sob o modo de pensar fundamentado no paradigma das ciências naturais e, nessa mentalidade, desenvolvi uma formação lógico-racional com a qual cheguei à Psicologia. Aos dezoito anos, quando comecei minha graduação, eu compreendia essa profissão como um ponto de encontro entre a intervenção científica e o testemunho de histórias singulares, ricas como as do universo literário que tanto me cativava. Iniciei minha formação com este ideal, mas quanto mais eu buscava o aparato psicológico tradicional para dar conta das intervenções, mais eu percebia que o conceito de ciência predominante não se aplicava às questões humanas como eu as concebia. Olhando para o chão do mundo da vida, como nos ensinou Edmund Husserl,[1] revelava-se um hiato entre as teorias, a complexidade social e as múltiplas formas através das quais o ser humano pode se mostrar nas relações. A partir dessa primeira quebra de paradigmas, fui tecendo uma trajetória que passou a identificar e sustentar as angústias, incoerências e tensões próprias da profissão.

Portanto, a universidade, para mim, tem a marca da ambiguidade, a qual constitui a Psicologia, justamente por ser o modo da própria condição humana. De forma atávica, as pessoas são instigadas pela busca, pela errância e pela mudança, mas também pelo desejo de permanência, entendimento e controle. Abraçar nossa incompletude e inacabamento contribui para transitar entre estes polos, bem como aprofundar a conexão com a materialidade que nos cerca, onde habitamos. A universidade, por exemplo, vista como lugar neutro detentor/produtor do saber científico, está profundamente ligada ao território no qual se situa e traz essas marcas naquilo que oferece aos estudantes e ao mundo enquanto saber produzido. Percebo tais marcas na minha constituição enquanto psicóloga. Graduei-me entre as montanhas de Minas, morei/estudei nas duas maiores metrópoles do país, São Paulo e Rio

1. Edmund Husserl foi o criador da Fenomenologia, marcando um posicionamento filosófico original no início do século XX.

de Janeiro, seguindo para o sul do Rio Grande do Sul, em meio aos pampas e a manhãs geladas do inverno pelotense. Apurar o olhar para estes territórios me marcou profundamente: as diferenças de sotaques, sentidos, modos de vida, temperaturas e sabores possibilitaram encontros com a diversidade e sua potência. Não por acaso, o que mais me atraía no mundo universitário, na graduação, eram os projetos de extensão. Tive a alegria de trabalhar com professoras inspiradoras em instituições em Belo Horizonte, em Vespasiano/MG, ou na Vila Brasilândia, em São Paulo, entre outras. A oportunidade de atuar com populações vulnerabilizadas nesses locais mudou perspectivas e me fez descobrir meu desejo extensionista. Então, pela primeira vez, sonhei me tornar uma professora universitária, para que pudesse tecer parcerias entre a universidade e as comunidades, trabalhando nos contextos em que as pessoas estivessem. No entanto, eu não me via trilhando este caminho. Acreditava que não tinha o perfil necessário para ser uma docente, conciliando ensino, pesquisa e extensão. Eu via professores-pesquisadores como seres dotados de uma intelectualidade que eu julgava não possuir. A pesquisa, principalmente, seria para poucos iniciados, versados em caminhos ainda nebulosos, cânones determinados e exigências intimidadoras.

Creio que aqui posso fazer uma pausa e me perguntar, por que, vinte anos atrás, eu não me achava boa o suficiente para fazer um mestrado, um doutorado ou seguir um percurso na docência do ensino "superior". Será que podemos relacionar este sentimento a questões de classe e gênero? No meu caso, fui a primeira pessoa de toda a minha família a obter o diploma universitário. Escolhi uma profissão ligada ao cuidado e passei a acolher uma espécie de missão tácita ligada à prática da assistência, sentindo-me forjada para tal e não para a produção do conhecimento. Quantas mulheres têm denunciado essa expectativa social através de seus escritos, nas últimas décadas?

Premiada com uma bolsa concedida pelo MEC, no final da graduação, delineou-se assim meu caminho para o mestrado. Ainda ressabiada, escolhi a cidade de São Paulo para que pudesse mergulhar no universo da Psicologia Fenomenológica, desenvolvendo uma pesquisa empírica. Foi uma experiência desafiadora e alargadora, mas oito anos se passaram até que eu decidisse ingressar no doutorado. Afinal, a carreira docente não estava em meus planos e decidi retornar à "prática". Volto a me perguntar: de onde vinha essa recusa a habitar os espaços públicos acadêmicos, ligados ao saber-poder no imaginário social?

Nesse intervalo, quando me inscrevia para apresentar nos congressos as produções decorrentes das minhas experiências profissionais, ou quando submetia algum artigo, eu me deparava com a exigência de preencher os dados de filiação institucional. Era sempre um pouco desconcertante aquela lacuna a induzir que a produção do saber deveria estar alicerçada em um lugar: a academia. Eu ouvia sobre esse desconforto de outras psicólogas que, como eu, integravam teoria e prática, mas se sentiam "fora" desse universo (a dicotomia fora e dentro era apenas uma das muitas formas de binarismo atravessando a Psicologia, gerando tensões). Pois se era inadequado estar fora, eu também percebia, em amigos/as docentes, um sentimento de inadequação constante em estar dentro, devido a lógica da produtividade, patrulhamentos intelectuais, vaidades e sensações de insuficiência que permeiam este espaço. Além disso, desde a graduação, eu via professoras/es sobrecarregadas/os com atividades de ensino, pesquisa, extensão, além de tarefas administrativas. Ao contrário da imagem que circula entre a população, de que o docente universitário trabalha pouco e gera altos custos para o governo, eu via pessoas que desenvolviam projetos, se empenhavam teoricamente, prestavam serviços à comunidade e se dedicavam à formação de inúmeros estudantes – futuros profissionais da psicologia. Como dar conta de todas essas demandas?

Por isso eu havia tomado a decisão de seguir carreira solo, mas a realidade concreta me interpelou: subi os morros na cidade do Rio para trabalhar com orientação profissional clínica através de uma ONG e meu aparato teórico foi posto à prova, gerando deslocamentos e inquietações. Eu precisava voltar à universidade, pois havia encontrado uma questão visceral que me motivava a pesquisar. Queria, finalmente, fazer o doutorado e escolhi novamente a pesquisa de campo, apostando no encontro como acontecimento transformador e produtor de saberes. Pouco depois do término do doutorado, me tornei professora substituta em Rio das Ostras e me apaixonei pelo ensino na graduação, tomando a decisão de seguir essa trajetória. Na sequência, entrei efetivamente para a UFPel e me mudei para Pelotas-RS, em um movimento de abertura existencial aos novos encontros, novas paisagens e a busca de somar à construção de uma pluriversidade.

No entanto, a velha ambiguidade que eu percebia na universidade, desde a graduação, continuava presente: caminhos de conhecimento e cuidado são construídos todos os dias, mas muitas violências seguem sendo reproduzidas nos seus espaços. Por isso, estar na universidade, para mim, tem sido o exer-

cício constante de promover-criar um lugar de encontros que permita resistir todos os dias as lógicas impostas pelo pensamento hegemônico, redutivo, absolutizante. Isso significa questionar os modelos de ensino-aprendizagem e de ciência predominantes, geralmente elitistas, brancos, eurocentrados e masculinos. Preciso estar ciente de que me apresento em sala de aula como um corpo concreto que habita um mundo historicizado. No meu caso: o corpo de uma mulher branca, com cabelos e olhos claros – molde valorizado por nossa cultura. Apesar do meu metro e meio de altura, essa compleição faz com que eu seja vista, ouvida e usufrua dos privilégios da branquitude em minha trajetória. Estes se misturam, muitas vezes, de forma velada, às inúmeras tentativas de silenciamento que recaem sobre as mulheres, cotidianamente, dentro e fora da academia. São falas e violências de gênero constantemente colocadas de onde menos se espera, com efeitos desestabilizadores. Entendi que, junto com a consciência dos privilégios e de um posicionamento crítico quanto a eles, era preciso encarar e vivenciar as dores das opressões vividas, buscando uma militância amorosa e dialógica.

Portanto, a resistência não basta, pois nos tornaria reativas; e a desconstrução sem proposição ou ressignificação, gera apenas críticas vazias. Aprendi com Hannah Arendt[1] que precisamos criar espaços de re-existência e reconciliação com o mundo, por mais dura que seja a realidade. O amor-mundi é o caminho apontado pela filósofa e o lugar onde melhor consigo expressá-lo tem sido o chão (tela) da sala de aula. Os encontros dialógicos têm sido fonte de nutrição e insights através de estranhamentos e descobertas conjuntas, sustos, desconstruções e testemunho, com acolhimento da pluralidade que nos constitui.

Ser/estar/trabalhar na universidade, enquanto mulher, são ações movidas por muitos afetos, valores e pensamentos imbricados em uma trajetória. Compartilho este percurso de um lugar de perplexidade e construção contínua da narrativa da minha própria história. Narrar é o caminho para fazer uma experiência e se apropriar dela, como já marcava nosso querido Walter Benjamin.[2] É um modo de viajar, de percorrer distâncias, de acolher com o corpo as marcas que a caminhada produz.

1. Filósofa que desenvolve uma fenomenologia das atividades humanas, principalmente na obra A condição humana, de 195.
2. Walter Benjamin aborda essa questão no conhecido ensaio "Experiência e pobreza", de 1933.

Assim, através dos encontros e das narrativas partilhadas, sigo buscando, não só compreender o mundo, mas transformá-lo, enquanto sua facticidade me transforma, simultaneamente.

Obrigada pela leitura, que me permite compartilhar estes sentidos.

Com carinho,
Giovana Fagundes

Carta às pesquisadoras que criam caso

Marília Silveira

Maceió, 27 de janeiro de 2021

Queridas Camila e Giovana,

Escrevo esta carta em resposta as que li de convite vindo de vocês duas, que me chegou pela Giovana. Fiquei pensando que a carta da Camila e a proposta de vocês conversam muito com um livro das filósofas Isabelle Stengers e Vinciane Despret. O livro em francês se chama "Les faiseuses d'histoires /Que font les femmes à la pensée?". O título pode ser traduzido por "as fazedoras/ contadoras de histórias/ o que as mulheres estão pensando ou o que fazem as mulheres ao pensamento? Mas a expressão *Les faiseuses d'histoires* guarda uma ambiguidade, porque pode ser tanto traduzido por fazedoras/contadoras de histórias quanto "criadoras de caso" num português coloquial. Tanto que na tradução em inglês ficou "Women Who Make a Fuss" – que também tem esse sentido de criar caso, fazer bagunça.

Nesse livro as autoras convocam outras 11 mulheres que também trabalham na universidade, em diferentes áreas para que escrevam cartas sobre como é ser mulher e estar na universidade. Elas partem de um alerta feito pela Virginia Woolf na Inglaterra burguesa da década de 30 do século passado. Em "Think we must" – "pensar nós devemos", Virgínia diz "pensar nós devemos" quando os homens cultos nos convidam a entrar na universidade. Porque o convite é feito para que a gente valide o pensamento deles, e não crie casos…

Isso era 1930, a gente não podia estar na universidade. E quando lemos esse livro nos perguntamos, junto com as autoras: como é ser mulher e estar na universidade? De partida podemos afirmar que não é a mesma coisa que ser homem e estar na universidade. Mas posso falar apenas do lugar de mulher branca não heterossexual, porque a mim a entrada na universidade não me foi negada, em nenhum momento da minha formação eu senti que não pertencia àquele lugar. Algo muito diferente do que eu escuto hoje das estudantes negras e periféricas que frequentam minhas aulas. Tenho essa impressão de que a mim não foi negado conhecimento. Porque o acesso ao conhecimento, aprendi com Vera Moura, uma de minhas mestras, está nos livros não nas pessoas. Sob sua orientação eu li "o Mestre Ignorante" de Jacques Rancière, filósofo francês, que me abriu a possibilidade de aprender o que eu quisesse e li e conheci pessoalmente Alicia Fernández, psicopedagoga argentina, que me ensinou a analisar as modalidades de ensino de cada professor/a. Mas em várias aulas me foi negada a possibilidade de pensar. Foi pela mão das mulheres professoras que fui levada a exercitar o pensamento. Pela mão de outras fui também impedida de pensar. Fui orientada a dar "apenas o que as/os professores/as pedem" a fim de não reprovar em disciplinas ou perder estágios. E insisto, durante a minha formação eu nunca pensei que não pertencia àquele lugar. A experiência como professora (substituta, bolsista do PNPD, visitante) sim me trouxe e me traz a cada novo concurso docente essa questão: será que eu pertenço a esse lugar?

Voltando ao livro, elas se afirmam então como filhas infiéis de Virginia Woolf, por não terem obedecido ao questionamento, nem ao pedido de Virginia de não se ligarem ao pensamento e a obra dela por meio de filiação. E por terem entrado na universidade sem pensar o que esse convite dos homens cultos guardava. Há um capítulo em que elas falam sobre a herança, os pesos que nossos campos de conhecimento têm e que efeitos produzimos ao inserir coisas estranhas ao pensamento do campo, coisas que comumente as mulheres fazem. Como por exemplo Vinciane Despret no campo da etologia, quando discute as emoções.

Já não sei mais em qual livro eu li sobre isso, se nas "fazedoras" mesmo, ou no "La ridícula idea de no volver a verte" de Rosa Montero (é um livro sobre o luto, que conta a história da Marie Curie – a única pessoa que até hoje ganhou dois prêmios Nobel em áreas técnicas distintas) ou se foi num texto de Haraway sobre a Barbara McClintock (uma cientista que estudou o gene do milho) que a presença das mulheres no campo da ciência também produziu conhecimento

que refutava de forma veemente os grandes achados clássicos, por exemplo, quanto ao comportamento dos animais. O campo da etologia produziu durante muito tempo animais a imagem e semelhança do homem branco, ou de deus, que para eles é a mesma coisa. Então de seus estudos aprendemos que os macacos eram violentos, possessivos e heterossexuais, mas quando Jane Goodall imergiu durante anos no estudo dos macacos, bem, a história que ela pôde contar foi bem outra. Isso porque as mulheres nessa época (será que só nessa época?) ficavam muito mais tempo no campo de pesquisa, porque os homens pesquisadores precisavam voltar para assumir cargos importantes na universidade, então às mulheres, que não tinham postos de ensino ou de gestão, ficava facultada a possibilidade de se dedicar durante anos num território, como fez Jane Goodall.

De fato, se nós no campo psicológico estudamos sobre processos de subjetivação fica óbvio pensar que todo o conhecimento produzido será diferente visto que é produzido por uma pessoa diferente. No entanto, o processo é um pouco mais complexo do que isso porque existem inúmeras disputas de poder, existe hegemonia de pensamento, existem preconceitos e racialização na produção do conhecimento. Isso precisei aprender com o movimento negro e com o giro decolonial. Há uma divisão na produção do conhecimento ocidental que diz respeito também à separação dicotômica entre corpo e pensamento entre teoria e prática. Nós mulheres estaríamos situadas na dimensão do afeto, do corpo e da prática. Então nós estaríamos contra o pensamento clássico científico. Nosso conhecimento então corre o risco de ser marcado como uma ciência menor, como um conhecimento menos importante ou menos fidedigno. Desde a década de 1980 Donna Haraway coloca em discussão junto com outras autoras a possibilidade de pensar epistemologias marcadas, situadas e reivindica que todo conhecimento é produzido de modo situado. Ela diz que o pensamento científico em geral é não marcado, ou seja, não conta sobre as condições em que o conhecimento foi produzido. E se a gente precisar de um filósofo francês para falar sobre isso é Foucault quem diz sobre "as condições de possibilidade" da produção de conhecimento. Haraway fala que o conhecimento é sempre marcado, é sempre local, é sempre situado. Entre a produção de um fato científico e a escrita dele (para validação dos pares) uma operação acontece, isso que Isabelle Stengers chama de "desencantar o conhecimento", ou seja, retirar a história que o produziu. Essa operação é muito comum na ciência tradicional porque é dessa forma que nós transformamos

conhecimentos locais, produzidos localmente em conhecimentos universais, em explicações universais. Agora, se Michel Foucault pode pensar que andava contra os universais, que andava na direção de desmontar os universais, ou se Bruno Latour insiste nas controvérsias da produção de qualquer fato científico, as cientistas feministas levaram essa proposição ainda mais adiante, de forma ainda mais incisiva. Não basta apenas contar de quais conexões foram feitas o conhecimento que você produz mas é preciso se responsabilizar por ele. Responsabilizar não no sentido de incorporar regras, mas no sentido de partilhar a responsabilidade sobre sua produção e para isso precisaríamos pensar que mundos o conhecimento de nossas pesquisas produz. Nossos resultados nos levam a um mundo mais justo, mais igualitário, mais democrático, mais plural? Ou será que nos leva à manutenção do status quo, de práticas higienistas, antidemocráticas? Em seu texto sobre os "saberes localizados" Haraway faz essa pergunta do modo mais incisivo que já escutei quando discute a objetividade, ela diz: "com o sangue de quem foram feitos os teus olhos?" Haraway critica um posicionamento comum na ciência, o de ser um grande olho universal que tudo enxerga, a persistência da visão como metáfora para a produção do conhecimento é também questionada em seu texto.

Em português, no Brasil e na Universidade nós somos, muitas vezes, acusadas de "criar caso" com o que não precisa, né? Quando a gente discute com os colegas e nossas ideias só são validadas quando um homem ("por acaso" sempre branco, "por acaso" sempre hétero) toma de nós as palavras e as lança como se fossem a grande novidade, ou a grande solução e aceitas por todos(as) demais sem nenhuma questão. Qualquer mulher acadêmica em qualquer universidade já vivenciou isso em uma reunião de colegiado ou de conselho. E pode ser que no lugar desse homem branco hetero também esteja uma mulher. Ser mulher, ou não ser heterossexual, também não é necessariamente garantia de uma partilha generosa e não misógina.

Penso que a gente não percebe isso o tempo todo, a maioria de nós levamos décadas para perceber, porque fomos subjetivadas a não estar em lugar de destaque desde que nascemos. E eu sigo falando do lugar de mulher branca, porque as experiências das mulheres negras de silenciamento chegam muito antes na vida.

Eu migrei duas vezes de estado, do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro, e do Rio de Janeiro para Maceió. Nesse caminho experimentei também o deslocamento do "centro de produção do conhecimento brasileiro". A

experiência no Rio de Janeiro embora dolorosa do ponto de vista pessoal até a organização de uma vida possível de ser vivida, contrasta com a experiência atual na medida em que os convites para escrever eram incessantes. Publiquei boa parte de minha tese antes mesmo de terminá-la, fui resolvendo, a cada convite para um capítulo, um artigo numa edição especial, algum problema de minha tese. Quando migrei do Sudeste para o nordeste, entendi na pele a dimensão periférica da produção do conhecimento. Ao mesmo tempo em que fui muito bem recebida (como são todos os "estrangeiros" aqui) e demorei para perceber que esse lugar guardava uma ambiguidade, tanto o lugar de pós-doutoranda quanto lugar da universidade em Alagoas. Quando mudei para cá, mudei de classe social, aqui em Alagoas a burguesia se constitui entre outras profissões pelos professores universitários. Não é incomum em grandes shows e eventos na cidade encontrarmos como estrelas da noite a reitora da universidade e seus pares pró-reitores. Saber-se conhecida por ser professora da universidade federal mesmo que não seja concursada, garante aqui séries de privilégios, inclusive nenhuma solicitação de pagamento adiantado para o aluguel de qualquer apartamento, ser professora da UFAL é uma garantia que chega antes das pessoas te conhecerem, não importa o tipo de vínculo, te coloca na escala social em um lugar superior ao restante da população. Não obstante o salário, mesmo que seja uma bolsa, é maior do que o salário de 90% da população, algo que também acontece em grandes centros urbanos.

Então tem uma recolocação de lugar, eu senti isso. Mas desde que cheguei também tem sido o tempo de fazer inúmeros concursos públicos, e entre me ocupar de um pós-doc que não é apenas fazer uma pesquisa, mas numa universidade periférica é entrar no funcionamento de um corpo docente exíguo, me atingiu diretamente no primeiro quesito avaliador: a produção de artigos. Meu vínculo aqui foi direto com a pós-graduação, a bolsa do Programa Nacional de Pós-doutorado da CAPES para Programas de Pós-graduação nota 3, como este, é de cinco anos, tendo em vista que se trataria de uma espécie de probatório, e dentro desse período abriria uma vaga de concurso para efetivo. Mas num governo genocida e durante uma pandemia, nada disso se tornou possível e eu pude por enquanto, migrar de 4 anos de bolsa PNPD para um contrato de dois anos como professora visitante. Entretanto, ocupar um lugar aqui, tem significado trabalhar com a mesma carga horária que todos os professores em sala de aula (três disciplinas, orientação de monografia, pesquisa, extensão, reuniões de colegiado...) e isso impactou diretamente na minha produção.

Além de eu estar à margem geograficamente, na menor universidade federal do Nordeste, na menor capital do nordeste. Os convites para escrever não chegavam mais como antes. É também um processo solitário, em que apesar de ainda ser bolsista, sou pesquisadora, e preciso definir os caminhos de meus estudos, firmar um lugar no mundo acadêmico. Entre cargas horárias, demandas existenciais e concursos, desde que cheguei aqui, fiz dois concursos por ano, o que significam mergulhos em campos teóricos que por mais que me enquadre são sempre maiores do que o que faço. A cada ano também preciso apresentar um projeto de pesquisa no edital de PIBIC e é nesse momento, em que meu currículo é de novo avaliado, que percebo as escolhas por produção de capítulos em detrimentos de artigos e minha pontuação vai caindo porque não estou publicando em revistas A anualmente como deveria e por aí corro o risco a cada ano de perder a bolsa de iniciação científica. Assim como corro a cada ano o risco de ficar para trás nas provas de títulos dos concursos. Embora eu tenha sido formada na engrenagem da produção e tenha publicado todas as coisas interessantes que fiz desde a graduação, o lugar de docente enrijece o pensamento, a fluidez da escrita, o prazer da leitura. A pandemia intensificou a vida nas telas e nos obrigou a fazer de nossa casa nosso lugar de trabalho 24 horas por dia. E eu nem tenho filhos, nem sou casada. Porque sendo mulher esses dois outros elementos me trariam ainda mais exigências e mais trabalho.

Hoje quando eu leio aquele monte de reflexões que os autores famosos fizeram durante a pandemia, a primeira coisa que penso quando abro o texto é: "certeza que ele não está limpando o próprio banheiro, nem fazendo a comida dele, nem lavando a louça ou a roupa, porque qualquer mulher que precisa se ocupar da limpeza da casa, mesmo que more sozinha, não teve tempo de escrever 85 páginas de reflexão sobre algo que está acontecendo agora, lidar com o medo insano de adoecer, enquanto a máquina de lavar pifa, ou a criança adoece no sofá da sala".

Noutro texto de Virginia Woolf "Um teto todo seu", ela diz que uma mulher "para escrever ficção precisa de dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio", bem, acho que nessa pandemia ficou bem evidente que essa não é a condição da imensa maioria das mulheres, as que puderam ficar em casa acumularam ainda mais funções, outras ainda precisaram seguir se arriscando a se contaminar. Eu sou filha única e eu sempre tive "um quarto todo meu" com escrivaninha em todas as casas que morei com meus pais. Quando saí de casa aluguei quartos levando meus móveis, quando fui para o Rio também aluguei

um quarto em que cabia uma escrivaninha. Nos dois apartamentos que vivi e vivo em Maceió, o espaço se ampliou, e aqui tenho tido sempre "uma casa toda minha", tenho silêncio na maior parte do tempo, tenho dinheiro, e só isso já me bota "na frente" de um monte de gente, ainda mais numa pandemia. Nós costumamos ler isso como um privilégio, porque vivemos numa sociedade estruturada de modo racista e desigual, porque a moradia é um direito universal. Mas aprendi com a ciência hegemônica o quanto esse universal apaga as marcas cotidianas da vida, da violência, da misoginia e do racismo.

Hoje eu escrevo desde um quarto próprio, o lugar mais confortável que até hoje pude montar para viver, mas ele ainda não está garantido, pois sigo num contrato temporário, sigo sem ter certeza se este é meu lugar, como a cada concurso em que não passo, ou que não me classifico em primeiro, me pergunto se a universidade é mesmo o meu lugar, por mais que eu ame o trabalho intelectual e o ensino, toda reprovação ou classificação "pior" me faz pensar que algo do que eu faço não encaixa na engrenagem acadêmica. Me faz pensar que falho, ali onde crio caso, no jeito de falar, de apresentar uma aula, de escrever um memorial ou uma prova. Algo que todo mundo que conhece meu trabalho celebra, mas que até agora não tem servido para conquistar minha posição "definitiva" numa universidade. Será?

Agradeço o convite de vocês a pensar junto essas coisas, tenho vivido com muita alegria os encontros com outras mulheres que também criam caso e fazem história.

Um abraço,
Marília Silveira

Cartas: narrativas que nos possibilitam uma volta para casa

Maria Madalena Magnabosco

Belo Horizonte, fevereiro de 2021.

Ao ser convidada para participar deste projeto e dialogar com outras pessoas a partir de uma carta compartilhando questões de gênero e vivências relativas destas na universidade, logo pensei: – interessante o modelo carta para esse diálogo.

Pensei sobre a importância de pararmos para ler uma carta. Uma das características que a escrita da carta implica é uma suspensão no tempo cotidiano das atividades para recebermos notícias de alguém, adentrarmos em seu mundo, imaginarmos as situações descritas, enfim, sairmos de nós para irmos em direção a um outro.

Esse movimento é fundamental para reafirmarmos a importância do coexistir. Em outras palavras, o outro nos toca, nos rememora, nos oferece a possibilidade de transcender tempos-espaços para tecermos novos olhares e percepções sobre o mundo.

Este parar para receber nos retira de relações instrumentais e nos devolve a memória afetiva das semelhanças humanas, tão esquecidas nos embates competitivos das academias e suas exigências de produção e excelência.

Partindo de experiências vividas no espaço acadêmico e compartilhando vivências de colegas e amigas, que atuam nesse espaço, percebo a solidão que atravessa a todas em função da presença majoritária das relações instrumentais baseadas na produção e eficácia em detrimento de relações humanas que fortalecem vínculos e criam pertenças.

Ser mulher e atuar na vida acadêmica traz a marca de uma crença própria do patriarcado de que devemos provar nossa competência a cada gesto. Competência não como um dar-se conta do que nos compete, mas no sentido do cumprimento de expectativas de excelência por parte dos reitores e coordenadores que representam a ideologia da instituição.

Esta competência para cumprir expectativas – condição para permanência na atuação acadêmica principalmente em universidades particulares – interdita a construção do gesto próprio em relação à construção e transmissão do conhecimento. Interditar o gesto próprio leva a uma adaptação e submissão aos detalhes performáticos que constituem o critério de excelência acadêmica. Vale mais o cumprimento dos detalhes não essenciais que preenchem os espaços da aparência e imagem da universidade do que a consideração para com o gesto própria da professora que pode contribuir para a construção de um conhecimento onde o diverso é considerado.

Neste sentido, a formatação da vida acadêmica a partir desses critérios reforça o temor patriarcal do castigo, caso você não aja dentro dos parâmetros esperados. Castigo que se traduz pela não pertença ao espaço-tempo relacional das academias. Sem pertença, sem gesto próprio, sem o reconhecimento da diversidade pessoal, estão lançadas as bases para um possível adoecimento, caso não percebamos os jogos de poder instalados.

Diante um mundo onde necessitamos viver e gerar renda para sustento próprio e familiar vamos nos auto explorando nas exigências de cumprimento das performances e nos fragilizando, cada vez mais, ao nos distanciarmos da construção de gestos próprios que contornam sentidos de vida.

Distanciarmos de gestos próprios interdita criação de mundos de sentidos e gera a fragilidade que sustenta submissões e crenças de menos valia, onde acreditamos que é melhor renunciarmos ao que nos religa para permanecermos no trabalho que nos sustenta.

É curioso esse movimento, pois a partir dele sustentamos a mesma exclusão que criticamos e denunciamos do patriarcado: a presença da obediência como valor maior para conferir sentido ao que realizamos. Vamos aprendendo

a nos justificar pela necessidade de sobrevivência e dizemos que o mundo é mesmo assim. Então, paciência, está tudo certo.

Entretanto, nesse movimento auto exploratório, algo incomoda e surge como irritabilidade, desmotivação, desejo de ficar livre, de cumprir horários e ir embora, etc. Diante o incomodo pensamos: – o que está acontecendo comigo? Eu devia estar satisfeita pois ainda estou no mercado de trabalho. Mas tem alguma coisa estranha.

Esse incomodo e estranhamento diz da presença de um conflito entre a necessidade de construção e reconhecimento do próprio e da interdição dos mesmos nos mundos acadêmicos em que vivemos.

Conflitos, impasses, indignações, busca de alternativas, mas também, cansaço pelas lutas solitárias e por ausências de parcerias para uma transformação dessa realidade.

Ainda bem que podemos escrever cartas. No movimento da escrita compartilhamos vivências, refletimos experiências e reapropriamos deste gesto de construção de sentido próprio que nos "leva de volta para casa".

Abraços e obrigada pela parceria da leitura!
Maria Madalena Magnabosco

Escrevivências de universitárias na luta pela ciência

Michelle Simões & Roberta Oliveira

Rio de Janeiro, abril de 2021

Oi,

Esperamos que estejam "bem" dentro deste contexto tão cruel e repleto de violências que temos vivido. Viemos compartilhar um pouco de nossos caminhares e onde estamos, em meio a esse caos pandêmico, situadas enquanto duas mulheres universitárias. Escrevemos juntas porque compartilhamos de muitas vivências, tanto na faculdade quanto na vida. Assim, há um espaço entre os acontecimentos que nos trouxeram até aqui e a narração desta carta, e como diz Conceição Evaristo [1], esse espaço é uma profundidade, que nos traz a pôr em prática: a escrevivência.

A narrativa do nosso encontro começou quando nos cruzamos no pré-vestibular quando tentávamos entrar na tão sonhada universidade e, alguns anos depois, para a nossa alegria nos reencontramos na UFRJ, no curso de Psicologia. Nossa aproximação maior começa quando ingressamos em uma iniciação científica[2] e começamos a compartilhar ainda mais nossos desafios,

1. EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
2. Pesquisa que tem como objetivo investigar as narrativas das mulheres acerca da pandemia de Covid-19.

reflexões, sonhos e, como diz nossa orientadora, "os embaraços" de sermos duas mulheres, ainda que com entrecruzamentos diferentes, mas com significativos em comum: brasileiras, trabalhadoras e universitárias. O maior deles deixaremos mais para o final.

Atualmente estamos cursando o 6º e o 7º período e no meio desse caminho já conturbado chamado universidade, a pandemia trouxe um cenário ainda mais complicado para nós mulheres. Somado a isso, nós duas, ainda que com um tempo de diferença, saímos da casa dos nossos pais e fomos morar com os nossos companheiros. Tem sido uma mudança imensa conciliar o ensino remoto da universidade, a pesquisa, o trabalho tanto produtivo quanto reprodutivo e de cuidado, ainda mais sendo mulher e em um cenário pandêmico.

Além disso, conciliar essa "nova" vida com todas as demandas que a faculdade nos coloca desperta inúmeras reflexões quanto ao caminho que queremos seguir enquanto profissionais. Afinal, esse é apenas o início de nossa trajetória profissional. Ao mesmo tempo que é o início, enquanto universitárias localizadas no Brasil, tem provocado tanto medo e falta de perspectiva de futuro (como pensar em futuro com todo o caos que estamos vivenciando?). O sonho de continuar na trajetória da pesquisa sendo desmantelado com todos os cortes na ciência, mas, ao mesmo tempo, o ritmo que só aumenta dessa produtividade "super humana" que cobram de nós, universitárias.

Com quase 350 mil mortes provocadas pela pandemia até agora e somado a todas as vulnerabilidades sociais escancaradas por ela, ainda mais sendo mulheres, como ter força para continuar no caminho da universidade? O sistema capitalista, racista e cisheteronormativo, produtor dessas avenidas que se entrecruzam, corrobora com as inúmeras violências que as mulheres antes de nós viveram, que estamos vivendo, e que as virão depois ainda terão que ter muita força de luta para romper. Essas estruturas são de longa data e propõe varrer toda nossa humanização para um objetivo: a produção e não a vida.

Nesse período de nossa graduação, que abrirá para os imensos caminhos que seguiram, esbarramos com todos esses desafios colocados a partir da pandemia. Diante disso, ainda que com muita luta do corpo coletivo de nossa universidade contra a precarização da educação pública, nos deparamos com o ensino remoto. Nossa formatura quase salta aos nossos olhos, mas nesse ritmo frenético e desenfreado do capitalismo fica tão difícil acompanhar, de pés rente à terra, todas essas mudanças, perdas, dores, realocamentos dos nossos corpos e dessas "novas realidades" do isolamento social diante de todo esse

caos. Portanto, nós buscamos ferramentas para caber modos que "permitam" nossas existências para podermos criar a partir dos desvios do nosso caminhar como universitárias, mas em breve também como futuras profissionais.

O ponto maior que nos atravessa, potencializa e une é nosso sentimento de urgência de movimentação. É preciso continuar! Continuar como? Rompendo com toda essa estrutura violenta. Construir caminhos que possibilitem nossas existências, enquanto mulheres, compartilhando de nossas encruzilhadas dentro de uma trajetória (ainda que iniciando) de pesquisa. A partir dela descobrimos um caminho de extrema importância: a ciência. Reivindicamos e lutamos, então, pela ciência. Acreditamos que a ciência é uma ferramenta de transformação ética e política do mundo, e esse precisa ser, urgentemente, transformado.

Desde cedo, nós duas trabalhamos para viabilizar a nossa permanência na faculdade e, por isso, a dupla jornada (e por vezes tripla jornada) pesa o nosso caminho. Isso é ponto de partida para muitas reflexões e questionamentos, porque em muitos momentos algumas oportunidades acadêmicas não puderam ser abraçadas por nós e isso fere. Assim, a gente cresce e sente na vivência que ser mulher nesse contexto do sistema patriarcal branco é uma luta constante.

Apostar na iniciação científica foi um desejo nosso, de ver que dentro da universidade podemos nos colocar em um local de transformação. Porém, já imaginávamos (não que uma pandemia iria se juntar ao nosso trajeto) que seria extremamente desafiador e cansativo devido a nossa rotina de trabalho e todos os imprevisíveis que surgem na vastidão da vida. No entanto, tem sido uma oportunidade de aprender muito e descobrir novas possibilidades.

A pesquisa está sendo o ponto de desembocar toda nossa vontade de mudanças, questionamentos que estão vindo para nos movimentar. Em uma equipe constituída por mulheres de diferentes universos, nos encontramos nessas encruzilhadas para afirmarmos a importância de ocuparmos e sermos produtoras de mundo, a partir do lugar da ciência. Temos aprendido tanto com essas pesquisadoras gigantes que demonstram a importância de reivindicar através da ciência. Assim, esse percurso tem sido direcionado para construir sentidos de construção/reconstrução de uma nova forma de pensar a produção do conhecimento, aprendendo categorias de análises que abarquem a multiplicidade das mulheres.

Buscamos construir, a partir de nossas narrativas, a história contada por nós que são atravessadas por nossas subjetividades, nossos corpos dançantes

nesse mundo. Esse percurso vem como uma forma de, a partir dos inúmeros lugares que estamos situadas, serem tradutores para o nosso lugar comum: a universidade. A tradução que chamamos não é uma forma de excluir o que foi construído, mas mostrar maneiras possíveis de estudar e pesquisar gênero, classe e raça a partir de nossos atravessamentos, de nossos lugares e que constroem nossos saberes, sempre limitados. A partir desses encontros, com os universos e mundos, nos propomos a investir na ciência, que tem sido a chave para sairmos do cenário pandêmico e construir possibilidades de presente e futuro.

Escrevemos a partir de nossas dores e sonhos, a partir de nossas vidas, que se entrecruzaram e que, agora, compartilhamos nossas histórias enquanto mulheres universitárias brasileiras vivenciando a pandemia da Covid-19 e poderíamos continuar nos situando já que há tantas avenidas que estamos localizadas. Encarnamos as autoras que pesquisamos (Carla Akotirene, Donna Haraway e Grada Kilomba) – nossas companhias no período de isolamento –, as vozes das mulheres que estão conosco, as que vieram antes de nós, e junto às mulheres que estão vivenciando esse pandêmico. Em um ato de não fugir das teclas, mas enfrentá-las e dar vazão a nossas vozes para contar nossas histórias, realocar nossas vivências e trazer significado, força e esperança.

A escrevivência quando compartilhada em outros lugares, a partir de sensibilidades, para criação, trazem potência e possibilidades para continuar. Seguimos em luta apostando na ciência e na história construída por nós. Vamos juntas?

Com sensibilidade e esperança,
Michelle Simões e Roberta Oliveira.

Amores e dores na docência universitária

Miriam Tachibana

Uberlândia, abril de 2021

Sempre que estou diante de uma sala de alunos ingressantes, no curso de Psicologia da Universidade Federal onde leciono, gosto de "provocá-los" perguntando o que os motivou a estarem ali. E eu sempre compartilho com eles, em contrapartida, que descobri que, dentro da Psicologia, gostaria de seguir carreira acadêmica/científica, quando estava no segundo ano da faculdade, fazendo um projeto de pesquisa para a disciplina de metodologia de pesquisa.

Mas, ao ser igualmente "provocada" a escrever essa carta e refletir mais detidamente sobre minhas vivências enquanto docente universitária, me dei conta de que, na verdade, não foi apenas aquela disciplina do segundo ano do curso que me fez chegar onde estou. Claro, ela teve a sua devida importância. Mas, fazendo um resgate mais preciso, acho que o que me motivou a fazer várias iniciações científicas, mestrado, doutorado, pós-doutorado, concursos públicos... foi principalmente a minha mãe. Lembro-me de cenas em que eu ainda era pequena e ela dizia, a mim e a minha irmã, que deveríamos estudar bastante para termos uma boa carreira profissional. Ela, que tinha abandonado a própria carreira para cuidar das filhas, enquanto o marido trabalhava, reproduzindo a dinâmica familiar clássica, parece que tentava superar o conserva-

dorismo que lhe havia sido imposto "impondo" que as filhas valorizassem a esfera laboral no futuro.

Se, por um lado, seria possível problematizar essa lógica materna de criar as filhas para que elas alcancem as realizações que não foram possíveis de ser cumpridas na vida pessoal, por outro, sou muito grata por ela ter cuidado de mim confiando que eu seria capaz de me tornar uma mulher diferente daquela que ela lamentava abertamente ter se tornado. Acabei me tornando, afinal, uma professora universitária, não apenas por aquilo o que aprendi formalmente na universidade, enquanto estudante, mas também pelo elevado investimento que a minha mãe, minha principal referência de mulher, fez sobre mim.

E ser professora universitária é de fato uma grande realização para mim. No meu caso, há ainda uma peculiaridade: foi a partir do meu ingresso como docente na Universidade em que atualmente leciono que acabei encontrando um outro amor, para além do amor pela docência: conheci aquele que se tornaria o meu marido, dentre os meus colegas de trabalho.

Lembro-me que, desde o começo desse romance iniciado na Universidade, fiquei bastante aflita em relação aos desdobramentos possíveis. Afinal, como era tudo tão incerto, ficava pensando: e se não der certo? Terei que ficar convivendo diariamente com ele, nos próximos trinta anos?! Assim, aquele medo, que naturalmente nos atravessa em todo e qualquer início de relacionamento amoroso, ficava potencializado com o fato de trabalharmos juntos. Eu não imaginava, entretanto, que essa superposição entre a minha vida amorosa e a minha vida profissional pudesse ter repercussões que ultrapassassem aquilo o que dizia respeito a nós dois. Minha inquietação era a de que a gente pudesse não dar certo, enquanto casal, e tivesse que seguir convivendo intimamente um com o outro, em função do trabalho, mesmo após a intimidade conjugal ter se dissolvido.

Mas, logo após assumirmos publicamente o namoro, tomando o cuidado, é claro, de reservarmos nossos momentos enquanto casal à esfera privada, comecei a ouvir comentários por parte de meus colegas docentes. Escutei que eu tinha sido "rapidinha", porque havia conseguido ficar com um dos poucos professores solteiros do Instituto. Ouvi também, numa reunião docente em que estávamos planejando a distribuição de disciplinas do semestre seguinte, que, se eu havia tido tempo de arrumar um namorado, eu seguramente tinha tempo de assumir uma carga horária de atividades superior que a dos demais, naquele momento. Aquilo tudo me machucava, é claro. Machucava não apenas porque eram comentários em tom jocoso (como se se tratassem de brincadei-

ras desprovidas de um sentido maior, que, se eu revidasse, seria tomada como alguém sensível demais), mas, principalmente, porque meu companheiro, do lado dele, dizia jamais ter escutado algo nesse sentido.

E foi assim que fui dando-me conta de que, apesar de eu não ser a imagem e semelhança de minha mãe, que viveu numa dinâmica familiar atravessada pela divisão sexual do trabalho produtivo/reprodutivo em termos de gênero, eu também estava, de certo modo, inserida num espaço em que certas cobranças eram dirigidas à mulher, não sendo o homem alvo do mesmo tipo de comentário. A Universidade, que supostamente seria um espaço de reflexão e crítica em relação aos imaginários sociais pré-conceituosos e estereotipados predominantes, ajudando na construção de uma sociedade mais ética e igualitária, pode, afinal, ser mais um local de reprodução da mesma dinâmica que ela se propõe a confrontar.

Essa só foi uma das minhas primeiras dores nas minhas vivências universitárias enquanto professora. Tenho outras que despontam de vez em quando. Vez ou outra, fico me perguntando, enquanto mulher, se daria conta de ter tantas responsabilidades no trabalho se tivesse optado por ter um filho. Já cheguei inclusive a me questionar se minha decisão em não ter filhos é porque eu sou plenamente realizada com o meu trabalho ou se é porque as exigências de cuidar de uma criança me parece serem irreconciliáveis com a sobrecarga do trabalho docente. Algumas vezes, também choro secretamente por morar tão longe da minha mãe, pois, em função do concurso público que prestei, passei a morar a 500kms de distância dela. Às vezes fico me cobrando (não sei se por mim mesma ou se por uma expectativa social de que a boa filha é aquela que permanece ao lado de sua mãe) de estar mais presente na velhice dela, devolvendo o cuidado que ela tanto depositou em mim.

Isso tudo não faz com que as minhas vivências, enquanto docente universitária, não sejam sobretudo atravessadas por elementos amorosos. Sigo apaixonada pela minha profissão, assim como me sinto feliz por ter chegado onde estou. Sei que, dentro do grupo de mulheres brasileiras, faço parte de um subgrupo privilegiado. Mas também acho precioso que, de vez em quando, possamos ter um momento, assim como esse proporcionado por esse projeto de cartas, de deixarmos de lado a postura de eterna gratidão pelas nossas conquistas, para também entrarmos em contato com as dores que paradoxalmente são vividas.

Miriam Tachibana

Breve relato sobre encontrar na universidade

Anne Stone

Pelotas, abril de 2021.

Queridas colegas,

Escrevi e reescrevi muitas vezes essa carta. Entre idas e vindas, escritas e reescritas, me peguei pensando sobre por onde poderia transitar essa dificuldade, esse estranhamento em falar sobre minha própria experiência em uma carta. E acho que a dificuldade talvez resida exatamente aí: falar sobre minha própria experiência. Própria não no sentido de defender uma propriedade da experiência, mas, sim, no sentido de defender algo de singular nessa experiência que foi e é marcada por uma infinidade de afetos. E, é sobre esses afetos que decidi, finalmente, escrever.

Talvez seja sempre sobre os afetos que escrevemos e pensamos, mesmo quando nos lançamos na ideia ilusória de ser possível haver um distanciamento entre o que escrevemos e aquilo que nos afeta. Mas, a defesa dessa distância foi surpreendentemente tentadora, mesmo acreditando estar suficientemente sensível e atenta ao esfacelamento dessa distância ilusória. Mas, aí, lembro do quanto fui subjetivamente atravessada pela valorização de saberes supostamente distantes de seus objetos de análise. E aí, talvez resida parte do meu mal estar e dificuldade em escrever esta carta, em que digo da minha dificuldade, digo dos meus pensamentos. Afinal, em que digo.

A experiência da universidade trouxe — felizmente — consigo uma série de transformações e desdobramentos em quem "estou", e talvez seja sobre essas transformações que eu gostaria de escrever. Durante minha formação, tive o prazer de me deparar com pessoas transformadoras: colegas, professoras e profissionais. Os encontros, eles mesmos, certamente já pressupõem transformações; porém os encontros aos quais me refiro, que tive (e tenho) com essas pessoas, foram encontros marcados pelo trânsito em espaços de acolhimento, de troca, de escuta. Penso que em tempos latentes de individualismo, de recusa à diferença, pertencer a espaços como esses se faz fundamental. Especialmente pensando que essas transformações têm potencial para engendrar o ato crítico-transformativo nos tantos outros espaços nos quais nos inserimos e podemos nos inserir. Potencial. Sempre nos cai bem a autocrítica e a atenção.

Mas é evidente que a universidade também pode funcionar como espaço de reprodução das estruturas de poder social, e não foram poucas as situações de reprodução que presenciei. Cito como exemplo um trabalho que fiz em dupla com um colega, feito especialmente com muita parceria e empenho; trabalho que adentrou madrugadas entre leituras, escritas, olhares empolgados; frases iniciadas por um, finalizadas por outro, tamanho encantamento com aquela escrita que estava fluindo, guiando-se e sendo guiada a todo vapor. A empolgação, certamente, se deu também na entrega do trabalho para nosso professor: o que ele acharia das nossas ideias? O que ele diria sobre nosso diálogo entre autores? Será que ele se empolgaria tanto quanto nós? Fomos surpreendidos, eu e meu colega, com a devolutiva desse professor: ele diria que o trabalho estava muito bom, mas que minha participação havia sido mínima, e, portanto, o nome de meu colega deveria vir primeiro. Detalhe: nossa escolha pela ordem dos nomes, quem viria em primeiro lugar, e quem viria em segundo, se deu por ordem alfabética. E meu nome começa com "A". Como se deu, e de onde veio a suposição de que minha participação foi mínima? Não tenho a menor ideia. Mas, arrisco dizer que essa suposição foi criada com base em sua postura machista.

Situações como essa descrita acima, infelizmente, não são pouco comuns em nossos meios universitários. Há muito trabalho a ser feito em relação a essas estruturas machistas, classistas, racistas, heteronormativas,... O reconhecimento da alteridade, o outro diante de nós, nos convoca à diferença. A diferença, por sua vez, pode ampliar infinitamente nossos modos de existência neste mundo. Exalto, neste breve relato, a universidade enquanto lugar de troca,

de relação, de potência criativa, de aprendizado. Mas, ao mesmo tempo, lanço também esse olhar crítico para essas estruturas que, inevitavelmente, atravessam a universidade. Mas penso que esse "inevitavelmente" ao qual me refiro não deve ser encarado com simples aceitação; aceitação que mantém em um lugar confortável quem ocupa parcialmente, ou então totalmente, esses lugares confortáveis. Deve ser encarado, sim, como parte de uma invenção histórica, política e econômica; e, sendo invenção, pode vir a ser questionada, desmantelada, para, finalmente, emergirem outros modos de existência.

Terminei minha graduação no final do ano de 2020, próximo ao auge que hoje, abril de 2021, atinge a pandemia de Covid-19 no país. Recebi de presente de uma grande colega, Rafaela, o "Livro dos Abraços" do Galeano (livro que, atualmente, devoro todos os dias antes de dormir). Finalizo esta carta compartilhando com vocês, abaixo, parte da leitura desse livro que me chamou atenção, quase como uma provocação para pensarmos criticamente em nossos tempos atuais, nossos espaços e os modos de relação que se estabelecem (ou não) com o outro. Segue abaixo:

> A fome/2
> Um sistema de desvínculo: Boi sozinho se lambe melhor… O próximo, o outro, não é seu irmão, nem seu amante. O outro é um competidor, um inimigo, um obstáculo a ser vencido ou uma coisa a ser usada. O sistema, que não dá de comer, tampouco dá de amar; condena muitos à fome de pão e muitos mais à fome de abraços.

Com carinho, e também com esperança
em tempos melhores, Anne.

Vozes femininas na construção de um percurso acadêmico, uma carta-reflexão

Renata Mattos Avril

Elne (Catalunha francesa, à beira do Mar Mediterrâneo),
entre 08 de março e 26 de abril de 2021

A quem me lê… e aos que fazem parte da minha história e que não vão me ler...

É manhã. Uma das primeiras imagens que vi hoje no jornal me fez sorrir de emoção, esperança e alegria: uma jovem (protegendo e protegida usando máscara lilás, rodeada de várias outras mulheres de idades e máscaras diferentes, coloridas, num protesto na França) segurava um cartaz. Letras lilases diziam a todos os olhares: *le futur est féministe,* o futuro é feminista. Utopia que já muda o presente, se nutrindo dos passos das gerações de mulheres que – desde que "a sociedade é sociedade", e tantas vezes em silêncio – fazem diferença humanizando o futuro. Penso comigo mesma: para que as mudanças que queremos se apresentem desde já, é preciso também que o presente seja feminista.

Percebo que é por esse fio – utópico, desejante – que escolho aqui percorrer, dando espaço às vozes femininas familiares que se escreveram na minha formação. Respondo a um convite: redigir uma carta a partir do meu percurso acadêmico, refletindo sobre como nele me inscrevi sendo mulher. Ao menos foi assim que ressoou em mim a proposta de Camila Peixoto Farias

e de Giovana Fagundes Luczinski para pensar coletivamente as "vivências de mulheres na universidade".

Eu poderia escrever cartas e mais cartas sobre o que passei, sendo mulher, no mundo acadêmico – desafios, dificuldades, libertações, opressões institucionais, descobertas, encontros teóricos e humanos que promovem reviravoltas e despertares, construções tecidas com muitas e muitos para ultrapassar opressões e subverter lógicas que vão contra a autoria e a invenção na universidade... Porém, me vejo impelida a falar de tempos e paradigmas anteriores aos meus, que continuam a reverberar em mim e em nossa sociedade.

Outro caminho seria o de pensar a mulher que sou a partir das transformações que vivi na vida acadêmica. Mas me parece evidente que, ao menos agora e no espaço de uma carta, eu não teria como falar sobre isso. A categoria "mulher" é tão ampla quanto há mulheres que assim desejam se nomear. Não existe um conceito único que possa nos definir: uma só identidade, uma só voz, rosto, corpo, discurso, cor, condição social, escolhas e práticas afetivas... Somos plurais, cada uma de nós sendo singular. Há uma complexidade muito forte e nuançada, que cria, por vezes, limbos, não lugares, imagens equívocas, não ditos repletos de depreciações e ideias recebidas e repetidas sem crítica e quebra dessa cadeia discursiva[1].

Preferi, então, falar do lugar que carrega minha história, tecida por muitas outras histórias antes de mim, das quais apenas conheço pouco. No

1. Sempre achei difícil me encontrar nos muitos adjetivos que podem ser adicionados ao substantivo mulher. Mesmo entendo a importância deles e as consequências vitais que eles podem gerar na carne e nas possibilidades de viver ou não o que sonhamos. Que adjetivos poderiam dizer a mulher que sou e o lugar de onde falo? Recentemente, pensei muito antes de assinar um texto e me descrevi como "uma, entre tantas e tantos que busca escrever no cotidiano respostas singulares à invocação para musicar a vida". Algo que remete à utopia que sustentou minha tese de doutorado. Sobre a questão da identidade, escrevi um pouco, em poema, a partir da perspectiva de ser estrangeira, vinda de um país que foi colonizado, vivendo num país historicamente colonizador, e também, em prosa, sobre o fato de que, diante do inconsciente, somos todos estrangeiros. Deixo aqui os links nos quais estes três escritos (respectivamente, tese, poesia e ensaio) estão disponíveis para leitura em: https://34954ba-1-9b61-433b-8540-c0bd27a0ed34.filesusr.com/ugd/21827e_50e5830bf1194d9a84a87f-60fa337ffe.pdf
https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=201178238399238&id=100586461791750&__tn__=%2As%2As-R. Como também em: https://psicanalisedemocracia.com.br/2021/01/estrangeiros-numa-cidade-que-acorda-inconsciente-mal-estar-e-polifonia-por-renata-mattos-avril/.

entanto, esse pouco fez muita diferença e efeito em minhas escolhas. É sobre isso que quero aqui falar.

Comecei a escrever essa carta-reflexão[1] no dia internacional de luta pelos direitos das mulheres, que coincidiu neste ano com os 4 meses de minha segunda filha, terceira na fratria. Antes dela, uma outra menina, que viveu uma vida muito intensa, porém muito curta. E que nos deixou um amor e uma saudade sem tamanhos ou nomes. Novamente, agora, a maternidade se apresenta a mim de mãos dadas com a questão do feminino.

Para além da felicidade ímpar e íntima deste momento em família, muitas questões me chegam. Algumas delas, que me atravessam há anos, ganharam um tom de urgência desde a gravidez – uma gravidez atravessada pela dor e luto pelas vidas perdidas durante a pandemia do novo coronavírus, pela angústia diante da atual necropolítica brasileira (com um genocídio e um ecocídio em curso cada vez mais gritantes e sombrios, apesar das muitas vozes que se levantam para denunciá-los e buscar detê-los) e por uma reinvestida na escrita como forma de resistência. Escrever para não adoecer, para não silenciar. Escrever para vivificar.

Não respondemos do mesmo lugar nem às mesmas expectativas sócio-político-culturais quando se nasce com um corpo de menina ou de menino. Antes mesmo de escolhermos nos tornar mulheres, homens, cisgêneros, transgêneros, não-binários, sujeitos, enfim, que sustentam seu ser pela fala e em ato, já somos invocados e chamados a dar nossas respostas singulares aos enigmas que nos afetam. Cada vida é uma dessas respostas.

Assim, me pergunto: que mundo estamos construindo para e com as mulheres que nele crescerão? O que recebemos das mulheres que nos antecederam e como fazer ecoar essas vozes em nossas lutas atuais? Amplio essa pergunta, dialogando com a perspectiva do feminismo decolonial: que mundo estamos re-construindo a partir de uma re-visão de nossa História que ousa e

1. Uma carta que me acompanhou por semanas, embora estivesse praticamente pronta em mim desde os primeiros instantes que seguiram ao "sim" dado ao convite para escrevê-la. E que teve o ritmo bastante fragmentado dos momentos possíveis para uma mãe de um menino de seis anos e uma bebê, uma mãe que amamenta, literalmente, dia e noite... A carta se tornou parte do meu cotidiano, tema de conversas, convites (com o apoio das organizadoras do projeto) a outras pesquisadoras... Arrisco-me a dizer que foi a carta que mais demorei a terminar. Escrever sendo mãe e no meio de uma pandemia é um desafio que também renderia muitas cartas.

insiste nela incluir quem se tentou (e ainda se tenta) silenciar e tornar invisível? Nenhuma vida a menos, nem agora, nem antes de nós, nem amanhã.

Percebo, assim, que minhas perguntas, tocando a minha história e se voltando para o caminho que percorri na universidade, fazem ressoar ainda uma outra: quantas mulheres, numa família, não puderam ir a diante nos estudos formais para que outras um dia, em gerações posteriores, pudessem ter condições para fazer esta escolha?

A potência e amplitude desse convite para fazer o pensamento dançar em forma de carta acordou em mim um desejo antigo de dar voz e poder falar das mulheres da minha família. Algo que um dia espero fazer a fundo pela literatura, mas que já me dá fôlego aqui para re-ver (e não consigo não pensar na homofonia francesa, rêver, sonhar...) minha própria história a partir de um ponto preciso: Quando um percurso acadêmico se inicia? Quando essa possibilidade se abriu para mim?

E penso na primeira mulher da nossa família que trilhou um caminho universitário: minha mãe, mulher nascida no subúrbio do Rio de Janeiro, que se tornou professora, tendo em sua juventude ensinado adultos a ler e escrever e que, mais tarde, já com três filhas pequenas, se formou em pedagogia. A recordação de minha mãe de beca e sorriso radiante no rosto, ao lado da mãe dela repleta de orgulho e alegria, certamente em muito contou para que eu pudesse, eu também, desejar me enveredar por um caminho acadêmico.

Porém, não foi aí que essa via se abriu para nossa família. Antes dela, outra mulher se colocou na via da transmissão das letras e do saber. A avó paterna de minha mãe – negra, pobre, suburbana, que trabalhou vendendo cocada-puxa, tendo sido igualmente rezadeira, cuidando dos outros sem hora marcada, mesmo de madrugada – se ocupava das crianças de outras mulheres, vizinhas, que trabalhavam fora de casa[2]. Fazia tudo o que estava ao seu alcance para sustentar a família. E, no quintal da própria casa, ensinou as crianças de quem cuidava a ler e a escrever. Não a conheci. Mas conheci o filho desta forte e admirável mulher: meu avô materno, figura masculina central na minha

2. Durante o tempo de elaboração desta carta, minha irmã mais velha encontrou um escrito redigido à mão de nossa mãe, que partiu há poucos anos. Nele, nossa mãe falava sobre suas duas avós depois de ter, ela mesma, se tornado avó. Foi muito emocionante ler as palavras dela, tão poéticas e felizes. No meio delas, uma me fez sorrir, "cocada-puxa", que eu tinha escrito aqui poucos dias antes. Essa mesma avó aparece no escrito da minha mãe como aquela que lhe transmitiu saberes, "fundamentos e ensinamentos".

vida, que me transmitiu com ética ímpar o amor pelos estudos, pela pesquisa e, sobretudo, pela música. Ele me fez descobrir a voz de cada instrumento em uma peça musical e como elas dialogavam entre si, metáfora-chave para ouvir o mundo pela singularidade de cada um na pluralidade de vidas e escolhas.

Não conheci minha bisavó nem tampouco a história de vida da mãe desta mulher. Mas me parece lógico que, mesmo que ela não tenha frequentado uma escola (como a minha vó materna), ela era atravessada pelo desejo de que sua filha pudesse ter acesso à educação. Minha mãe contava muitas vezes que sua avó tinha até mesmo sido contra o seu casamento, tendo lhe dito uma frase que, desde criança, ouvi muitas vezes: para uma mulher, "o melhor casamento é com o seu emprego", ao que minha mãe acrescentava, "sem depender de ninguém". Num contexto de uma sociedade enraizada em práticas patriarcais e herança colonialista, ser uma mulher independente não é tarefa simples, é luta e conquista. Ser independente, nesse sentido, começa com o pensamento, que ecoa no corpo, nas escolhas pessoais e no que se transmite a quem virá depois. Independência que se deseja – e, por isso mesmo, se luta e constrói – para as mulheres das gerações seguintes.

A cena que desde criança imaginei desse quintal no subúrbio carioca com crianças rindo, lendo, repetindo palavras e descobrindo outras formas de perceber o mundo participou silenciosamente na construção dos meus possíveis, que me fez chegar à graduação e à pós-graduação. A escolha pela pesquisa, sempre articulando psicanálise e música, teve seu germe nas tardes escutando discos de vinil no Engenho de Dentro, distinguindo, sob o olhar do meu avô, as vozes instrumentais que respondiam umas às outras, ou que cantavam sozinhas mas sempre se dirigido a alguém... Tardes que tinham sabor de sorvete de baunilha e outros quitutes preparados pela minha avó, que nos ensinava nestes momentos o gosto pela imaginação, pela liberdade e pela felicidade no simples, sem nunca nos esconder que isso não vem sem muito trabalho e perseverança.

É com essa bagagem que me tornei pesquisadora e também psicanalista, com um percurso iniciado em estágios clínicos dentro e fora da universidade. Uma trajetória que continua fazendo parte da minha experiência, mesmo depois de findas as pesquisas formais universitárias, ligadas a instituições acadêmicas. É, também, desse lugar, com essas vozes outras feitas minhas, que falo quando tomo a escrita.

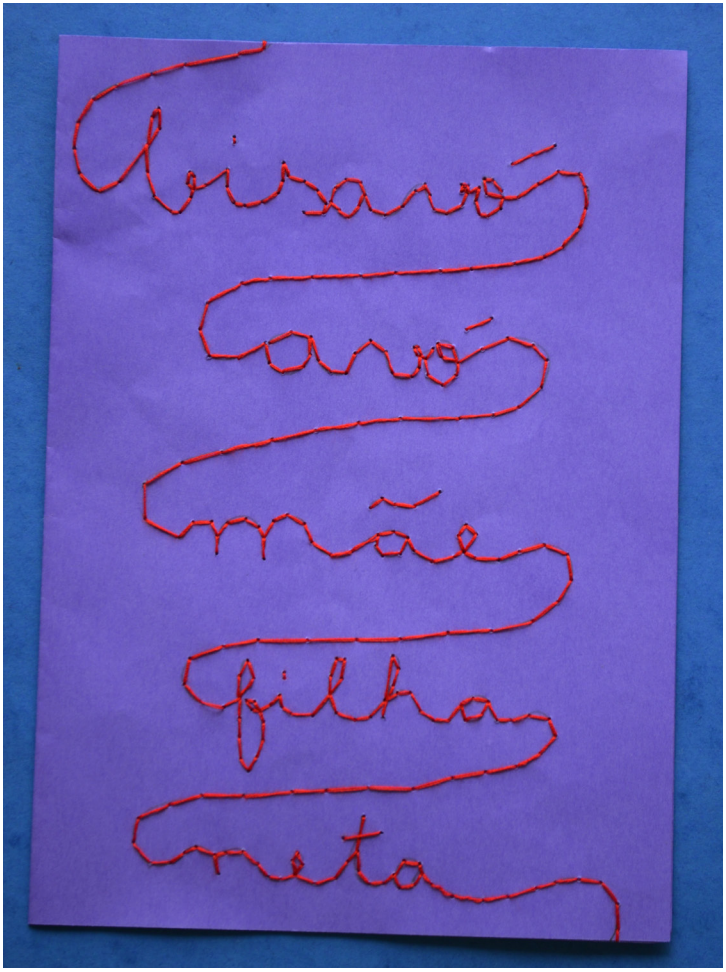
Tendo escolhido cursar psicologia numa universidade pública, profissão tradicionalmente exercida por uma grande quantidade de mulheres, dividi as salas de aula com muitas outras mulheres e vendo mulheres como professoras, pesquisadoras, orientadoras, supervisoras e coordenadoras de curso. O que me chamava atenção, numa época anterior ao sistema de inclusão por cotas raciais, era a ausência ou a pouca representatividade no corpo docente e discente de pessoas negras, indígenas, periféricas, e tantas outras que estão às "margens da sociedade".

Por entender que a base mais primordial e radical do feminismo é a abertura, inclusão e respeito pelas diferenças e singularidades, estendo minha reflexão ao que faz barreira ao acesso a todas as pessoas que desejam cursar uma universidade pública. E que obriga a grande maioria da população brasileira a pautar suas escolhas de vida passando pela necessidade de sobreviver. Como se sobreviver já fosse muito, um "luxo"... Estudar, então, seria "querer demais"... Coisa desse "pessoal" pra quem "a gente dá a mão e já vai querendo o braço".

Neste contexto, quantas mulheres não foram – e ainda são – obrigadas a se submeter a opressões diversas para tentar sobreviver e dar às filhas e filhos a possibilidade de um outro caminho. Duas vias que muito facilmente são nomeadas, respectivamente, como "sacrifício" e "privilégio". Dois nomes que, se escutarmos bem, indicam a lógica de desigualdades sociais que tanto interessa a uma certa elite. É preciso "se sacrificar" para que filhas e filhos tenham o "privilégio" de estudar e escolher as profissões que desejam. Colocar no âmbito pessoal e individual o que é um dever do Estado (dar acesso à educação, saúde, alimentação, saneamento básico, habitação, segurança, cultura...) é perpetuar os abismos históricos e estruturais entre classes sociais, assim como as violências dirigidas a certos grupos, sempre os mesmos desde que o Brasil é Brasil.

Questionar e romper com essa lógica, inventando outros funcionamentos sociopolíticos pautados na inclusão e na escuta da diferença e da singularidade, é também uma função e um ato possível, mesmo necessário, do campo universitário. Criar com e a partir da pluralidade, da polifonia, daquilo que nos liga como humanos.

Que nós possamos continuar dialogando e construindo, subvertendo e reinventando, com nossas histórias ecoando e o desconhecido nos surpreendendo.



Renata Mattos Avril

Nós...

Louise Prado Alfonso

Pelotas, maio de 2021

Olá, espero que esta carta as encontre bem, com saúde...

Escrever uma carta me traz certo saudosismo. Há quanto tempo não escrevo ou recebo uma carta? Uma daquelas com envelope bem cheinho, com páginas e páginas de papel fino escrito à mão (papel fino para pesar pouco e custar mais barato). Ou uma escrita em papel de carta decorado, daqueles que só retirávamos de nossas coleções para "usá-los" em momentos muito especiais, para pessoas específicas. (Minha mãe ainda deve ter minha coleção guardada, aliás, com ela aprendi a ter certo fetiche pelos objetos. Nunca tinha pensado nisso! Uma percepção interessante para uma arqueóloga). Quanto tempo já passei olhando a caixa do correio esperando notícias de alguém... Esse pessoal mais novo nem sabe o que é isso! (Posso ouvir aqui estudantes do meu grupo tirando sarro por eu ter escrito essa frase).

Esta carta escrevo para contar uma história, que não é apenas minha, mas de tantas mulheres, pois a minha trajetória se entrelaça com as delas. O difícil vai ser escolher quais mulheres serão estas. Deixarei para um outro texto aquelas mulheres da minha infância e juventude, as da minha família, que foram exemplo para mim desde sempre. Deixarei de fora minha mãe Iemanjá, embora já tenha passado aqui pela minha mente um Odoyá à minha mãe das

águas. (Bom, como ela faz parte de mim, e eu dela, acho que ela não vai ficar de fora, mesmo que eu tente). Como pretendo refletir sobre minhas vivências na universidade, resolvi aqui trazer mulheres que conheci em minhas andanças pelo Brasil, trabalhando com arqueologia, antropologia, turismo e museologia. Todas essas áreas misturadas e em diálogo, pois assim são, essa história de dividir em caixinhas, por área, não funciona muito para mim.

Começarei meus relatos contando sobre uma vivência com uma anciã indígena da aldeia Icatu, no interior de São Paulo. Fizemos uma parceria com a escola indígena Índia Maria Rosa para pensarmos museus e arqueologia. (Destaco aqui que a patrona da escola, a Maria Rosa, já é uma mulher guerreira que merece nossa homenagem). Nesta parceria buscamos contribuir com vários projetos da escola, discutimos sobre o que era museu, sobre porque temos que mudar os museus, como eles devem ser pensados agora, a partir de uma museologia social, embasada naquelas maravilhas que Paulo Freire nos ensinou (É homem, mas não consigo não o citar aqui). Ele ensinou tudo isso também para pensadores e pensadoras da museologia de outras partes do mundo. Essa ideia de a educação ser libertadora, considerando as vivências e os saberes de cada pessoa. Os museus também devem ser assim, contar histórias que foram escondidas, que grupos opressores tentaram apagar. Mostrar narrativas diversas que devem ser valorizadas para que possamos mudar esse mundo. Foi aí que professores e professoras Kaingang e Terena resolveram fazer uma exposição dessas, que contasse coisas diferentes sobre os povos indígenas, mostrasse quem são os donos da terra em Icatu, mostrasse que indígenas não são "coisa do passado", mas grupos que estão aí, lutando para sobreviver e manter seus saberes vivos. Ao chamarem as pessoas "mais velhas" para saírem nas fotos que iriam para o banner "Os donos da terra", a anciã disse: eu não quero ir para um museu, eu estou viva!

Para alguém que trabalha desde a graduação com instituições culturais, esse foi um dos mais tristes e belos ensinamentos que já tive, e que tem guiado minhas ações e pesquisas. Chega de contar a história daqueles grupos "vencedores", porque o que eles têm a nos ensinar não nos serve mais. Temos que lutar pela visibilização das narrativas de tanta gente que tem muito a dizer e a ensinar, mas que a grande maioria das pessoas nem quer escutar, porque isso significaria entender sua situação de privilégio. É uma luta diária entender e abrir mão destes (É difícil, vai por mim. Tenho tentado). Temos que transformar

as instituições de Cultura e Educação, abrindo espaço para a luta e a valorização da existência, da vida, dos saberes de tantas pessoas.

Essa luta pela "existência" não é apenas para que estas pessoas sejam vistas e ouvidas, mas para que muitas possam continuar vivas. No Mato Grosso, um grupo de mulheres indígenas (não falarei que grupo ou onde por motivos óbvios) me contou que a água do rio que banha a Terra Indígena é constantemente envenenada por invasores que jogam pó de serra no rio. O fazem para que a comunidade indígena tenha que sair dali ou morra envenenada. Isso deve ser dito, escancarado e é papel das universidades debater e buscar soluções para que isso não aconteça mais (Este é apenas um, de tantos casos no Brasil). Ou ainda me lembro de uma "aula" que tive sobre direitos humanos com uma mulher "porreta" que conheci. Ela foi para o norte do país como professora e lá, em um ambiente extremamente dominado por homens, se tornou uma grande liderança na luta pelos direitos das mulheres, que lá passavam por diferentes violências inimagináveis, inclusive assassinatos. Foi perseguida, ameaçada. Para mim, ela é uma heroína, digna de um laço encantado como o da Mulher Maravilha, uma Educadora com E maiúsculo. Também não posso esquecer da senhora Niède Guidon que enfrentou muitos "coronéis" lá no sertão, para cuidar e preservar a maior concentração de sítios rupestres do mundo, na Serra da Capivara – PI. Ela tem lutado para garantir que muita gente saiba quem eram os donos dessas terras que hoje chamamos de Brasil, muito antes da chegada dos homens invasores europeus. Um exemplo de cientista, que mesmo sendo ameaçada e criticada (muitas vezes covardemente por seus pares), em meio a tanto aperreio, arrumou forças para continuar lutando. Ganhou até filme, vale a pena ver.

Foi lá mesmo, mas em outra parte do sertão (lugar que amo!) que conheci uma outra mulher que admiro, mulher negra, quilombola, que era Secretária de Educação (só isso já vale um brinde! Um brinde com Canjinjin que é uma bebida feita por famílias negras de Vila Bela da Santíssima Trindade – MT. Bebida produzida por muitas mulheres para sustentar suas famílias, mas isso já é outra história). Voltando ao sertão, em uma oficina falávamos todas, em sua maioria mulheres educadoras, sobre de onde vieram nossos antepassados. Uma senhora pediu a fala e traçou toda uma genealogia que a levasse a ser parente de alguma família real europeia. Ela finalizou dizendo: "tenho praticamente sangue azul". Minha heroína da vez, a secretária quilombola, se levantou e disse em voz alta e firme: "corte seu braço, quero ver se seu sangue é diferente do meu".

Todo o esforço da outra "profe" de se afastar, o máximo possível, de qualquer ascendência negra foi desmascarado com a fala dela! Quanto ensinamento naquele grito, há gerações calado, engasgado.

Aos prantos, já começando a minha trajetória na Universidade Federal de Pelotas, trago um "causo" de outra mulher negra, uma grande amiga, que me deixou assim, de repente, sem avisar... Dona Sirley, a mestra Griô, que conheci no meu primeiro ano na cidade. Me ensinou que devemos caminhar juntas, trocando e dialogando sempre, de mãos dadas. Em minha primeira palestra aqui, nas comemorações do "Dia do Patrimônio" da cidade, tive aquela pessoa iluminada me ouvindo atenciosamente. No final de minha fala ela veio até mim e me disse: quero a senhora trabalhando comigo! E assim foi. Entre oficinas, aulas, visitas técnicas, conversas, chás da tarde, risadas e telefonemas que começavam assim: "professora, pode falar um pouquinho? Vou falar rapidinho, mas tenho que te contar uma história..." e lá se iam horas. Ela era uma educadora e sabia que era. Preparava suas ações com cuidado e responsabilidade, as alterava improvisando conforme o grupo. Se colocava em seu lugar na universidade, arrumava sala, estagiários e estagiárias. Da sua maneira, de forma belíssima, contribuía para a luta anti-racista. Foi a primeira mulher negra a receber o título de Dra. Honoris Causa pela Universidade Federal de Pelotas. Ela aproximava suas amigas umas das outras, para que pudéssemos todas trabalhar juntas. Um acalanto para uma paulista que teve que lutar muito para permanecer aqui.

Agora o causo é meu. Depois de uma década viajando pelo Brasil, chamando hotel de casa, ao terminar meu doutorado decidi que era hora de firmar raízes, de ter uma planta (hoje tenho praticamente uma floresta em casa). Decidi que era a hora do ponto de chegada, para o qual estudei a vida toda, "ser professora em uma universidade pública". Acho importante dizer aqui que comecei a dar aula com 15 anos, dei aulas a vida toda, mesmo que informalmente como professora particular de inglês. Embora ser professora fosse um dos meus vários afazeres para sobreviver, este era aquele que me completava. (Às vezes reclamo da minha profissão, mas parei depois que uma orientanda me perguntou: mas o que você faria que não isso? Seria mais feliz? Ela tem razão). E as universidades públicas? Passaram a ser meu objetivo conforme foram se ampliando com as políticas públicas de um governo de um homem, então não vou comentar muito sobre, mas ele também é de lá daquele sertão... As Universidades eram para mim espaços de inclusão. Hoje até dou um risinho maroto (como se diz no Rio) quando lembro da minha inocência

ao acreditar que seria bem diferente, que nas universidades, ainda mais nas públicas, a misoginia não se apresentaria com tanta força.

Entender que o machismo se trata de uma herança do patriarcado, e que está entranhado em nossa sociedade é um processo doloroso, que acontece ao longo de nossas vidas enquanto mulheres. Fui até bem recebida, mas quando meu trabalho começou a aparecer, passei a ser atacada. (Poderia citar tantos episódios dessa novela, mas selecionei alguns). Fui chamada de "vaca" por colega, por exemplo (deixo aqui o meu mais profundo respeito às vacas). Fui incentivada a não prestar o concurso para docente pois, certamente, os currículos dos outros concorrentes eram melhores que o meu, conforme me disse um outro colega. E, quando fui aprovada no concurso, ouvi de um professor "pare de fazer lattes e vá ter uma vida". Doeu ouvir isso, fiquei muito brava, mas apenas por algumas horas. Depois, eu e minhas amigas resolvemos ressignificar esta frase e brindar às nossas vidas sociais em cada balada que íamos. Isso por mais de ano (foram muitas). Porque sim, professoras saem, bebem, dançam, têm amigas e, mesmo assim, produzem.

E, seguindo o exemplo destas e de tantas outras heroínas, tenho tentado em minha docência fazer um trabalho de formiguinha, mas que busque alterar essas exclusões que evidenciei ao longo do meu caminhar. Tenho formado muitas mulheres, orientado trabalhos de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado para que, um dia, elas possam estar trabalhando e lutando por mudança onde elas quiserem estar. (Espero que várias dentro das universidades como docentes e cientistas). Muitas destas, mulheres negras, tem buscado expor o racismo estrutural, gerando debates que possibilitem alguma alteração, incentivando a luta anti-racista. Mulheres LGBTQIA+ desvelando preconceitos e refletindo sobre a LGBTQIA+fobia. Temos dialogado com mulheres trabalhadoras, domésticas, trabalhadoras sexuais, mulheres da periferia, entre outras que lutam por seus direitos, mulheres da periferia. Tentado apoiar mulheres de Terreiro em suas lutas para praticar suas religiões em segurança, pela manutenção de seus saberes ancestrais, contra o crescente racismo religioso. (Acredito sim, que as universidades são lugares onde filhas de trabalhadoras domésticas e porteiros/as devam estar). Enfim, juntas, eu, estas mulheres pesquisadoras e tantas mulheres interlocutoras, em ciranda (como me ensinou a Mestra Griô) temos tentado transformar a educação e pensar novas epistemologias, relacionadas à diferentes ontologias, outros modos de olhar para o mundo e para a ciência, de forma comprometida, crítica, inter-

cultural, com uma visão positiva para outros futuros. Em especial agora, em um contexto tão incerto, caótico, de perseguição à ciência, ataques misóginos, racistas, LGBTQIA+fóbicos, um momento cheio de pessimismo, como o que vivemos hoje. Buscamos uma educação que vê e luta por futuros possíveis, mas que nos parecem ainda tão distantes.

Nesta semana uma colega de profissão recebeu, publicamente, um comentário de um homem que parabenizava outro, pela vitória em uma eleição para um cargo administrativo em uma Instituição de Ensino gaúcha. Ele dizia parabéns por vencer as mulheres, pois agora elas querem tudo, trabalhar, ter filhos, fazer doutorado, ter cargos, ser iguais aos homens. Finalizou dizendo "vão cuidar do marido e da casa". Ninguém ensinou a ele que lugar de mulher é onde ela quiser? Ou ele não quis ouvir? Está dentro de uma instituição de ensino e pensa assim. É por isso que temos que falar, gritar, esbravejar (mesmo sendo tachadas de grossas e loucas). É, justamente, por isso que temos que trazer as vozes dessas mulheres, cada vez mais, para nos ensinarem a sermos guerreiras, a "não envergar" e seguir lutando. Não queremos ser iguais aos homens, queremos ser nós mesmas, exercendo nossas escolhas. E, mesmo que tentem tolher nossos espaços, vamos pouco a pouco assumindo o que também é nosso.

E como sempre ouço de uma outra mulher que muito admiro, em mais um dos seus provérbios gaúchos que tenho tentado aprender: "Não te Mixa", segue em frente. Acho que é este conselho que deixo aqui. Serve para mim, diariamente, e espero que sirva para vocês também. Força![1]

PS: Se ficou muito confuso leia novamente, mas agora desconsiderando os parênteses. Neles estão divagações que não consegui apagar, parecia que apagaria partes de mim.

Um grande abraço (daqueles apertados proibidos devido à pandemia).
Louise Prado Alfonso

1. NIÈDE. Direção de Tiago Tambelli. Brasil: Elo Company, 2019. Filme (140 min)

Por uma universidade menos falocêntrica: escrever e inscrever o gênero

Karine Shamash Szuchman

Porto Alegre, 01 de maio de 2021

Cara leitora,

Sempre difícil começar, não é? Como falar sobre a profusão de diferentes sentimentos que é minha vivência na universidade? Habitar a universidade pra mim é movimento: por mais que eu já tenha passado pela graduação, mestrado e esteja agora no doutorado, não posso dizer que já sei o que esperar, como agir ou mesmo como funciona esse ambiente. Novos desafios sempre surgem e a busca por outras compreensões para o que já parecia estar entendido se mostra necessária.

Começo então pelo que creio ser para mim o ponto nevrálgico da minha relação com a universidade: a produção acadêmica. Sempre tive um sentimento muito ambivalente em relação a isso. Escrever um trabalho geralmente era muito custoso para mim, não era algo natural. Ao mesmo tempo que eu gostava de pesquisar um tema e me empolgava com minhas ideias, na hora de colocar no papel eu sofria; era constante a sensação de que eu precisava encaixar minhas palavras e pensamentos em um determinado formato – por mais livre que fossem as orientações.

Levei algum tempo para entender que essa minha dificuldade tinha relação com uma insegurança muito grande: conseguiria eu escrever algo in-

teressante? Inteligente? Algo de valor? E mais tempo ainda para entender que isso dizia respeito não somente a questões singulares, mas também à questão de gênero. No curso de psicologia é comum haver mais professoras mulheres do que homens e ainda assim, lembro perfeitamente de como os adjetivos usados para cada gênero nunca coincidiam. Haviam professoras cuidadosas, queridas, legais, enquanto genial e brilhante eram reservados a alguns professorEs.

Pois então, lembra que eu disse que era complexo né? Olha a ambivalência: com toda dificuldade que eu sentia em escrever eu preferia fazer um trabalho dissertativo a fazer uma prova. E aí, pra deixar mais confuso ainda você pode me perguntar por que eu fui fazer mestrado e agora doutorado se desde a graduação eu tinha esse incômodo com a produção acadêmica?

Bem, a verdade é que não tenho uma resposta na ponta da língua para lhe dar. Mas sei que sempre que escrevia eu escolhia falar a partir da minha experiência. Não por acaso, dentre o tripé da universidade foi a extensão que me fez seguir escrevendo. Eu queria falar dessas práticas que me fizeram repensar e articular as teorias a partir do que eu experenciava. Não queria suprimir o mal-estar que sentia ao escutar os relatos de violência policial dos adolescentes em cumprimento de medida. Se era para falar sobre a contribuição da psicologia social no atendimento a esses adolescentes, como deixar de lado o embrulho no estômago, que não diminuía com o tempo, que eu sentia a cada vez que as mães desses adolescentes falavam sobre as batidas policiais em suas casas?

Acredito que colocar esses afetos no papel também era uma maneira de problematizar aquele tipo de produção em que a escrita deveria ser objetiva. Fui aos poucos me indagando mais sobre o porquê eu deveria me adaptar a esse modelo e afinal, que modelo era esse? Comecei então, a insistir em uma escrita outra: uma escrita em que me sinto mais confortável. Uma escrita em que a subjetividade da pesquisadora apareça sem que isso diminua o valor do conteúdo, em que seja possível construir o conhecimento a partir dessa experiência singular e que esse caminho de construção possa ser narrado.

Uma escrita menos técnica, menos sisuda, que não me faça desaparecer e dê conta de narrar os saberes que adquiri fora dos livros. Ou ainda, uma escrita menos falocêntrica. Digo isso e lembro da Lenu, personagem de Elena Ferrante,[2] quando ela diz que era preciso aprender o mundo dos homens: como falar, como escrever, como se comportar... pois bem, a universidade era dos homens e estar nela parecia significar um constante esforço para se encaixar nisso.

2. FERRANTE, Elena. *História de quem foge e de quem fica.* São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

Havia essa pulga atrás da orelha que me indicava que esse "formato quadrado" (como convencionei chamar) era outra coisa que não eu, e que ao não aparecer ali no papel eu me perdia. Outra pista da autora italiana me ajudou aqui: a arma mais poderosa contra esse desaparecimento é a narração. Narrar tudo aquilo que um dia não foi permitido, ou ainda, tentar narrar afetos que não eram comumente colocados em palavras e muito menos teorizados.

Ler mais autoras mulheres e passar a admirar e valorizar seus diferentes estilos tem tido um efeito imenso para meu trabalho e mais ainda, para minha vida. Aqui incluo também literatura ficcional de mulheres – o que trouxe uma contribuição não só no formato da minha escrita, mas também no conteúdo, nas reflexões teóricas. Leio, no entanto, muito menos pensando em como isso pode me ajudar na escrita e muito mais como uma direção ética que há algum tempo me coloquei: ler, escutar, valorizar o trabalho de mulheres e, especialmente, de mulheres negras.

Se por um lado enxerguei a marcação do gênero como um entrave para me sentir totalmente pertencente ao mundo acadêmico, por outro, a cor da minha pele não era uma questão. Foi há poucos anos quando me deparei com os efeitos das marcações raciais em mim. A não marcação da branquitude – como me ensinou Grada Kilomba[1] e Maria Aparecida Bento[2] – permitiu que a raça não fosse uma barreira pra mim, muito pelo contrário, me dava passe livre. Ali onde falei acima que a universidade era dos homens, acrescento aqui, dos homens brancos. E quando Virginia Woolf disse que anônimo era uma mulher, acrescento aqui, uma mulher negra.

Foi também a escritora britânica que disse, um século atrás, que para escrever é preciso ter um teto todo seu. E as mulheres não tinham. Um século depois Gloria Anzaldúa[3] diz "esqueça o quarto só pra si. Escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar. Eu escrevo sentada no vaso." [...] Quando não tiver outra saída senão escrever".[4]

1. KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano.* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
2. BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). *Psicologia Social do Racismo:* estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. p. 25-58.
3. ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas,* v.8, n.1, p.229-236, 2000.
4. ibidem, p. 233.

Um quarto, ou um teto, não é condição necessária para a escrita e a obra de Carolina Maria de Jesus[5] está aí para nos provar isso. Sabemos que quando Viriginia Woolf[6] se referia quando se referia a um teto, não queria dizer literalmente o espaço físico – afinal, ela mulher branca de classe alta tinha um belo teto para si. Mas com isso ela conseguiu apontar que, enquanto os homens se trancavam em seus escritórios, as mulheres precisavam dar conta das tarefas domésticas, podiam ser interrompidas pelos filhos e precisavam parar tudo para fazer as vontades do marido.

Cara leitora, não sei se para você escrever é também uma tarefa árdua. Mas peço que não desista. Insista. Pois tornar a escrita – seja ela qual for – uma prioridade, parar um tempo para escrever e depois compartilhar essas palavras, é nossa tarefa ética, estética e política para habitar um mundo menos opressor, mais inclusivo e mais libertário para as mulheres – principalmente as não brancas.

Grada Kilomba fala dos bustos que é comum vermos nas universidades, como se fossem habitadas por cabeças, mentes sem corpos, sem genitais, sem gênero. Transformar a universidade é fazer aparecer a voz e os corpos de todes que hoje a habitam, que graças a muita luta, hoje são gêneros, raças e classes diversas. O corpo que habita a universidade é um corpo com órgãos, não é só mente. O meu corpo passa por tpm, sente cólica, enxaqueca, meu corpo precisa de comida. Meu corpo já foi tocado sem autorização, já foi assediado. Meu corpo é branco e nunca sofreu racismo. Meu corpo por vezes se sente exausto. Você já ouviu seu corpo? Você já o sentiu dentro da universidade?

Foi dentro da sala de aula, enquanto professora, que meu corpo e meu gênero se tornaram muito mais visíveis. Eu deveria usar salto alto? Se eu usasse uma mochila me confundiriam com uma aluna? Será que eu não deveria ir na manicure? Vão me respeitar mesmo eu sendo uma mulher jovem? Sim, a insegurança e a desautorização seguem à espreita.

Naquele momento foi bell hooks quem me guiou; com ela entendi que eu poderia criar com a turma uma comunidade de aprendizagem trabalhando os conteúdos programados a partir das experiências, minhas e das alunas, visibilizando um pouquinho da história de cada uma que habita a sala. E foram as histórias das alunas que me mostraram a força que temos para transformar a universidade em um ambiente que se pareça mais conosco. Através das parce-

5. Autora de *Quarto de Despejo:* Diário de uma Favelada (1960), entre outros.
6. WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu.* São Paulo: Tordesilhas, 2014.

rias com mulheres fui conseguindo criar outras formas de ser, estar, falar e escrever na universidade. Parcerias com professoras, alunas, com outras teóricas.

Cara leitora, chego ao fim. Não O fim, mas um fim possível. Espero mesmo que a escrita sempre nos seja infinita e nunca nos falte uma superfície para inscrevermos nossas palavras no mundo.

Com afeto,
Karine Shamash Szuchman.

Carta às mulheres que sou, mas não conheço

Mariana de Fátima Mielke

Curitiba, abril de 2021

Queridas leitoras,
Eu não as conheço, mas sei que além de mim, também sou vocês. Somos mulheres, e por sermos mulheres estamos juntas há muito tempo em uma luta diária por nosso lugar e nossa voz no mundo. Por essa razão, eu sei que apesar da nossa singularidade, cada pedaço de mim também é um pedaço de vocês. E é também por isso que afirmo a todas vocês que eu não conheço, mas são eu: tenham coragem. É vital que sejamos corajosas para resistir às tentativas de silenciamento das mulheres no meio científico e acadêmico.

O esforço para silenciar as mulheres no campo da ciência e da academia começa em casa: quem vai manter a higiene, a alimentação e os filhos se for a mulher quem faz ciência? Quantas horas por semana uma mulher consegue se dedicar aos seus projetos e estudo além das atividades domésticas? Quem vai cozinhar? Quem vai lavar as roupas? Quem vai cuidar dos filhos das professoras que são mães? Quem faz a tese de uma doutoranda que amamenta? É por isso que a maioria dos docentes na pós-graduação é masculina. Quem chega até este lugar com tantas tarefas extracurriculares?

É urgente que o trabalho doméstico deixe de ser visto como predominantemente feminino. É preciso que a gente aprenda a se despir da imagem

do feminino. Que deixemos nossas roupas um dia a mais no varal, a louça um pouco a mais na pia... a obrigatoriedade compulsória pela realização das tarefas domésticas não pode e não deve nos impedir de nos dedicarmos ao que temos a oferecer como pesquisadoras. Nós somos capazes de fazer muito mais por esse mundo que precisa de nós. Contudo, faz-se necessário nos preenchermos de coragem para deixarmos pelo caminho o pensamento de que muitas funções e responsabilidades pertencem somente às mulheres. É crucial pensarmos que uma universidade hegemonicamente masculina funciona como o sistema político sem qualquer representatividade feminina, ou seja, com leis e medidas que beneficiam apenas homens.

Há um ditado que diz "aprenda a conviver com os seus erros". Mas penso que para nós, acadêmicas, pesquisadoras e professoras, o mais difícil é aprendermos a conviver com os nossos acertos. Demora um tempo até conseguirmos nos apossar da nossa capacidade, inteligência e competência. Precisamos de coragem para quebrar a lógica patriarcal acadêmica e fazermos ciência com mulheres e para mulheres. Sendo assim, eu como mulher uso a minha voz e a minha escrita para chamar vocês para falarmos sobre ciência. Que não seja raro ou exceção encontrar mulheres nos ambientes acadêmicos aprendendo e ensinando. Lembrem-se de que para nossa voz ser ouvida precisamos falar mais e mais alto.

Mulheres, coragem.

Ainda teremos um longo caminho até a igualdade de gênero, mas a universidade é um dos meios para isso. Vamos juntas trabalhar para construir uma outra base epistêmica que não seja branca, eurocêntrica e patriarcal. É a voz das subalternas que abre espaço para a emancipação humana e a possibilidade de transcendência que todas merecemos por estarmos aqui, compartilhando dessa vida e desse mundo. Vamos escrever sobre nós, vamos falar tudo que ainda não quiseram ouvir.

É com muita felicidade que hoje já podemos dizer que o currículo lattes incluiu a licença maternidade para que as mulheres apontem essa tarefa em seus currículos. Mas nós queremos e precisamos de muitas mais conquistas e direitos garantidos. Sendo assim, convido todas vocês para que unidas façamos uma ciência afim de reestruturar este mundo e nossas possibilidades de existência.

Com coragem e com afeto,
Mariana de Fátima Mielke

Ancestralidade — Carta para minha avó Beatriz Éiras

Ana Carolina Coelho

Goiânia, 28 de Abril de 2021.

Oi Vó,

Tudo bom com a senhora? Dias atrás eu recebi um convite para escrever uma carta para dialogar com mulheres sobre vivências na Universidade nos dias atuais. E eu fiquei muito pensativa e calada. Sim, a sua neta que adora falar, de repente, silenciou. E a razão disso foi bem simples: eu sinto muitas saudades suas. E eu queria mandar uma carta para a senhora, minha vó: uma mulher que nunca frequentou uma universidade, uma das melhores costureiras da "Casa José Silva", moradora do subúrbio carioca, semianalfabeta, que enquanto esteve viva nunca deixou de ir na minha formatura, defesa de mestrado e sempre me dizia para eu "ir estudar". Lembro-me que a senhora não entendia muito bem o que estava sendo falado, mas que ficava sentada orgulhosa e sorridente o tempo todo. E que me dizia também sempre para não arrumar tanta confusão e parar de questionar tanto as coisas. Mas veja, vovó, esses mesmos estudos me levaram justamente ao caminho das perguntas infindáveis e do gosto pelo debate. Ou seja, eu lhe obedeci, de uma certa maneira. Eu lhe vejo sorrindo e dizendo que eu "não tenho jeito mesmo".

Eu queria dizer para a senhora que sua ausência na defesa da minha tese foi uma presença notável. Foi uma saudade gigante que se sentou na cadeira

vazia e ficou ali me encarando. E que eu continuei estudando, lecionando e acabei fazendo concursos e me mudei do Rio de Janeiro. Hoje sou professora na Universidade Federal de Goiás, moro em Goiânia e tenho duas filhas inteligentes, divertidas e lindas. Ambas "falam pelos cotovelos", como a senhora dizia que eu fazia. Continuo adorando ter bichos, plantas, livros e conversar com a casa cheia de gente. Do meu jeito meio bagunçado, eu sou feliz, vovó.

A Universidade se tornou boa parte da minha vida e desenvolvo vários projetos, adoro a sala de aula – como sempre – e continuo pesquisando e lendo muito. Aliás, ensinei à Clara Rosa, minha mais velha, o gosto por gibis tal como a senhora me ensinou quando eu era pequena. Já escrevi alguns livros e meu marido diz, com bastante frequência, que eu preciso dormir mais, porque sempre quero ler mais um capítulo ou ver mais um pedaço de um filme ou série. A senhora ia gostar dele, vocês iriam concordar e eu ia continuar acordada, discutindo com os dois. Eu adoraria poder viver essa cena. Ela faz parte apenas da minha imaginação, assim como tantas outras que eu queria poder lhe contar.

Parte de mim quer falar das teorias que eu estudo e das ideias que eu tenho. E um outro pedaço, bem grande, queria apenas lhe dar um abraço bem grande e apertado. Os abraços, nos dias de hoje, andam escassos e eu sinto muita falta dos seus braços enormes e fortes em volta de mim. Eu tenho me sentido pequena esses dias e olhado bastante para os dias que já se foram. E o meu passado é repleto de Dona Beatriz: cuidando, cozinhando, dando bronca, sorrindo, trazendo balas e conversando sobre coisas simples da vida.

Vó, acabei de entender porque essa carta é, simultaneamente, para você e para as mulheres e suas vivências nas universidades. Os nossos afetos são as bases que edificam a maneira como entendemos o conhecimento e nossas pesquisas, os simbolismos e suas interpretações. E a senhora representa, para mim, a humildade honesta da vida. A mulher que nunca frequentou uma Universidade, mas sabia da força que os saberes exerciam sobre as pessoas. "Vá estudar, menina!", agora quem fala sempre é mamãe, sua filha mais nova, que ganhou o título de "Avó". E eu, vovó, hoje sou "Mamãe", acredita? De todos os títulos que conquistei e prêmios que recebi, esse é o que mais tenho admiração em pronunciar.

A vida tem essa estranha mania de continuar, né? E a minha desobediência construiu uma existência plena de pessoas que acreditam, assim como eu, que o mundo pode ser melhor, mais plural e respeitoso. Eu queria que a senhora estivesse aqui para ver a mãe que me tornei, a professora e a escritora

que sou. A senhora iria, com quase toda certeza: sorrir, falar alguma implicância para mim e me dar alguma ordem que eu não ia obedecer totalmente. Escrevo essa carta às lágrimas, vovó. Sinto saudades!

E são essas mesmas lágrimas que me fazem seguir. É a sua ausência desafiadora na minha defesa de tese a minha lembrança mais forte, é a sua falta no dia a dia que me arrebata, de repente, que me faz questionar, às vezes, se tanta luta e tanto luto valem a pena. Valem sim! A senhora é hoje uma saudade e uma fonte de inspiração.

Essa carta, afinal, é para você, Vovó e para todas as mulheres que, nesse momento, lutam para estudar, pesquisar e permanecer no ambiente acadêmico: vocês não estão sozinhas. Se a senhora, mesmo sem compreender tudo, entendia a potência do que eu estava conquistando e estava lá para me dar a força e o suporte para continuar eu, hoje, continuarei sendo essa energia para outras mulheres nas Universidades. Dias Mulheres virão!

Com todo meu Amor,
Ana Carolina Coelho
Neta, Filha e Mãe

Lapsos de coragem e esperança

Rafaela Villar

Pelotas, maio de 2021.

Queridas colegas e professoras,

> "Celebração da subjetividade
> Eu já estava há um bom tempo escrevendo Memória do Fogo, e quanto mais escrevia mais fundo ia nas histórias que contava. Começava a ser cada vez mais difícil distinguir o passado do presente: o que tinha sido estava sendo, e estava sendo à minha volta, e escrever era minha maneira de bater e abraçar. Supõe-se, porém, que os livros de história não são subjetivos. Comentei isso tudo com José Coronel Urtecho: neste livro que estou escrevendo, pelo avesso e pelo direito, na luz ou na contra luz, olhando do jeito que for, surgem à primeira vista minhas raivas e meus amores. E nas margens do rio San Juan, o velho poeta me disse que não se deve dar a menor importância aos fanáticos da objetividade: — Não se preocupe — me disse —. E assim que deve ser. Os que fazem da objetividade uma religião, mentem. Eles não querem ser objetivos, mentira: querem ser objetos, para salvar-se da dor humana (GALEANO, 2005, p 118).[1]

1. GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços.* Porto Alegre: L&PM, 2005.

Começo essa carta com Galeano justamente por ele ter me iniciado em diversos momentos, conheci o autor e seus escritos no dia em que me formei no terceiro ano do ensino médio. Ganhei suas palavras do meu irmão mais velho, juntamente com um livro de Psicologia. Ali, naquele dia 3 de dezembro de 2015, pouco imaginava a quantidade de inícios e desafios que estavam por vir. Pouco mais de cinco anos depois, decidi compartilhar o mesmo texto em um grupo de pesquisa dentro da universidade que faço parte como graduanda em Psicologia. A partir do texto, me sinto mais confortável no lugar de quem escreve consigo, de quem não almeja ilusoriamente afastar-se de si para produzir. Cito Galeano em diálogo com o grupo de mulheres o qual pertenço pois as palavras de ambos me autorizam a dizer de mim.

Escrevo com receio e refletindo sobre o que deve ser posto e o que deve ser ocultado. Quem poderá ter acesso a escrita? O quão válido é falar de mim? São questões que criam ecos internos. Escrevo com medo. Medo que me acompanha nos mais diversos espaços desde muito cedo. Medo que é despertado, juntamente, com a lembrança dos ensinamentos e dos contornos subjetivos feitos muito antes de eu poder ter consciência da origem deles. Lembro fortemente dos silenciamentos de cada comportamento que sairia da linha, de cada opinião "desviante", de cada tentativa de ser eu mesma, de cada questionamento. Lembro de casa e, ainda, é desse lugar que parto e de onde escrevo.

Resgato aqui uma cena muito marcante afetivamente para mim. Arrumava-me para sair de casa e ir para faculdade, quando descubro que meus pais estavam recebendo ligações que diziam respeito aos meus comportamentos nas redes sociais. Nessa época, eu começava timidamente a falar sobre política e assumir meu lugar enquanto lésbica na sociedade. Desde então, as tentativas de silenciamento foram incontáveis e as violências também. No mesmo dia, no período da noite, tínhamos uma acolhida para novos estudantes do curso no auditório da universidade, onde a coordenadora do curso de Psicologia elaborava uma fala sobre o acolhimento das diferenças, a qual ressaltava que nenhum comportamento racista, machista e LGBTfóbico seria tolerado. Naquele dia eu chorei. Por menor e mais óbvio que possa parecer esse gesto, eram poucos os espaços em que sentia que eu poderia ser eu sem medo. O acolhimento nunca é óbvio e indiferente.

Foi, também, nos corredores da universidade que conheci pessoas que me transformaram e me transformam até hoje. Amizades com as quais eu dividi meus maiores medos e desejos, com quem pude me redescobrir em conjunto, no

entrelace de vivências. Foi dentro da sala de aula e por causa da sua diversidade, que necessita ser ampliada, que me inseri em uma outra etapa do processo de ser quem sou. Agradeço, aqui, as minhas colegas e professoras pelos debates, trocas e compartilhamentos; pela possibilidade de me aproximar da mulher e profissional que desejo ser; por terem me apresentado um entendimento de Psicologia Política e socialmente engajada e por me mostrarem que os afetos precisam de espaço.

Descrevo, até então, a potência da universidade enquanto lugar de acolhimento. No entanto, reconheço, também, os diversos dispositivos de violência e poder que perpetuam dentro desse espaço. Meu relato também diz do meu lugar de privilégio enquanto mulher cis, branca e que sempre teve acesso aos meios que facilitam a entrada e permanência na universidade. Ainda assim, foram vários os momentos em que testemunhei ou vivenciei, como alvo, situações de violência.

Recordo, com muita nitidez, de uma reunião acadêmica onde um professor dirigiu uma espécie de "conselho" para mim e uma colega – ambas lésbicas – sobre como deveríamos manter nossa higiene e alguns hábitos estéticos para que a saúde da nossa parceira fosse preservada. No momento em que escutei os "conselhos", os quais partiam de um homem hétero, não consegui responder e apenas ri da situação como forma de acabar com ela o mais rápido possível. Até hoje fantasio caminhos para essa conversa se minha resposta tomasse outro rumo.

Além dessa, outras falas que tangenciam o assunto acima são expressadas dentro e fora das salas de aula de forma não incomum. Entre conversas, encontros e desvios dividi vontades, como citei anteriormente. Em um desses compartilhamentos com um colega especialmente querido na época, mencionei empolgada um desejo de tema de pesquisa, o qual envolvia pensar questões da sexualidade lésbica. A resposta que obtive foi a de que eu, pela minha escolha de pesquisa, estava fazendo Psicologia para me conhecer e que deveria buscar essas "respostas" na terapia, não na graduação. O tema, na visão dele, era subjetivo demais e, então, ele apontaria o quanto eu era sentimental e me envolvia demais com casos, pesquisas e conteúdos. Para ele, o ideal era que eu achasse na Psicologia coisas não estressantes para "desopilar". Semanas depois desse diálogo, outros com viés parecido se consolidaram e o vínculo pessoal se rompeu por eu e algumas colegas "vermos questões em tudo".

No entanto, entre choros e desabafos, essas histórias foram contadas anteriormente em conversas privadas, onde tiveram ouvidos atentos à disposição e acolhimentos realizados prioritariamente por colegas e professoras. Em tempos de distância física, foram em alguns encontros virtuais e grupos consolidados ou continuados de maneira remota que, diversas vezes, encontrei refúgio para a solidão de quarentena, para algumas dores ou criei espaço para invenção de novas vontades. Por isso escrevo essa carta, por acreditar no eterno inacabado, na (des)continuidade das coisas e no coletivo enquanto força para reverberação, para mudança.

Com receio e lapsos de coragem e esperança,
Rafaela.

Da menina que queria ser doutora...

Aneliana da Silva Prado

Curitiba, 27 de março de 2021

Desde criança, eu queria ser doutora. Eu sabia pouco sobre o estudo necessário para cada profissão, mas o título me encantou desde cedo. Parecia coisa de gente importante, pois na minha referência de cidade pequena, os doutores tinham muito respeito. Cresci e tamanha foi minha alegria (e alívio) quando descobri duas coisas importantes e relacionadas uma a outra: 1) que para ser doutora bastava fazer um doutorado; e 2) que eu não precisava ser médica ou advogada para ter o título, pois na verdade, o título, não depende dessas nem de outras profissões que costumeiramente associamos a ele. E foi assim que, intuitivamente, escolhi me tornar psicóloga.

Abrirei um parêntese aqui sobre o verbo que escolhi usar para falar das decisões acadêmicas que, de onde eu venho, também deveriam ser profissionais: ser. Talvez como algumas das pessoas que lerão esta carta, ouvi incontáveis vezes que eu precisava "estudar para ser alguém na vida". Para desaprender isso, levo os meus últimos anos (e contando): desde que entrei na universidade e descobri que não era o estudo que me tornaria alguém. A frustração da descoberta foi grande. E eu continuo descobrindo o alguém que eu sou para além dos estudos e da minha profissão, pois seguramente, o que me constitui não são só as coisas que eu faço, em especial, nesse âmbito.

Aos 14 anos, eu saí da casa dos meus pais para me preparar para a universidade, de lá para cá, uma universidade pública me formou psicóloga. Quase paralelamente, outra universidade pública me formou licenciada em letras português e inglês. Profissionalmente, minhas formações resultaram no exercício da psicologia em uma instituição pública de educação. Por sua vez, isso me levou a um mestrado em educação e, atualmente, um doutorado em psicologia. É desse lugar que ora escrevo a você.

Se a universidade me deu tantas possibilidades de aprender e desenvolver habilidades que eu jamais pensei possíveis, ela também me trouxe muitos questionamentos. Muitas vezes, ela revelou preconceitos que eu nem sabia que tinha, desvelou realidades desconhecidas, e escancarou emoções que eu sentia, mas não sabia nomear. Por muito tempo, eu sentia que não pertencia: eu não me vestia, não falava, não escrevia, e às vezes sequer pensava como muitas das pessoas que pareciam "sentir-se em casa" no espaço universitário. Me tornei mais quieta, o medo de errar cresceu.

Mas, também tive a sorte de encontrar pessoas que me deram o contraponto do medo: a segurança. Encontrei professores e professoras que me abriram os olhos da minha potência enquanto profissional, e muitas vezes como pessoa. Amigas e amigos que me foram encontros significativos para a vida e para as novas experiências com o mundo além da janela do meu quarto. Encontrei angústia ao questionar minhas crenças tomadas como verdades. Vivi por muito tempo o pavor de "não dar certo". Acionei o piloto automático na sobrecarga de atividades. Chorei baixinho em aulas em que a teoria falava da vida encarnada. Fiz terapia. Quis largar tudo. Achei que ia morrer. Quis ser foda. Tantas vezes me senti medíocre. Outras tantas fui. Me comparei. Me compararam. Acolhi. Fui acolhida. Sofri bullying. Cheguei antes e também cheguei atrasada. Perdi prazos. Ganhei amigos. Fiz intercâmbio. Tive vontade de nunca ter crescido. Tive gripe em quase todos os finais de semestre. Achei que nunca seria boa o suficiente. Tinha vergonha de perguntar – a menina falante não achava palavra. Achei que tinha que dar conta de tudo. Fui vista. Mulheres me deram voz (sem jamais saber disso). Fui ensinada. Ganhei modelos. Conheci gente importante. Conheci gente prepotente. Conheci gente ignorante (a despeito do título grande). Conheci gente que dizia que não sabia escrever (mas tinha alma gigante!). Conheci gente com sede de aprender. Conheci gente disposta a ensinar. Conheci gente que nunca mais vi. Conheci gente que já nem existe mais nesse mundo. Conheci gente. Conheci.

Aprendi. Sobre feminismo. Racismo. Gênero. Diferença. Aprendi sobretudo sobre equidade. Encontrei mulheres com as quais quero parecer. Ganhei argumento para lutas que eu acreditava necessárias. Vi que outras vezes estava errada. Questionei minha fé. Atualizei meu olhar. Fortaleci meus valores. Afinei meu discurso. Fiquei tímida (depois, "desfiquei"). Ainda oscilo. Achei que era grande. Dei de cara com minha pequenez. Encontrei lealdade. Sofri com a frustração. Aprendi palavrão: epistemologia; ontologia; filogenética; hermenêutica; poiesis; biopsicossocial; lobo frontal faz o que?. Nunca usei drogas. Jamais vi plantação de maconha. Fiz iniciação científica. Gente, qual a diferença entre método e metodologia?. Nas normas da ABNT ou da APA?. Celebrei minha primeira publicação. Senti saudades da cartolina envolta no papel crepom. Passou a ser tudo preto no branco. Métrica. Rigor. Padrão. No mundo adulto da universidade tem regras não ditas que podem te definir. Saiba sobre elas, mas não caia na tentação do padrão da reprodução. Dizem que a vida imita a arte. Com a ciência (crítica) à mão, talvez a gente mude (pelo menos um pouco) a nossa sorte. A universidade é pra ser universal, plural e acessível. Mas ainda precisa ser ocupada – especialmente por quem não era suposta(o) estar lá.

Com afeto,
Aneliana da Silva Prado

A todas as meninas e mulheres que um dia duvidaram de si

Jôse Lane de Sales

Angra dos Reis, fevereiro de 2021

Querida Camila Farias,

Essa carta, apesar de ser uma resposta a você, não é uma carta exclusivamente sua, ela se destina também **às meninas e às mulheres** que já tenham experimentado, ou ainda experimentem, algo semelhante ao que você teve coragem de colocar no papel. Assim, essa carta é para todas que em algum momento se sentiram aquém das exigências acadêmicas, ou pior, passaram a ter dúvidas se a **universidade** era um lugar para si. Nesse sentido, as **palavras** que aqui escrevo são também para mim mesma, tanto para a menina estudante de psicologia que fui quanto para a professora em construção que sou.

Para começar quero dizer que dentro deste contexto pandêmico, eu estou bem. Mas, não vou mentir, 2020 foi um ano bem difícil, entre o turbilhão de emoções que me invadiram, senti medo a maior parte do tempo e tive muitas dificuldades para conciliar a maternidade solo em sua radicalidade com o home office. O ano de 2021 tem se mostrado tão desafiador quanto o anterior. Se, por

um lado, o início da vacinação contra a Covid-19 me devolveu um pouco de esperança, por outro, observar o acirramento das desigualdades sociais, econômicas e educacionais dificulta vislumbrar dias melhores. Tenho consciência de que desfruto de muitos privilégios, sei que a maioria das mulheres de nosso país não podem, por exemplo, permanecer em uma casa confortável sem ter sua subsistência ameaçada e que, inclusive, algumas neste momento não têm o que dar de comer aos seus filhos. Sem mencionar aquelas que os perderam ou perderam a própria **vida.**

Pensar e viver tudo isso me provoca sentimentos que nem sei nomear, é algo maior que tristeza, às vezes próximo de um desalento. Mas, considerando que a alegria pode ser uma forma de **resistência,** tenho tentado extrair esse sentimento dos pequenos grandes acontecimentos da vida, e o convite para participar do ***Projeto Trocando Cartas: Vivências de Mulheres na Universidade*** está sendo um desses. Suas palavras me emocionaram profundamente, me remeteram ao meu percurso acadêmico, desde a minha entrada na graduação de psicologia, passando pelo mestrado e doutorado em teoria psicanalítica, até o presente momento, em que dou aula em uma universidade privada.

Minhas memórias do tempo da graduação são, em sua maioria, marcadas por sentimentos positivos e de grande realização. **A universidade sempre foi um sonho.** Tal como você, Camila, meus pais nunca frequentaram uma. Cresci ouvindo que cursar uma faculdade pública era extremamente difícil, mas possível, desde que estudasse muito, muito, muito. E eu segui à risca aquilo que tomei como recomendação, estudei muito, muito, muito até chegar ao tão sonhado curso de psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os cinco anos de graduação, apesar dos esforços financeiros e emocionais meus e dos meus familiares, foram anos muito felizes. O meu dinheiro era contado, dividido entre xerox e almoços baratos, não sobrava para comprar livros, estudar outras línguas ou fazer cursos extras. Às vezes me sentia deslocada, outras vezes, defasada, quando me comparava com os demais

estudantes oriundos de escolas privadas ou públicas renomadas. Eu vinha de uma cidade pequena e de uma vida toda em escola pública. Mas nada disso tirou o prazer de estar onde eu estava.

Ainda é muito viva em mim a sensação de encanto de ter aula com professoras e professores que eu admirava, de passear pelos corredores da biblioteca do meu curso, que apesar do cheiro de mofo, me oferecia um mundo de leituras. Só alguns anos depois, percebi que a universidade poderia ser um lugar hostil para algumas pessoas, sobretudo para aquelas que não se enquadram nos **parâmetros de raça, gênero, sexualidade e classe estabelecidos como ideais** nesta sociedade cisheteropatriarcal.

Assim, imagino que o sentimento de não pertencimento ao universo acadêmico deve ser infinitamente mais intenso nas mulheres não brancas, nas homossexuais, nas trans, nas que habitam as periferias e subúrbios, nas que têm algum tipo de deficiência, só para citar alguns recortes. Não posso deixar de mencionar aquelas mulheres **que tentam conciliar as atividades acadêmicas com a arte de cuidar de um outro ser.** Provavelmente, por uma forte identificação, tenho estado um pouco mais sensível ao percurso e às dores delas. É crescente em mim o desejo de investigar como a ação de cuidar foi historicamente ficando a cargo exclusivo das mulheres e como isso impacta objetiva e subjetivamente as nossas vidas. Mas esse é um assunto para uma outra carta ou, quem sabe, para um pós-doc...rs

Ainda que algumas singularidades tragam mais dores a certos grupos, sabemos que a vivência de estar aquém das exigências acadêmicas é comum a quase todas nós. Inclusive, estou me lembrando agora de uma pesquisa que desnuda a precocidade dessa sensação de inferioridade intelectual nas meninas. A pesquisa foi realizada com **crianças de cinco, seis e sete anos de idade** e envolveu dois experimentos. No primeiro, contaram uma história cuja personagem, que não tinha o gênero revelado, era descrita como uma pessoa muito inteligente; as crianças tinham que responder se era um homem ou mulher. O grupo de cinco anos de idade escolheu o próprio gênero como mais inteligen-

te. Entre as crianças de seis e sete anos, as meninas foram menos propensas a apontar as mulheres como a pessoa inteligente. No segundo experimento, ofertaram às meninas e aos meninos dois tipos de jogos com nível de dificuldade semelhantes, mas descritos como jogo para pessoas "muito, muito inteligentes" e jogo para pessoas "muito, muito esforçadas". As crianças de cinco anos escolheram ambos os jogos, sem que observassem diferenças nessa escolha. Porém, nos grupos de seis e sete anos, as meninas mostraram mais predisposição para rejeitar os jogos para pessoas inteligentes e eleger os de esforçadas.

A primeira vez que ouvi esses resultados fiquei em choque. Não é fácil constatar que já a partir dos seis anos começamos a acreditar que não somos tão inteligentes quanto os meninos. Me pergunto o que é preciso fazer para alterar essa lógica…

Camila, em sua carta você nos convida a pensar: **"E se nossas escolhas, caminhos e construções profissionais tivessem como alicerce quem somos, as nossas histórias, as nossas experiências, os contextos que nos constituem, os nossos afetos, o nosso sentir?"** Eu aceitei seu convite e sigo refletindo sobre sua proposta. Sabemos que nossa história profissional carrega todas essas marcas, mas você vai além, ousa sonhar como seria se tudo isso não fosse apenas marcas, mas sim alicerce. Fiquei algum tempo imaginando grandes prédios sendo construídos, visualizei o solo sendo escavado e os alicerces sendo colocados antes dos prédios começarem a se materializar. Sem alicerces não há prédios que se sustentem. Sua proposição, Camila, inverte uma lógica, transforma aquilo que é comumente lido como desvantagem no percurso acadêmico das mulheres em sustentação, ou seja, em potência. Completamente tomada pela alegria de poder enxergar o mundo por essas lentes, pouco a pouco alguns nomes foram surgindo em minha memória:

Nise da Silveira,
Virgínia Bicudo,

Neuza Santos Souza,
Conceição Evaristo,
Preta Rara,
Dara Ramires Lemes.

Só para citar algumas mulheres que revolucionaram o saber acadêmico. Uso a palavra revolução ciente dos seus sentidos: **transformação, alteração, inovação, reforma, renovação.** Foi exatamente isso que essas mulheres promoveram ao driblarem as amarras do patriarcado e do machismo, e algumas também do racismo.

Todas as mulheres listadas deveriam dispensar apresentações, mas não vou me furtar ao prazer de escrever algumas linhas sobre os pontos que mais me tocam no percurso de cada uma delas.

A trajetória da psiquiatra alagoana **Nise da Silveira,** que inclusive foi retratada em um filme, é marcada pela sua incansável defesa de um tratamento digno às pessoas com transtornos mentais. Ela se formou na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1931, a **única mulher em uma turma de 157 homens.** Vocês conseguem imaginar como devem ter sido os anos de graduação dela? Quando ela obteve o diploma, as mulheres ainda nem tinham direito ao voto no Brasil, algo que só foi conquistado um ano mais tarde.

Virginia Bicudo foi pioneira em muitas frentes, a primeira mulher a fazer análise na América Latina, **a primeira psicanalista não médica do Brasil, em 1937,** e a primeira pessoa a produzir uma dissertação sobre as questões raciais do país, obtendo o título de mestre em 1945 em uma turma em que era a única mulher. Virginia carregava não apenas os estigmas de ser mulher em universo masculino, mas também de ser negra e se fazer presente em espaços dominados pela branquitude. Não consigo dimensionar a força e a determinação dessa mulher que fez história na psicanálise.

Neusa Santos Souza também foi psicanalista, autora do Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social, publicado em 1983. **O primeiro livro que li sobre relações raciais a partir da ótica psicanalítica,** livro que me fez acreditar que era possível pesquisar as relações raciais em um doutorado em teoria psicanalítica. Nascida na Bahia, Neusa se formou em medicina pela Universidade Federal da Bahia, especializando-se em psiquiatria. Já atuando como psicanalista, em 1981 obteve o título de Mestre em Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua dissertação deu origem ao livro citado, atravessando os muros do universo acadêmico e transformando-se em um clássico também para a militância negra.

Conceição Evaristo, ganhadora do Prêmio Jabuti na categoria Personalidade Literária do Ano em 2019, nasceu em uma favela na cidade de Belo Horizonte, em 1946. Ainda criança, com apenas 8 anos, começou a trabalhar como empregada doméstica. Aos 27, foi morar no Rio, onde fez graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com a tese Poemas malungos, cânticos irmãos. A maior parte de seus escritos incluem as relações raciais e de gênero. Entre todos eles, um dos que mais me emociona é o poema "Vozes-Mulheres", em especial seus últimos versos:

A voz de minha filha recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Joyce Fernandes, mas conhecida como **Preta Rara,** nasceu em Santos, em 1985. Além de historiadora, educadora e escritora, é rapper e produtora de conteúdo nas mídias sociais. Neta e filha de mulheres que ganharam

seu sustento como empregadas domésticas, Preta Rara almejou novos caminhos. Mas, antes de se formar em História, se tornar educadora e consolidar sua carreira artística, acabou tendo que trabalhar como empregada doméstica também. Surgiu daí a inspiração para criar, em 2016, em uma rede social, a página Eu empregada doméstica, na qual relatava algumas das situações de abuso e humilhação sofridas quando era empregada doméstica, acabou encorajando outras mulheres a narrarem suas experiências. Em 2019, esses relatos foram reunidos e deram origem ao livro ***Eu empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho de empregada.***

Dara Ramires Lemes, ou melhor, a **Doutora Dara,** tal como é chamada no posto de saúde que atende, é a primeira guarani-kaiowá a se formar em **medicina, o que ocorreu no final de 2020.** Dara nasceu em Caarapó, no Mato Grosso do Sul, passou a infância na aldeia indígena Te'yikue, na adolescência jogou futebol pelo Atlético Mineiro, com 17 anos foi aprovada para medicina na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em clínica geral e saúde da família, Dara voltou para sua aldeia, em MS, onde atua em um posto, realizando, sobretudo, atendimento primário para prevenção dos casos de Covid. Um dos diferenciais de Dara é falar guarani.

Inspirada na trajetória da Virgínia, da Nise, da Neusa, da Conceição, da Joyce, da Dara e de tantas outras meninas e mulheres anônimas, quero finalizar esta carta pedindo a todas vocês que não recuem. Sigam em frente se apoiando e ocupando todos os espaços. E, se possível, façam isso sem timidez, sem constrangimento, sem se desculparem por serem quem são. Questionem as normas rígidas e preestabelecidas antes de vocês chegarem. **Coloquem o que há de mais genuíno em seus trabalhos e pesquisas.** Tornem essas terras, que a princípio nos parecem estrangeiras, em familiares e férteis para o desenvolvimento, não somente de pesquisas, mas, sobretudo, de **sonhos.**

Jôse Lane de Sales

Escrita afetiva: uma ferramenta política para as mulheres-mães-cientistas

Keyth Vianna

São Gonçalo/RJ, maio de 2021

Queridas mulheres-mães-cientistas da universidade,

A fim de apontar os rumos da nossa conversa, ressalto que esta carta tem dois momentos. No primeiro, eu relato um pouco dos meus dilemas no que se refere ao viver a/na academia, em plena pandemia de Covid-19, sendo eu mulher-mãe-dona-de-casa-psicóloga-doutoranda. No segundo momento, exponho as possibilidades de uma escrita forjada na e pela experiência de afetação; especificamente, discuto como essa escrita produz conhecimento e potencializa a construção de outros mundos. Meu intuito é denunciar a opressão vivida pelas mulheres e, assim, fomentar outras formas de (re-)existir enquanto mulher na universidade.

Começo, então, com uma citação: "A escrita dói, mas também salva!"[1] Essa frase retrata bem minha relação com a escrita. Posso dizer que escrever esta carta, por exemplo, foi motivo de alegria e de angústia. De alegria porque eu amo cartas; de angústia porque, em muitos dias, interpelada pela dificuldade de iniciá-la, criei inúmeros pretextos para não me dedicar a ela. Após

1. KHLÔH, Suzana de Sá. *Clarice Lispector e o narrar-se.* 2009. 137 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

um banho quente e um café mais quente ainda, neste fim de tarde de outono, constato, mais uma vez, aquilo que eu já sabia e que tem me acompanhado nos últimos tempos. O quê? É simples: escrever não é fácil. Nunca foi. Pelo menos não para mim. Exige coragem — coragem de se mostrar nas letras impressas. Afinal, como nos alerta Guimarães Rosa[2],

> O correr da vida embrulha tudo,
> a vida é assim: esquenta e esfria,
> aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.
> O que ela quer da gente é coragem [...].

Aqui em São Gonçalo/RJ, que é de onde eu escrevo, o tempo está chuvoso. Sinto até um pouco de frio. Eu adoro o tempo assim. São quase cinco da tarde e eu estou sentada à mesa da cozinha da minha casa. Enquanto me debruço sobre esta escrita, vigio também a panela que está no fogo, cozinhando o jantar, e espio o meu filho Davi (hoje com cinco anos), que brinca pela casa.

Vou me apresentar melhor: sou mulher, branca, mãe do Davi e à espera da Isabela. Estou com seis meses de gestação. Sou psicóloga, dona de casa e estou cursando o terceiro ano do doutorado em psicologia social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O Davi nasceu em 2015, época em que eu já havia concluído a graduação em Psicologia. Quando ingressei no mestrado, em 2017, ele tinha quase dois anos de idade. Desde então não saí mais da academia. Sempre foi um sonho chegar ao ensino superior; ser mestra e estar cursando o doutorado é uma alegria enorme.

Sim, sou mulher-mãe-dona-de-casa-cientista-doutoranda vivendo o contexto universitário. Confesso que não sei bem a ordem dessas categorias, se é que pensar nisso faz algum sentido. Eu sei, e vocês também sabem, que tal experiência não é fácil... E eu ainda nem considerei os efeitos devastadores da pandemia de Covid-19 nas nossas vidas! Mas sigamos.

Quando descobri minha segunda gravidez, foi um susto: uma alegria inesperada. O inesperado mais esperado, eu diria. Eu já desejava mais um filho ou filha, mas queria aguardar o término do doutorado e deste momento desafiador que estamos vivendo. Parecia o mais sensato a ser feito. Mas Isabela chegará em breve e não tem ideia do caos em que o mundo está. Eu? Sou um

2. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão:* Veredas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

pouco caos também, mas tento viver esta gestação da melhor forma possível. Enquanto isso, gostaria de dividir uma angústia que tem me acompanhado nos últimos meses: "Como vou dar conta de dois filhos, doutorado, casa, trabalho, produção de conhecimento...?"

Respiro fundo. Preciso respirar fundo toda vez que esse questionamento chega.

Parecem tarefas demais para um único ser humano, não é? E são. É justo lançar sobre mim toda essa responsabilidade? Por que raramente questionamos a ideia de que temos que atender a todas as demandas que nos são impostas e tomadas como naturais? Exigências típicas do mundo feminino...

A esta altura, imagino que vocês estejam indagando o motivo desta sucinta apresentação, não é mesmo? Já vou lhes contar. Sabe, eu aprendi com a mulher-professora-mãe-cientista Alexandra Tsallis[3] que situar o lugar de onde falamos é um ato político. Isso mesmo! Tomar a nós mesmas como ponto de partida permite situar o que nos interessa, o que nos cabe, de onde e por que falamos/escrevemos, localizando assim as fronteiras entre o que conhecemos e o que não conhecemos. Além do mais, contar histórias é povoar o mundo, como destaca a própria Alexandra Tsallis em uma parceria de escrita com a pesquisadora Marcia Moraes[4]. Dessa forma, espero que a minha história conecte outras histórias, engendrando a composição de um nós e de um mundo mais plural porque diverso.

Olho pela janela e percebo que já anoiteceu e que a chuva que havia cessado voltou a cair. O som do encontro da água da chuva com o telhado me fascina. Posso passar horas em silêncio, apreciando-o. Dedico alguns minutos a essa escuta e, então, um pensamento se aproxima. Estou aqui refletindo e... Eu não quero viver todas as minhas conquistas como se fossem um fardo. Concordam? Eu amo ser mãe. Amo estar na universidade fazendo ciência. Amo ser psicóloga. Amo cuidar da minha casa e da minha família. Sendo assim, eu pergunto: como cuidar para que nós, mulheres, possamos viver o "ser mulher" de outras formas? Menos oprimidas, menos exaustas e menos

3. TSALLIS, Alexandra. Comunicação pessoal, 2021.

4. MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Revista Polis e Psique,* Porto Alegre, RS, v. 6, n. 1, p. 39-50, jan. 2016. Disponível em: https://doi.org/10.22456/2238-152X.61380. Acesso em: 13 maio 2021.

reféns da sensação de estar em dívida seja com a casa, com a família, com o trabalho, e até conosco.

Imagino que muitas de vocês compartilhem minhas angústias e conflitos. Digam-me: quando foi a última vez que vocês se colocaram em primeiro lugar? Antes dos filhos, daquele artigo que precisa ser escrito e submetido, das tarefas domésticas...? Minha intenção com esta carta não é só desabafar. Quero, com esta escrita, forjar uma ferramenta: ultrapassar o pessoal e transformá-lo em um instrumento político que possibilite ecoar a opressão que as mulheres vêm experienciando, em suas vidas e em seus corpos, pelo simples fato de serem mulheres.

Preciso de uma pausa para mais um café antes de seguir! Já está tarde para mais uma xícara de café, eu sei. Mas eu não resisto. Aproveito para verificar o andamento do jantar e o que Davi tem feito enquanto escrevo. Está tudo tão silencioso e eu sempre desconfio desses silêncios repentinos. Vocês não?

Há mais algumas coisas que vocês precisam saber sobre mim para que possamos continuar esta conversa. Eu sou uma pessoa intensa em meus sentimentos. Sou, de fato, morada de muitos afetos e afetações, e são eles que têm performado a minha escrita nos últimos anos dentro da universidade. Agora, imaginem só eu, mulher-mãe dentro da universidade, querendo produzir conhecimento científico com e a partir dos afetos! Eu sempre me vi engasgada com a escrita: escrever sempre foi um desafio e, sobretudo durante o mestrado, algo que frequentemente me paralisou. A escrita não acontecia: parecia não existir caminho viável para o que eu queria dizer com as minhas palavras. Até que me deparei com as cartas. Mulher-mãe dentro da universidade querendo produzir conhecimento científico com e a partir dos afetos? Escrevendo cartas? Uma proposta um tanto inusitada para uma mulher, não é mesmo?

Suponho que vocês estejam indagando o mesmo que eu na época: "Cartas? Pode isso numa dissertação de mestrado?". E acreditem: hoje, anos depois, no doutorado, a dúvida de estar engajada numa prática tomada como não científica ainda me assombra. Sinto, o tempo todo, que caminho na contramão. Sinto que preciso provar que o que eu estou fazendo é, também, ciência. Sinto que estou na "barriga do monstro", como diz Donna Haraway[5]. E isso é exaustivo. Mas eu não posso deixar de ressaltar que toda essa necessidade

5. HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu,* Campinas, n. 5, p. 7–41, 1995. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773. Acesso em: 13 maio de 2021.

de ser aceita, de receber tal aprovação por parte da academia, está intimamente relacionada ao fato de eu ser mulher. E acreditem: eu não sabia disso até bem pouco tempo! Por isso esta carta é um ato político: porque afirma que o que eu faço — o que nós, mulheres-mães, fazemos na universidade — é, sim, ciência!

Preciso de um minuto. Enquanto estava mergulhada na escrita, parece que o jantar queimou. De tão imersa nas palavras, nem senti o cheiro de queimado. Mas o Davi, sim! E me avisou: "Mãe, está queimando!".

Alguns minutos examinando a comida: perda total. Não será possível salvar o jantar, mas não posso me afastar desta escrita. Não agora!

Sigamos.

Retomando a questão das afetações, gostaria de ressaltar que, quando uso a palavra *afeto*, aproximo-me daquilo que Jorge Bondía[6] diz sobre a experiência. Entendo a experiência de afetação como tudo aquilo que nos passa, nos atravessa, nos mobiliza, nos angustia, nos paralisa. Poderia eu escrever sem falar do que me atravessa neste momento — a pandemia, o Davi, o jantar, as angústias, os conflitos de ser mulher-mãe na universidade? Sim, mas não é essa a escrita possível para mim. Em vez disso, dedico-me à arte de produzir um conhecimento situado, local, como sugere Dona Haraway[7], assim como uma ciência interessante, interessada e encarnada, como propõem John Law[8] e Vinciane Despret[9].

Penso que uma escrita performada pelos afetos é uma escrita que acontece antes em nós. É uma escrita que se faz no corpo; que, se fazendo corpo, pode, então, ser palavra. As palavras nos ajudam a expressar aquilo que nos atravessa, nos mobiliza, nos afeta, apesar de nem sempre nos entendermos muito bem com elas, não é mesmo? Por isso é difícil mergulhar nesta proposta de escrita, nesta escrita afetiva, se assim posso nomeá-la.

Estamos caminhando para o fim desta conversa. Estou cansada. Ainda preciso pensar em algo para substituir o jantar queimado. O Davi também exige

6. BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação,* [S. l.], n. 19, 20-28, 2002 Disponível em:http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

7. HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu,* Campinas, n. 5, p. 7–41, 1995. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773. Acesso em: 13 maio de 2021.

8. LAW, Jown. *After Method.* Mess in social Science research. London: Routledge, 2004.

9. DESPRET, Vinciane. *Our Emotional Makeup:* Ethnopsychology and Selfhood. New York: Other Press, 2004.

minha atenção! Mas, antes de ir, quero falar um pouco sobre o meu encontro com as cartas e sobre como elas me permitem produzir conhecimento, fazendo ressoar a opressão vivida pelas mulheres a partir de uma escrita engajada, encarnada e situada.

Sobre o meu encontro com as cartas... Não pensem que foi um encontro trivial! Resisti? Muito. Primeiro porque julgava pouco acadêmico escrever textos em forma de cartas, como já lhes contei. Segundo porque as cartas exigem um deslocamento em relação à escrita predominante na universidade, um movimento que coloca outros aspectos em cena. Cartas, apenas por serem cartas, descortinam os afetos que as forjaram. Escrevê-las não é mais fácil do que escrever um texto acadêmico nos moldes tradicionais. Também não estou afirmando que é mais difícil. Digo apenas que as cartas exigem de nós outras ferramentas e mobilizam outras experiências, algumas delas negadas pelos cientistas modernos na produção do conhecimento científico. Eu diria, inspirada em Foucault[10], que a carta é uma escrita de si. Ela exige presença, transbordamento, "faz o escritor 'presente' àquele a quem a dirige".

As cartas me permitem uma escrita viva, errante, que faz ressoar quão desafiadora pode ser a vida de uma mulher-mãe no contexto universitário. Isso é fazer ciência. Científico, para mim, aqui, é engendrar a possibilidade de um nós, de um mundo comum, onde todas caibam e possam divergir.

Na semana passada, Alexandra Tsallis[11] me presenteou com uma potente reflexão. Ela me disse que, quando damos voz a uma questão, conferimos expressividade a muitas coisas que estão em andamento. E concluiu: "nas vozes de uma pessoa, moram muitas vozes". Assim, meu intuito é que a minha voz, expressa nesta carta, seja também as vozes de outras mulheres; que, juntas, possamos (re)inventar outras possibilidades de existência para o "ser mulher", dentro e fora da universidade.

Assim eu me despeço, desejosa de que esta escrita movimente outras vidas, e de que eu ainda consiga algo para o jantar!

Com afetos,
Keyth.

10. FOUCAULT, Michael. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michael. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.
11. TSALLIS, Alexandra. Comunicação pessoal, 2021.

Mulheres

Martha Rodrigues Ferreira

São Lourenço do Sul/RS, 29 de abril de 2021.

Olá colegas,

Me pediram para escrever uma carta sobre "como nós mulheres, em nossa pluralidade de formas de existência, podemos ser/estar no ambiente universitário? Como poderemos contribuir para a desconstrução dos regimes de poder que nos violentam e são reproduzidos de forma velada (ou deliberada) nas instituições de ensino?".

Após refletir muito sobre essas vivências que me atravessam, dei vida a um poema, foi a forma que encontrei para pôr em palavras minhas angústias sobre ser mulher e estar, fazer e ser quem sou. Para mim essa linguagem poética é libertadora, cada palavra, frase, estrofe, trecho desse poema, não é em vão. Na minha vida escrever poesias é uma das formas de resgate do que tento esconder ou esquecer.

É doloroso, assim como ser mulher nos tempos de hoje, deixar sair gritos que estão engasgados, mas o processo de escrever ordena nossas dores e conforta, porque nos faz refletir sobre o passado e sobre o presente, o que me fez ver que avançamos, que estamos conseguindo! Espero que minhas palavras tragam, assim como trouxeram para mim, reflexões e acalanto.

“Pediram pra falar o que vivo no meu cotidiano, ao fazer o que faço,
ao ocupar o lugar que ocupo
Mas falar de mim, é falar do que sou construída
Falar de mim, é falar de quem me constrói
Falar de mim, é falar das mulheres que me inspiram
Falar de mim, é falar daquelas que vieram antes

E ao falar delas, eu lembro dos sofrimentos que passamos,
Separadas,
Em épocas diferentes, em países diferentes, em ruas diferentes, em casas diferentes
Lembrar que somos todas diferentes
De cores diferentes, de amores diferentes, de posibilidades diferentes

Ocupar o lugar que ocupamos nos faz sofrer
Seja onde for,
Nosso caminho é sempre mais doloroso do que o deles

Se o sofrimento não vem da família,
vem da rua, vem da tv
Se o sofrimento não acontece na sala de aula,
acontece no elevador, na cantina

A gente dói por inteira, mas seguimos em vigília
Cuidando uma das outras

Escrevemos
Pintamos
Cantamos
Desenhamos
Falamos sobre as violências que vivenciamos

Na esperança de sermos ouvidas, respeitadas, valorizadas

Mas mesmo que não seja conosco, dói
Porque se dói em uma, dói em todas”.

Martha Rodrigues Ferreira

Auroras

Antonia Espindola Longoni Klee

Pelotas, RS, maio de 2021

Sou muito grata aos meus professores e às minhas professoras. Muito do que sou devo a essas pessoas que dedicam a sua vida profissional na formação de seres humanos. Tenho consciência de que boa e grande parte do conhecimento que adquiri ao longo da vida foi em função das lições recebidas de professores e de professoras. Lembro com muito carinho de ensinamentos, lições, aulas expositivas, conversas informais e aconselhamentos. E tenho certeza de que o meu gosto pela Língua Portuguesa, pela Literatura Brasileira e pelo Direito Privado se deve aos Mestres que tive ao longo da minha vida acadêmica e profissional.

Mas nem sempre pensei em ser Professora, ou "só Professora", como afirma quem não valoriza a carreira acadêmica e a docência na área jurídica. Entrei na graduação em Direito pensando em me tornar "só" advogada, mas durante o curso tive a oportunidade maravilhosa de conviver com a Professora Dra. Cláudia Lima Marques, que influenciou definitivamente a minha formação e despertou em mim a vontade de fazer pesquisa científica em Direito e de ser professora. Durante a graduação já pensava no Mestrado e, quando entrei no Mestrado, já estava decidida a fazer o Doutorado.

Durante o Mestrado e o Doutorado, enquanto exercia a advocacia, preparei-me para fazer um concurso para ingressar na carreira do magistério público superior. Nesse período, tive a honrosa oportunidade de conviver profissionalmente com o Ministro Ruy Rosado de Aguiar Júnior em seu escritório, depois de sua aposentadoria no Superior Tribunal de Justiça. Então pensava em conciliar a docência com a advocacia, já que advogar era a minha ocupação profissional principal. No Curso de Direito, é bastante comum ter professores e professoras que conciliam a docência com outra atividade profissional na área jurídica.

Para mim, estar na Universidade como docente do Curso de Direito é a consequência natural de tudo que construí ao longo da minha vida acadêmica. Cresci em uma família que valoriza muito o estudo e o trabalho e aprendi que, por meio do estudo, poderia desempenhar um trabalho que me daria a independência financeira necessária para ter uma vida digna, sem depender economicamente de ninguém, e assim poder ser livre para concretizar todos os meus sonhos e objetivos de vida.

Ser mulher e não depender economicamente de ninguém pode ser um paradoxo em uma sociedade machista, patriarcal e preconceituosa, na qual o homem desempenha o papel principal – seja de marido, de pai, de proprietário, de profissional, de provedor – porque os princípios, os valores, as normas e as regras são feitas por homens e para os homens. E não só. Os bens públicos também são construídos pelos homens e para os homens. Exemplifico: O Supremo Tribunal Federal, órgão máximo do Poder Judiciário brasileiro, não tinha banheiro para mulheres Ministras até o ano de 2000, quando Ellen Gracie Northfleet foi nomeada a primeira Ministra mulher da Corte, que existe desde a Independência do Brasil. Ou seja, por quase duzentos anos, a mais alta instância do Poder Judiciário do país foi ocupada exclusivamente por Ministros homens.

Baseada na minha experiência pessoal, afirmo que, se, na educação infantil, nos ensinos fundamental e médio é mais comum encontrarmos professoras mulheres, nos Cursos de Direito – pelo menos os mais tradicionais, como os das Faculdades de Direito da UFRGS e da UFPEL, no Rio Grande do Sul, – a grande maioria dos professores são homens. Menciono essas duas instituições, porque da UFRGS fui aluna; da UFPEL sou professora. Também fundamentada na minha experiência pessoal, asseguro que esses professores homens possuem uma outra atividade profissional – que não raro é a sua principal ocupação: são advogados (públicos ou privados), juízes, desembargadores, promotores ou procuradores. Isto é: o magistério superior é uma atividade secundária,

considerada, muitas vezes, um passatempo para essas pessoas. Na área jurídica, é comum ouvir o questionamento um tanto surpreso "Ah, então tu és 'só' professora?!" Como se ser "apenas" professora fosse um demérito profissional (na área do Direito), já que a maioria dos homens professores tem outra atividade – em geral com remuneração maior do que a do salário de professor.

Para mim, ser professora do magistério superior na universidade pública federal começou em Pelotas, uma outra cidade, diferente da que nasci e fui criada, onde estão meus pais, minhas irmãs e meus sobrinhos (tão importantes para mim) e ficaram as amigas e os amigos de uma vida inteira. Ser professora da carreira do magistério público superior significou a concretização de um objetivo claro de vida: passar em um concurso público, desempenhar uma atividade que admiro, fazer o que eu gosto e sei fazer.

Ser professora da Faculdade de Direito da UFPEL significou uma completa mudança de vida. Não apenas migrei de cidade; mudei de profissão – tornei-me servidora pública, antes era profissional liberal –, mudei de casa, abri-me para novas pessoas, novas relações, novas vivências, novas experiências. Tenho sido muito bem recebida pelas pessoas que tenho encontrado por esse novo caminho.

Essa nova fase da minha vida também possibilitou a concretização de um outro sonho que nutri desde muito jovem: ser mãe. Sempre soube que seria mãe, e que não seria uma mãe muito jovem, já que eu queria ter estabilidade financeira antes da chegada da maternidade. Sendo professora universitária, tornei-me mãe de uma menina doce, alegre, esperta, meiga, querida, inteligente, comunicativa, expressiva, muito amada, desejada e festejada: a minha Aurora!

Aurora é o meu nascer do Sol, o amanhecer, o novo dia, a oportunidade de começar de novo e de continuar vivendo, por novos caminhos. A minha filha Aurora faz parte dessa nova fase da minha vida – dos outros pelo menos quarenta ou cinquenta anos que pretendo viver com saúde! Aurora esteve dentro de mim, acompanhando-me em meu primeiro ano de UFPEL. Aurora esteve no meu colo, mamando no meu peito, no dificílimo e sofrido retorno ao trabalho depois da licença maternidade (se os homens ficassem grávidos e amamentassem, a licença seria de 30 – eu disse trinta! – e não de 6 meses).

Foi dificílimo e sofrido sair de casa para o trabalho e me afastar da Aurora, mesmo tendo certeza de que ela estaria bem, porque durante a licença maternidade, o meu pensamento e a minha energia estavam todos voltados para a minha filha. Com o retorno ao trabalho, precisei redirecionar a minha atenção,

dividir o meu cérebro entre os cuidados com a Aurora e as responsabilidades do trabalho. Foi necessário adaptar os horários da amamentação e aceitar que não presenciaria mais todos os olhares, gestos, sorrisos, soluços e chorinhos. E isso doeu, mesmo amando o que faço.

Aurora esteve e está ao meu lado, correndo pela casa e subindo em todos os móveis, desde o início da pandemia. Durante a pandemia, aprendeu a falar, deixou de usar fraldas e de mamar no peito. Aurora me acompanha a cada novo desafio imposto pelo distanciamento social e pelo ensino emergencial remoto. Aurora é minha razão, minha emoção, minha vida.

Antonia Espindola Longoni Klee

Pesquisar com o corpo

Fernanda Canavêz

Rio de Janeiro, 13 de abril de 2021.

Você acha mesmo que querem pesquisar o tema do corpo com você ou só estão interessados no seu corpo? Esta foi a questão que um colega de Universidade me endereçou quando eu relatava que um grupo de estudantes me pediu para orientar uma pesquisa sobre o corpo na psicanálise. Estava animada para compartilhar o resultado de um dos cursos recém-ministrados na graduação e propor uma parceria de pesquisa. Em troca, no entanto, recebi a piada infame e algumas risadas que ocuparam o ambiente e, desde então, as minhas memórias.

A tentativa de desqualificar meu trabalho a partir do olhar dirigido ao meu corpo me trouxe o imperativo de pensar sobre algumas questões: Seria possível pesquisar sem o corpo? Como chegamos a uma Universidade que forja a cisão entre pesquisar o corpo e ter um corpo? O colega em questão deixa o corpo em casa quando sai para o trabalho?

Em Clarice Lispector, logo em meus primeiros tateios com seus textos, encontrei uma formulação que não pude mais esquecer: "Ao escrever não posso fabricar como na pintura, quando fabrico artesanalmente uma cor. Mas estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra". É do nosso corpo que enviamos setas quando escrevemos, pesquisamos, lecionamos, construímos saberes. Saberes

corporificados. Mas também gostaria de lembrar que é sempre do corpo que se parte, de modo que a nenhum colega é reservada a opção de deixá-lo em casa para sair por aí a pesquisar, como morto-vivo cujo sopro de vida foi cassado pela expectativa de um pensamento "neutro" e de uma intelectualidade asséptica.

Tomo Donna Haraway por companheira para entender o modo como o predicado do corpo é colado em nós, mulheres, ficando os homens aparentemente desobrigados de se haver com tal materialidade e as setas que ela dispara. Ao discutir o termo objetividade, Haraway diz que "Temos gasto muita tinta tóxica e árvores transformadas em papel para difamar o que eles queriam dizer com o termo e como isso nos machuca. O 'eles' imaginado constitui uma espécie de conspiração invisível de cientistas e filósofos masculinistas, dotados de bolsas de pesquisa e de laboratórios; o 'nós' imaginado são os outros corporificados, a quem não se permite não ter um corpo, um ponto de vista finito e, portanto, um viés desqualificador e poluidor em qualquer discussão relevante (...)". A solução para o embaraço vem nos termos de uma objetividade corporificada. Temos um corpo e é com ele que pesquisamos, exatamente como fazem os partidários da conspiração invisível de que parece fazer parte o colega que lançou a pérola que inicia esta carta. Intelectuais, "eles" disseram.

"Não sou um intelectual, escrevo com o corpo", mais uma afirmação que salta das páginas de Clarice, espécie de recusa à fantasia de objetividade que pode estar associada a certo ideal de intelectualidade. Ao que respondo perguntando: poderia o intelectual não escrever com o corpo?

Enquanto me via às voltas com essa questão, escrevendo com o corpo estas palavras, recebi a notícia da morte de uma pessoa querida, tia que o ato de gerar parentesco me trouxe nos (des)caminhos da vida. Professora que lecionava com o corpo, corpo este acometido pela doença responsável por nos colocar na pandemia, a qual perdura em termos de horror pelas velhas artimanhas do capitalismo. Decido fazer um café e manter a aula remota para estudantes da graduação em Psicologia. O curso é sobre clínica e a controversa noção de neutralidade nesse campo. Arrasto meu corpo até o *link* do encontro e é munida do meu corpo que começo enviando setas a partir do encontro com o real da morte.

Terminada a atividade, tenho notícias de que ex-alunos fizeram um cortejo em seus carros para uma última despedida à colega. Sinto o café, agora já frio, e me alegro com a iniciativa de coletivizar a dor. Por livre associação, sou conduzida a pensar no interesse dos estudantes pelo corpo dessa professora, no

cuidado com esse corpo, e descubro, finalmente, a quem endereçar esta carta. Às colegas professoras que insistem em pesquisar com o corpo, despertando esse interesse. Sigamos vivas e com nossos corpos!

Fernanda Canavêz

Uma princesa...

Tereza Cristina Barbosa Duarte

A escrita teve como objetivo central, uma crítica a negação da realidade da cidade de Pelotas-RS, com população de maioria negra e /ou miscigenada, construída com sangue e suor destas minorias. Uma história, marcada pela invisibilidade deste povo, e pelo racismo estrutural que ainda permeia as relações, herança da escravidão . O patrimônio e a história são validados por uma elite, que faz referência a uma ancestralidade europeia e a costumes, que nada tem a ver com a realidade da maioria dos habitantes. A contribuição da negritude e seu legado são negados, excluídos, questionados.Há uma imposição dessa cultura de base eurocêntrica que perpetua o racismo, nos fere e nos violenta, prova está na falta de representatividade do negro na academia, na política, nos locais de tomada de decisão e a presença massiva na periferia e na população carcerária, nos subempregos, nos índices de mortalidade e violência policial.

A reflexão e a provocação que faço aqui é o paradoxo de que como Pelotas sendo uma cidade predominantemente negra, continua sendo palco para diversas cenas de racismo cotidianamente? O que precisamos mudar? O que precisamos fazer para que esse cenário se transforme?

O que estamos negando, e por quê?

Uma princesa

Nascida da relação casa grande/senzala

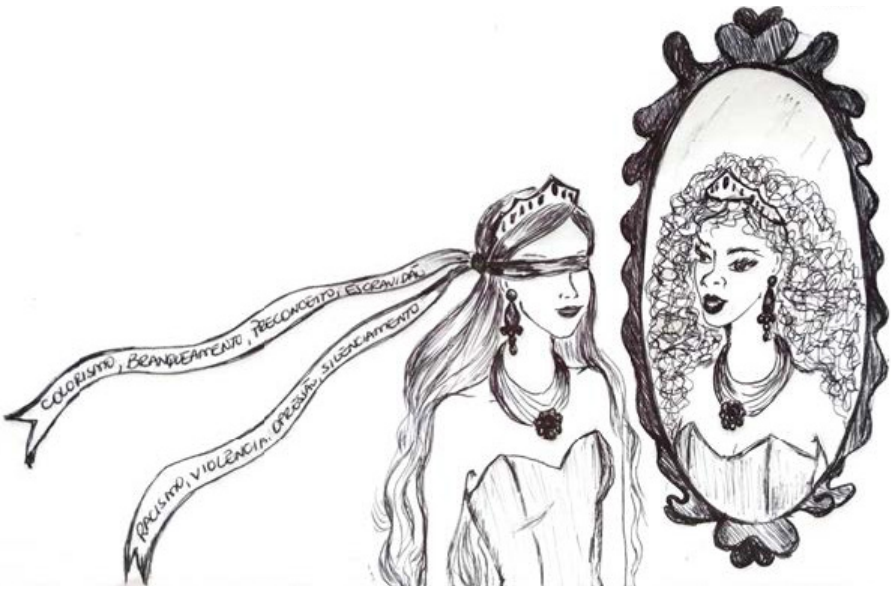
Uma princesa que não se aceita,
Não se lê, não se vê
Se cala!
Construiu uma identidade confusa

Ora tradicional burguesa, francesa?
Ora pobre e periférica,
Sal/açúcar
Glória/vergonha
Riqueza/pobreza...
Nome e sobrenome...

Luta brutalmente em defesa
de uma ancestralidade europeia,
Que te nega, Que te rejeita,
Que te exclui, Da academia, dos casarões, do centro
Da história onde as figuras não tem teu fenótipo,
nem teu jeito

Sangue negro que pulsa em tuas veias
Vida que escorre por tuas vias e becos
Embranquecida!!!
Não violentas não só a ti,
Mas a todos que vieram antes de ti,

Que sangraram por ti,
Para que fosse próspera e feliz, princesa
Sei que é doloroso, princesa
De nada adianta embranquecer
Olha o que não queres ver
O ESPELHO NÃO NEGA: ÉS NEGRA!!!



Tereza Cristina Barbosa Duarte

Pontes de afeto que sustentam uma existência

Roberta Duarte da Luz

Pelotas, setembro de 2021.

A quem generosamente me lê,

Espero que essa carta encontre uma pessoa profundamente viva, capaz de sentir a vida com todo o horror e o êxtase que implica sermos humanos, mesmo que isso signifique não estar tão bem em alguns momentos. Gostaria de um dia conhecer a tua história, assim como te revelarei a intimidade da minha nas linhas a seguir, e como ela se entrelaça com a experiência da universidade.

Do princípio. Minhas vivências na universidade começaram antes de começar, lá no passado, quando eu ainda era uma miudeza de gente e nunca tinha escutado falar nessa coisa grande que forma pessoas curiosas. Meu desejo por conhecimento sempre esteve presente desde que me lembro. Aos 5 anos, meu pai, um homem simples, trabalhador manual, me ensinou a ler porque não conseguia suprir minha necessidade infantil por saber mais. Minha mãe era professora, e se eu fechar os olhos agora, ainda consigo ouvir o som da máquina de escrever, o cheiro de álcool do mimeógrafo e a cor das minhas mãos tingidas pelas matrizes roxas-azuis. A expectativa era grande em finalmente ir para a escola e desvendar o mundo por mim mesma, não mais através dos diários de classe e brinquedos didáticos construídos pela minha mãe, que eu roubava do armário antigo, recheado de memórias de uma vida docente. Que decepção! A

escola não era nada do que eu imaginava. Apesar da facilidade em aprender, ao longo da minha vida acadêmica, tive muita dificuldade em me adaptar ao ritmo acelerado e ao caráter competitivo dos espaços de aprendizagem, que começa de forma muito sutil, desde as brincadeiras da pré-escola. Recebia muitos elogios pela qualidade do que eu produzia, mas sempre com ressalvas pelo meu tempo particular, naturalmente mais lento que o da maioria das pessoas.

Somado a isso, a experiência de viver um luto profundamente doloroso durante o ensino médio me fez perceber que meu caminho até a universidade, e meu percurso dentro desse espaço, precisaria ser constantemente inventado. Comecei, então, a jornada como graduanda de psicologia, na qual ainda me encontro, e logo percebi que o ambiente acadêmico não foi pensado e organizado para quem não se deixa seduzir pela supremacia da produtividade ou que simplesmente não tem a opção de dispor de tempo para isso, mas a teimosia e a esperança sempre me fizeram continuar. Assim foi. Continuei e tenho permanecido com a ajuda de mulheres corajosas, que abriram caminho para que hoje eu possa fazer coisas como escrever essa carta sobre vivências dentro de um projeto da universidade e questionar a lógica opressora do ensino acadêmico. Vendo minhas semelhantes, percebo que a raiz que nos mantém aqui é muito forte. Embora precise ser flexível para contornar os percalços, vai aos poucos fragilizando a estrutura do patriarcado cis heteronormativo que ainda opera na universidade e em nossos corpos. Nossa presença na universidade é um constante florescer por entre as fissuras do concreto normativo.

O saber se constrói na coletividade, no acolhimento das histórias de vida de cada uma de nós. Cada mulher que me inspirou ou me ajudou está inscrita em mim, desenhada no emaranhado da minha existência. Foi uma delas, minha madrasta, que tornou o meu ingresso na universidade uma realidade possível e que me reapresentou o universo quase místico da literatura. Digo místico porque a literatura tem o poder de oferecer a possibilidade de acompanhar os afetos e acontecimentos que tecem a vida de alguém – mesmo que um alguém inventado – suas dores, alegrias e ambiguidades. Foram os romances, os contos e a poesia que me despertaram para a psicologia e que me acompanham nessa jornada complicada e fascinante de conhecer o mundo de outras pessoas e de compreender o quanto tudo está conectado. Também tenho uma irmã prestes a ingressar no mundo universitário, e compartilhar as fases da vida com essa outra mulher sob o mesmo teto, tem me ensinado a força que tem a atitude

de assumir os meus limites e potencialidades e carregar isso para a minha experiência enquanto estudante de psicologia.

Encontrar mulheres revolucionárias na vida, na docência, nas cadeiras ao lado na sala de aula e nos projetos me permitiu trazer à cena o que me implica, me colocar na escrita acadêmica, na pesquisa e na extensão respeitando a minha temporalidade, minha imaginação fértil e minha indisposição para a positividade que fundamenta o discurso leviano sonegador de sofrimentos. Me reconheci ao conhecer uma psicologia que dá lugar à angústia, à dor, à solidão e à necessidade de pausas, constituintes da experiência humana. Uma psicologia que entende que a vida é movimento e complexa demais para ser encapsulada em propostas ilusórias de felicidade plena. É um ato de resistência ir na contramão do discurso que silencia a diversidade das múltiplas formas de existir. Sim, é cansativo precisar explicar constantemente que a minha maneira de estar na universidade também é legítima, que meu processo criativo não linear pode produzir algo que faça sentido. Dar as mãos a outras que também estão inventando caminhos no mundo acadêmico me fortalece e me nutre.

É preciso reconhecer a experiência acadêmica como algo atrelado a vida cotidiana, e que os papéis que assumimos fora da universidade e dentro dela se misturam e se influenciam mutuamente. O conhecimento só faz sentido se puder ser relacionado ao contexto no qual se está inserido. Tentar adaptar todos os corpos a uma única forma de fazer ciência é um ato de violência, é um roubo de possibilidades. Estar nesse espaço, para mim, é um constante devir, no qual descubro a cada dia um potencial diferente. O contexto de pandemia me encontrou quase capturada pelo modelo de produtividade acima de tudo. Eu estava exausta e desconectada de mim, tentando me adaptar. Quando aconteceu a pausa nas atividades acadêmicas, me vi desamparada e perdida ao perceber o caminho que estava fazendo. Assim, apesar de ter sido um processo extremamente doloroso estar confinada em casa com um grupo muito restrito de familiares, que me colocou diante de muitos conflitos internos-relacionais, também me permitiu ter tempo para encarar o sofrimento que esse ritmo vinha me causando. Esse privilégio fez com que eu me reinventasse e reconhecesse o lugar da dor como disparador de grandes transformações. Pode haver na dor uma beleza singular ao nos fazer perceber os incômodos insustentáveis.

Foi graças a esse sentir visceral que pude me inserir na pesquisa e dialogar com a experiência de outras mulheres com a pandemia de Covid-19, filtrar meus temas de grande interesse, como o luto, a aceleração, e poder produzir

algo a partir disso. Embora o ensino remoto esteja sendo cansativo, e algumas tarefas estejam sendo cobradas fora de contexto, como se não houvesse tantas mortes diariamente, pude me direcionar para um percurso acadêmico mais coerente comigo e, por isso mesmo, acolhedor das incoerências. A possibilidade de pesquisar partindo da minha experiência, em diálogo com outras singularidades, tem sido um afago em meio a tantos acontecimentos catastróficos do mundo. Poder me reconhecer como pesquisadora, utilizando como ferramentas a sensibilidade e a imaginação sem que essas características sejam atribuídas ao gênero, como algo que limita a qualidade da produção, é revolucionário, e isso só me foi possível em virtude de todas as mulheres que me inspiram e que compõe meu fazer na academia.

Que essa carta possa te dar o abraço que eu não posso e, de alguma forma, alimentar a esperança de tempos novos!

Com afeto,
Roberta Duarte da Luz.

Integrando experiências

Shana Hastenpflug Wottrich

Uruguaiana, outubro de 2021.

Olá… Espero que as palavras que constituem esta narrativa encontrem você bem, na medida do possível.

Escrevo convocada pelo convite de uma amiga, professora, parceira de reflexões. Escrevo por me sentir enredada em muitos quereres, por sentir que, em mim, habita um mundo de ambivalências que clamam por se fazerem ver e sentir. A narrativa que construo por meio dessas palavras parte de um movimento de "mergulho" em mim mesma, de ressignificação de quem "eu sou", mas sobretudo e "de quem eu estou" no contexto universitário, nas múltiplas facetas que me constituem, como mulher, mãe, esposa, filha, amiga e profissional. Como ser humano. Um mergulho intimista, dolorido, mas que precisa ser sentido e compartilhado, porque suponho, com certa segurança, que este "mergulho" tenha um tanto das inquietações de outras mulheres.

Inicio por reconhecer coragem neste movimento de "deixar-se levar" pelas palavras. Falo de uma mãe-mulher-professora, que, tomada pela urgência do cotidiano, por muito tempo, caminhou na perspectiva de que era preciso "fazer", única e exclusivamente. Aqui, menciono o "fazer", considerando o contexto acadêmico, numa perspectiva produtivista, excludente, que se pauta por números e por barrar, na experiência da docência e da produção científica, a

integração de "quem eu sou" com "o que eu faço". Falo desde a posição de uma professora, mas que, antes disso, é mulher, filha, esposa e mãe. Sustento que há, no contexto de trabalho, elementos que impedem ou dificultam a integração dessas múltiplas experiências de ser e estar no mundo. Inicio por reconhecer, portanto, um estado de mal-estar que mantém velada uma certa posição de que o contexto de trabalho na docência universitária constitui (também, mas não exclusivamente) espaço de assepsia, de dessubjetivação e de desvalia do que nos conforma humanos. Falo de um processo de invalidação daquilo que de mais básico nos constituiu: a ambivalência, as falhas. Parto do entendimento de que o contexto universitário valida e legitima algo mais amplo, que nos constitui, histórica, cultural e socialmente, como somos: um contexto que coloca como índice a ser alcançado valores que falam de parâmetros de uma sociedade de patriarcado, cisheternormativos.

Faço uma breve introdução para começar a contar um pouco do que me impulsiona a permitir que a experiência ganhe bordas por meio desta escrita. Então, vamos lá: sou a filha mais velha de cinco, três mulheres e dois homens. Filha de um militar, que depois tornou-se bancário e mais adiante, empresário; e de uma professora de biologia por formação acadêmica, e de inglês, autodidata. Não consigo lembrar de um tempo, ao longo de minha infância, em que eles não estivessem trabalhando três turnos por dia. Oriunda de uma cidade pequena do interior do Rio Grande do Sul, cresci tendo por base os princípios de que a felicidade depende, com muita consistência, de um contexto de trabalho árduo e extenuante. Ser, neste sentido, foi se constituindo como "ser-para-o-trabalho". Embora tenha crescido numa família atípica, para os padrões da época, em termos de números de membros, os parâmetros colocados para a construção de meus alicerces eram os típicos de uma sociedade regida por valores neoliberais: de que a felicidade e o sucesso dependem de um contexto de dedicação total e plena para o trabalho. E assim, a caminhada se engendrou e fez de mim o que sou hoje. Sem arrependimentos ou amarguras no que diz respeito a essa questão: tenho orgulho de reconhecer o quanto o trabalho constitui alicerce para minha subjetividade. Entretanto, no percurso do amadurecimento pessoal e profissional, fui problematizando esses parâmetros, quando considerados como únicos, como algo que excluía elementos importantes do que constitui a multiplicidade do ser.

Vejam que trago elementos importantes para pensarmos em padrões de reconhecimento promulgados socialmente, sobretudo de mulheres, como

pessoas que estão presentes no contexto do trabalho universitário, mas que antes e além dele, fazem parte da "malha" que nos constitui como sujeitos e como sociedade. Pois bem, falo, assim, de um contexto limitante, que forja o que somos, que nos constitui e delimita as fronteiras do que é possível e desejável, muito antes de percebermos que essa dinâmica está acontecendo. Consideremos esse ponto de partida para pensarmos sobre como nós, mulheres, nos assujeitamos a esse funcionamento, a esses ditames. Me parece que está posto, do ponto de vista da expectativa social, que, para sermos professoras universitárias, num mundo ditado por parâmetros machistas, precisamos abrir mão de exercermos as outras tantas facetas que nos constituem. É preciso falar sobre essa lógica que violenta e rompe abruptamente com o que de mais humano há em nós: a possibilidade de exercermos a multiplicidade, considerando a "soma" como "ganho". Nesse contexto, preciso assumir, também, o quanto desses parâmetros estão em nós entranhados e emaranhados, fazem parte do que nos constituem. Embora se reconheça as múltiplas violências estabelecidas no contexto de trabalho, considerando a universidade, importa, para mim, reconhecer o quanto é urgente problematizar os parâmetros autoexigidos de sucesso e de cumprimento de demandas.

Para deixar mais clara a lógica que sustenta o ponto que desejo discutir, parto de breves relatos de algumas experiências. Após oito meses de afastamento da docência universitária, somadas a licença maternidade e as férias, retornei para o espaço de trabalho. Com uma pequena ainda bebê, sem nenhuma rede de apoio próxima, eu e meu esposo vivíamos "em frangalhos" para suprir as demandas da parentalidade. Pouquíssimas horas de sono, somada à rotina doméstica de cuidar de uma casa, por si, nos colocavam numa posição de exaustão. Meu esposo manteve-se em casa, cuidando de nossa filha e das demandas domésticas, enquanto eu, passado o tempo de afastamento, voltei às atribuições docentes. Somou-se, portanto, para ambos, uma carga mental imensa. Ele se via só em meio às atribuições de cuidado, quando eu estava no trabalho; e eu, em condições de vida caóticas, numa montanha-russa sem fim, numa corda bamba em cima de um precipício. Voltar a trabalhar não diminuiu, para mim, o compromisso já altamente exigente que me demandava "ser mãe". Somou-se a ele uma rotina extenuante de aulas, reuniões e atribuições administrativas, incompatíveis com qualquer parâmetro de saúde física ou mental. As lembranças desses dias são vagas e difusas, mas reconheço profundo apreço por meus colegas que, me vendo nessa condição, acolheram minhas fragilidades. Lembro

de momentos importantes desse percurso: lecionando uma disciplina "em dupla" com um colega, homem, os dois em sala de aula simultaneamente com a mesma turma, não foram raras as vezes em que, de forma terna e cuidadosa, o colega referia intensa preocupação com os ínfimos momentos de descanso e horas de sono que se evidenciavam em minhas profundas olheiras. Naqueles dias, o referido colega, inúmeras vezes, se dispôs a realizar tarefas administrativas que competiam a nós dois e frequentemente tomava o protagonismo nas atividades que propúnhamos, considerando e validando as minhas fragilidades física e psíquica. Ainda, em reuniões, nas quais meus olhos teimavam em não permanecerem abertos, fui inúmeras vezes acolhida por colegas, que me sinalizavam, de forma cuidadosa, que me ausentasse das reuniões, para que pudesse descansar um pouco. Esses são relatos que retratam um universo de acolhimento que se contradiz à minha postura na época: estava em franco processo de adoecimento, mas, ainda assim, julgava que deveria me devotar de uma forma quase que exclusiva para o trabalho, para "recuperar o tempo" de ausência. Tenho clareza de que considerava, naqueles dias, que para demonstrar meu valor como profissional, o nível de exigência no trabalho deveria vir *pari passu* com o exercício da maternidade. Tarefa impossível, uma vez que corpo e mente demandavam espaço para elaboração, para reconciliação com a pessoa que estava em construção a partir dessa amálgama de experiências.

Nesta narrativa, quero deixar claro que, ao abordar os movimentos de acolhida de colegas, não está em jogo a desconsideração das perversidades do mundo de trabalho em relação à consideração da condição de mulher como de menor valor. Foram muitas as circunstâncias em que me vi enlaçada em um enredo em que a condição do exercício da maternidade delimitou renúncias, sobretudo no universo da vida de pesquisadora (que o digam as inúmeras tentativas malsucedidas de submissão a editais de fomento, com avaliação única e exclusiva de número de produções no currículo como parâmetro). O que quero chamar a atenção é que, das dificuldades, a maior que enfrentei foi, sem dúvida, desconstruir padrões e parâmetros socialmente validados de sucesso na academia. Na frágil situação de retorno ao trabalho após o nascimento de minha filha, hoje tenho claro que o que estava em voga, para mim, era um processo de autoexigência incoerente com as minhas condições, não apenas como mulher e mãe, mas como ser humano. Ou seja, mais do que os ditames institucionais ou sociais, é o que de instituído havia em mim, a dificuldade de refletir, de problematizar esse "pacote", que foi a minha mais terrível algoz.

Hoje, em franco processo de questionamento e de reestabelecimento de "verdades" convido você, leitor, para mergulhar na experiência de reflexão sobre o quanto somos impelidos, quase que de forma automática, a reproduzirmos um funcionamento nefasto. Reconheço que, embora também causada pelo outro, a dor maior foi reconhecer em mim a reprodução de uma ética e uma política contrárias à vida e ao viver em sua plenitude. Poder reconhecer esse movimento nas palavras engendradas neste texto me fortalece.

Saber que este texto será compartilhado, lido e integrado a outras tantas experiências, representa a potência da construção de redes de significados, que permitem identificações e projeções. Fala do empoderamento e de resistências, de (re)existências, germinados na problematização. Quais os rumos eu, você, nós, iremos tomar? Pouco sei disso. Neste momento, o que me importa saber, é que não estou sozinha.

Com afeto,
Shana Hastenpflug Wottrich

(Des)ajustes

Juliana Röpke Duarte

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2021.

Oi professoras, colegas, amigas, amores!

Espero que estejam confortáveis dentro de um possível no luto dessa pandemia. Fiquei com o coração aquecido ao receber o convite para a escrita dessa carta, escrevê-la foi uma experiência de construção e atualização de sentidos nesse momento tão turbulento, ação que me bagunçou e depois organizou, fortaleceu.

Preciso contextualizar.

Em minha formação no curso de psicologia, investi muito na contextualização – de saberes, técnicas, histórias e afetos – e por isso não teria como falar da minha experiência na universidade sem esse movimento de reflexão. Sendo assim, resolvi antes escrever uma história, a partir da minha e das que tive a oportunidade de visitar com os ouvidos e a imaginação…

> Era uma vez uma guriazinha de cabelos bagunçados, cacheados, dourados. Uma criança que era vestida de rosa, pintava as unhas e cabelos, gostava de se olhar no espelho e se achava bonita; subia em arvore, vivia machucada, preferia fazer as coisas que o pai fazia. Ela ajudava a arrumar o pátio, o carro, televisões. Dizia que queria ser

astronauta, mecânica ou cientista. Seus pais a diziam que qualquer coisa poderia fazer, bastava esforço e querer. E haja querer!

Sua realidade não era como a de suas amigas, nem como a da sua mãe, nem como a dos seus primos. Ela não tinha conforto em casa, o carro estragava, dormia com os irmãos, mas tinha bastante tempo para brincar, brigar, sorrir. Sua irmã chorava pelo que não podia – ter e ser – ela limpava a lagrima, arrumava uma solução, que sua mãe frustrada, não conseguia.

Ela era talentosa, cantava, argumentava, sobressaía, ignorava o olhar de menosprezo, de opressão, limite, olhar e palavras que a sua mãe intitulava como inveja alheia – do pessoal da escola, do pessoal da igreja. Eram olhares, piadas, subjugo, comentários maldosos sobre uma forma humilde de viver, que falavam de uma verdade difícil de admitir, da vulnerabilidade concreta que não dava para esconder. Sua mãe sempre a deu força, coragem, elogio e companhia, a levava para a aula de dança, ajudava na tarefa de casa, lia antes de dormir. Sua avó a deu exemplo de garra, colhendo uva de plantação abandonada, que ela regava com o suor das fabricas que sobrara da cachaça que seu avô deprimido deixava de beber (porque ela escondia).

O seu pai não tinha nenhum vício, era um cientista maluco, que mesmo com pouco estudo, pouca estrutura, e com pouco espaço para a sua pouca disciplina, com muito amor, paciência e curiosidade, construiu uma oficina, que depois construiu uma casa, sustentou esposa e filhos, comprou o all-star dela na quinta série. A vida é corrida, corrida, corrida, ou atualiza ou quebra. Seu pai quebrou, economicamente, emocionalmente, foi-se mais um pouco do pouco que tinha. Ela, já mais crescida, quebrou junto.

Te esforça! Dá um jeito! Te adapta! Corre! Argumente! Não chore! Ou chore caso isso possa te ajudar! Seja feminina, mas não frágil, pois tu não és e se for, não terá ninguém para te defender. Corra! Faça! Mais, mais! Verbalize! Você, seus irmãos, seus pais dependem do teu exemplo, de Deus, da vó e de mais ninguém.

Estude, trabalhe, seja "bela", tão bela a ponto da tua força e inteligência não parecerem uma ameaça; seja gentil, continue amando, afinal o que tens de valor se não o afeto que herdaste da tua mãe? Ame, escute, busque compreender, é a qualidade mais espontânea, enraizou em ti.

Estude mais um pouco, ignore os déficits que tens, pela leitura que não te fizeram, pela disciplina que não te exigiram, pelo investimento da escola pública que não viste. Escute o feedback do mundo, foque no que tiveste de "bom", nos teus argumentos, no controle de teus impulsos, no ato de cuidar. E curta um pouco a

vida, ria, beba, dance, beije, transe, viva. E depois do trabalho estude pelo menos duas horas por dia.

Chore, frustre, levante. Mude de curso, identifique o que faz você crescer, aprender, e bora suar mais um pouco; é um vício que agora tens, fazer até suar, faltar ar, esgotar, sentir que mais nada pode ser feito, que todas as oportunidades, que por gratidão ao mundo, tens, foram aproveitadas. Ensino, pesquisa, extensão, parece que ela está sempre atrás de alguém, ainda falta alguma coisa.

Negociando com o mundo, instada a adaptar sua imagem ao que ele pedia, essa guria formou, passou em um concurso, em um mestrado. De alguma forma, isso provou que ela é capaz de conquistar as coisas grandes que já desejou. Ela descobriu que pode desejar mais, e lembrou que pode criar mais também!

Mesmo assim, hoje ela sente que ocupa um lugar que não é seu. A cada trabalho para apresentar, a cada argumento que precisa dar, a cada apresentação, a cada sonho dentro de uma sala de aula, a cada imaginar palestrar, a cada escrever, a cada publicar, ela se desconcerta toda, uma ansiedade a invade, um medo que falte algo que se perdeu nesse caminho tão cheio de buracos. Medo que a despejem desse lugar, que por vezes parece que não deveria ser seu. Medo de deixar alguma oportunidade passar. Medo de precisar de ajuda e não saber expressar, de não ser suficiente, de ser descoberta.

Quando isso acontece ela procura lembrar, da sua avó, da sua mãe, das suas tias, dos seus irmãos, do pai, das professoras e das amigas, das pessoas que acreditaram, que nutriram e que colocaram, cada um de uma forma, as pedras dessa estrada de paralelepípedo para que ela pudesse andar aqui. Não é justo parar agora, não é justo para elas, mas, principalmente, com ela.

Hoje,

Os espaços de sucesso profissional parecem curtos, abafados, estreitos. Ao mesmo tempo que desejados, indesejáveis, por se ocuparem de uma série de papeis que essa mulher também gosta de ter. O lugar do aconchego, do acolhimento, do amor, do tempo que se doa – para si e para o outro – em omeletes com Castelo Rá-Tim-Bum as 10 horas da manhã. São muitos desempenhos, parece difícil abrir mão deles, parece ameaçador, como uma perda.

Ser mulher é uma pluralidade de possibilidades e impossibilidades. Eu sou uma mulher, branca, cisgênero, psicóloga recém-formada, que estudou em escola pública, e que teve o apoio e acolhimento de muitas mulheres que me encorajaram e ensinaram a falar e defender meus ideais. São meus dedos que

escrevem essa história, inspirados na minha e também nas histórias de mulheres que pude ouvir e testemunhar, mulheres que me fazem compreender a minha estrada, minhas dores, meus medos na universidade e na vida. Mulheres que me fortalecem, me escutam, me compreendem, eu busco fortalecê-las também, cuidar das suas dores, as vezes escutando suas histórias, as vezes contando sobre as minhas.

Estou em um momento da vida onde analiso as diferentes possibilidades profissionais. Ter diversas opções é algo novo para mim, a sensação de poder escolher um trabalho que não pela sobrevivência. A carreira acadêmica me assusta por diferentes motivos, contextualizados no passado, presente e futuro. Percebo que minha insegurança habita na sensação de poucas referências, poucas identificações. Eu amo minha profissão, e o ensino da psicologia em campo é algo que me fascina e motiva. Eu me imagino nesse lugar, mas questiono se vale a pena abrir mão de outros papeis. É gratificante, mas também é cansativo remar contra a maré.

***

Esse relato sobre uma vivencia feminina na universidade, dramático-pandêmico, limitado dentro de um recorte social e um pouco cansado, é no intuito de desvelar a dor, de vulnerabilizar saberes e de quebrar o tabu meritocrata que desconsidera da distância da ciência da mulherada em diferentes situações de descriminação e privação – tabu que ainda grita em mim em forma de medo de exposição, por exemplo –, de sensibilizar a escuta de falas inseguras dentro do meio acadêmico, e também de relatar que é possível, mas ainda só é possível com muito esforço, apoio e, as vezes, dor. Mesmo com o privilégio da branquitude (evidentes para mim hoje), gritam os marcadores de gênero e classe ao habitar os espaços acadêmicos. Durante minha infância tive a sorte de ter uma família que bancava minhas críticas, que me incentivou a coragem e ao pensamento crítico, que escapava um pouco de um padrão hierárquico, uma família branca e pobre que investia em afetos e que apostava no meu desenvolvimento. Mesmo assim, as minhas ideias, meu tom de voz, meu corpo, minhas dificuldades, não cabiam na regra que imperava, e a sensação, às vezes, é de que não cabem até hoje.

Tive a sorte de ser recebida em um curso noturno de psicologia, através de cotas sociais, de professoras acolhedoras e inclusivas, que se colocavam

disponíveis para construir um saber-com, que me auxiliaram a organizar narrativas, experiências, emoções, que deram palavra, voz e microfone as minhas experiências, para daí conseguir afetar, suspender e dialogar com as pesquisadoras e pesquisadores da psicologia. Lugar que me possibilitou também, através de acolhimento e diálogo horizontal, identificar, sofrer e reagir a partir da identificação de um lugar no mundo, das minhas responsabilidades tendo em vista meus privilégios, minhas dores e minhas potencialidades.

Escrever e fazer pesquisa em psicologia, para mim, hoje, recém-formada, vem da motivação em dar lugar a essas outras vozes, as que ainda não são bem ouvidas, que existem, sobrevivem e vivem, e colocar em diálogo, enfatizar o valor e o cuidado que elas ensinam e que elas precisam. Penso que pesquisar pode ser através do ato de olhar para o juízo de valor imperativo, considerá-lo e questioná-lo com todo o respeito que um posicionamento merece. É sobre pensar o que temos feito, como e porque, e a esperança de abrir espaço e construir caminhos possíveis para a construção e ampliação do saber. Me parece que ciência precisa ser, além de rigorosa e metodológica, mais humilde para reconhecer suas limitações, mais inclusiva e aberta a ouvir. A ciência, a psicologia, precisa ser construída pela diversidade, por mulheres também.

Escrevo essa carta a partir de contextualizações que sustentam as minhas resistências, na tentativa de construir forças com vocês, muito desejosa de ler sobre as forças e as dores de outras mulheres também…

Um abraço demorado e carinhoso a todas.
Juliana Röpke Duarte

De onde eu venho

Kizzy Lessa Coutinho Vitória

Pelotas, outubro de 2021

Viver a universidade não é uma tarefa fácil, apesar de sempre ouvirmos que essa é a melhor fase das nossas vidas. As preocupações com prazos e decisões que impactam diretamente o nosso futuro trazem um peso absurdo para esse momento, que, com certeza, recai com mais força sobre nós: mulheres negras.

Não poderia iniciar esse segundo parágrafo sem dizer que sou uma mulher negra de pele clara, e que isso – num país onde o racismo é "de marca" e a pigmentocracia é uma realidade – faz toda a diferença. O meu caminho até a universidade foi de constante questionamento: tanto o auto questionamento como o questionamento de professores, mas isso fica para um outro momento. Agora, quero escreviver sobre o meu caminho.

Sou natural de Pelotas, conhecida como Princesa do Sul e que eu carinhosamente chamo de Purgatório dos Negros, cidade essa que nega o seu passado escravista e, portanto, fomenta ativamente um processo de invisibilização da herança cultural negra que aqui foi deixada e que pulsa tão fortemente em mim. Sou fruto de dois historiadores formados pela Universidade Federal de Pelotas e militantes das causas étnico-raciais; venho de uma família com tradição política e no hip-hop. Tudo isso fez de mim o que eu sou, essa é a minha base, e, talvez, por isso, entrado para a universidade sempre foi o caminho natural.

Ainda consigo sentir vividamente as sensações de quando vi o meu nome na lista de aprovados: houve muito choro, muito riso, muito grito e muito pouco medo. A sensação de realização por ter entrado pra universidade logo após me formar no ensino médio foi maior que tudo, visto que esse era o planejamento. Medo mesmo eu senti quando tudo isso começou.

Chegar na universidade, sozinha, sem amigos e com o peso de sempre ser vista como raivosa, braba e arrogante foi assustador. Vesti todas as armaduras possíveis e, no fim, encontrei pessoas que me ajudaram em todos os processos para eu ser a mulher e futura profissional que eu sou hoje. Lembro que logo nos primeiros semestres a sensação de ser um fraude, de não ser intelectualmente capaz passou a pesar em todas as minhas decisões.

Eu lembrava do meu professor de química, que no terceiro ano do ensino médio, disse que eu não era capaz, que pessoas como eu não iriam longe. Pessoas como eu, são pessoas negras. Foi a primeira vez que eu ouvi algo assim e não soube como responder.

Eu sei que esse texto é para falar sobre as nossas vivências acadêmicas, mas quais vivências acadêmicas nós, mulheres negras, temos se nenhum professor enxergar as nossas potencialidades? Não chegaremos na universidade, às vezes nem no ensino médio. O ambiente escolar é hostil, não nos deseja e cerceia os nossos sonhos. Eu só cheguei até aqui, porque tive uma base que sustentou e que acreditou que eu era capaz e é importante frisar que essa base, os meus pais, tiveram que passar por tudo isso sozinhos. Eles são a exceção da regra.

Feito esse parêntese, me deparar com a universidade e com um curso que foi e é acolhedor fez diferença nesse meu percurso. Do primeiro ao quarto semestre tive aula com uma professora que viu potência em mim, e que me fez andar. Talvez, se não fosse o olhar dela, eu não estaria aqui escrevendo essa carta e muito menos falando sobre essa experiência.

Dos amigos que eu fiz no curso de Psicologia eu sou a única mulher negra. Isso me remete a situações costumeiras onde eu sou a única negra, e como isso é cruel, solitário e cansativo. Todos estamos cansados, a pandemia do Covid-19 nos exauriu, mas eu sinto esse cansaço desde 2016, ano que adentrei à universidade.

Parte das armaduras que eu tive que vestir para sobreviver ao âmbito acadêmico foi falar exaustivamente, confrontar, me indispor com colegas e professores, ser firme, provocar medo e silenciar o racismo. Se eu falhasse, chorasse ou demonstrasse qualquer tipo de fraqueza sinto que seria – e ainda

serei – engolida por esse mar de gente branca que, por mais progressistas e à esquerda, quer silenciar as expressões da negritude.

É cansativo mas é a única postura possível para continuar a caminhar, a fazer, a escrever, a viver os "melhores anos da minha vida". Cheguei até aqui calando todos os que disseram que eu não conseguiria, contrariando as estatísticas, de cabeça em pé e honrando o meu legado ancestral. Nada do que eu faço, falo ou escrevo é vazio, é só por mim – ou começou ontem.

Como diz Beatriz Nascimento, eu sou atlântica. A minha história não começa aqui, ela vem de muitos outros lugares, braços e sangues que foram derramados para que eu pudesse estar aqui. A universidade ainda é hostil com as mulheres, e é mais hostil ainda para uma estudante negra e cotista como eu.

Mas nós somos teimosas.

Nós fizemos revoluções e lutamos por liberdade no sentido mais literal da palavra.

Quebramos correntes e continuaremos.

Eu continuarei,

Kizzy Lessa Coutinho Vitória.

Faria tudo outra vez...

Ana Maria Rebello Magalhães

Rio de Janeiro, maio de 2021

Olá, queridas amigas,

Neste momento de isolamento social, em que vivemos grandes desafios, especialmente em nosso país, alegrou-me o convite para participar do projeto Trocando cartas: vivências de mulheres na universidade, que tinha a ver com minha proposta. Pareceu-me ser uma boa forma de aproveitar essa parada forçada, potencializada pela pandemia, para refletir e compartilhar memórias. A maior dificuldade, talvez tenha sido começar o texto. Encontrar um tom, diferente da escrita acadêmica, para expressar-me mais íntima e confidencialmente a respeito de minhas experiências pessoais. Comunicar-me com outras mulheres que viveram, talvez, histórias semelhantes às minhas, creio que será um exercício prazeroso. Trata-se da história de como resolvi aprender com as dificuldades encontradas ao construir o caminho, contorná-las, seguir acreditando nas minhas escolhas, por serem possíveis, por me tornarem mais forte e feliz a cada passo. Procurarei selecionar alguns episódios marcantes, mas que ensejaram algumas correções de rumo, ajustes na bússola e o reencontro do norte.

Nasci no pós-guerra, em 1948. Aos 18 anos já atuava no magistério estadual, professora formada pelo tradicional Instituto de Educação do Rio de

Janeiro. Sabia que queria ensinar desde pequena. A escola onde minha mãe dava aulas tinha sido como uma segunda casa para mim. Optei por seguir os passos maternos. Estudei no mesmo colégio, ainda um colégio só para meninas em plena na década de 60! O magistério era, então, uma das poucas profissões socialmente aprovadas para mulheres. Mesmo assim, minha mãe foi a única, dentre 4 filhas, a conseguir mudar as regras familiares, ir além do curso ginasial e exercer uma atividade profissional. Meu avô não aprovava, ainda fundamentado em valores dos pais do século XIX. Ela quebrou o tabu.

Meu plano inicial era dar continuidade aos estudos, na universidade, assim que me formasse. Queria estudar Psicologia. Às vezes, porém, nas nossas andanças, ao tecermos a teia da vida, alguns fios se embaraçam desviando-nos dos objetivos, ainda que temporariamente. Estava, de repente, diante da clássica escolha das jovens da minha geração: trabalho ou família, ou isso ou aquilo. Fiquei noiva, casei-me aos 19 anos, mudei-me para São Paulo, acompanhando o marido militar.

Planos adiados. Morava numa base aérea, distante do centro da cidade e das universidades. Lá, estava longe da família e das queridas amigas. Foi uma ruptura demasiadamente brusca. Procurei reencontrar-me, dar novo sentido para minha vida ministrando aulas particulares, fazendo traduções. Finalmente, decidi-me pela família: era o momento de ter o primeiro filho. Aos 20 anos fui mãe de André, ainda morando na base militar. Dois anos depois, veio a segunda filha, Flávia, nascida quando voltamos definitivamente ao Rio de Janeiro, em 1971. Nova casa, na Ilha do Governador, construída de acordo com minhas ideias: um espaço amplo para criarmos os filhos. Outra vantagem era estarmos perto da Ilha do Fundão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com a chegada da terceira filha, Paula, adiei os planos um pouco mais. Como eu costumo dizer, foram dez anos exercendo a maternidade em tempo integral. Considero-me feliz por essa escolha. Aproveitei bem, como mãe/professora para aplicar, com amor, toda a Pedagogia, todas as didáticas, toda Psicologia educacional da minha formação, no convívio diário com as crianças. Havia, perto de casa, uma excelente escola experimental Montessoriana, em que matriculei todos, desde os 3 anos. A filosofia de ensino condizia, perfeitamente, com os métodos que acreditava serem os mais estimulantes e adequados.

Enfim, era chegada minha oportunidade de voltar à ação. Estudei em casa, confiando na boa base que trazia da formação no Instituto de Educação (o curso valia como Licenciatura em Educação até a Lei de Diretrizes e Bases

de 1972). Atualizei-me por meio de apostilas cedidas por meu primo. Prestei Vestibular Cesgranrio, para a Escola de Belas Artes da UFRJ. Não havia curso de Psicologia no Fundão e essa razão me fez mudar de opção, para algo viável para mim, minha segunda paixão – Arte. Fui aprovada! Os maiores torcedores e entusiastas foram meus filhos. Comemoraram comigo, compartilharam minha alegria com a conquista! O marido, sem disfarçar o mal estar, apressou-se em desdenhar e dizer: "não sei por que você está tão animada, não vai conseguir terminar mesmo..." Ele nem imagina o bem que me fizeram essas palavras! Como multiplicaram por mil minha motivação! A teimosia está nos meus genes, creio. Ali eu decidi que não ia mais parar, por mim e como exemplo para os filhos, principalmente, para as filhas. Queria construir a minha própria história, ter memórias a compartilhar, como faço agora.

O curso de graduação em Comunicação Visual (hoje Design Gráfico), como todos em Belas Artes, permitia organizar os horários compondo com o esquema da escola das crianças. Madrugávamos. Eu e os 3 filhos tomávamos nosso café da manhã, íamos a pé até a escola deles. Dali, eu corria ao ponto de ônibus e para minhas aulas. Avisei os professores dos primeiros tempos que poderia atrasar, devido ao trânsito lento na saída da Ilha. Para compensar, entretanto, produzia em dobro nos ateliers e tirava o máximo proveito das aulas teóricas e práticas. Os professores, principalmente as professoras, valorizavam meu esforço, não me pressionavam. Ainda vivíamos a ditadura militar. Havia uma ou outra manifestação pacífica dos alunos de Belas Artes, diante dos cortes no orçamento das universidades públicas (já naquela época), pela garantia das condições de funcionamento pleno. Eu costumava participar desses atos, contra a vontade de meu marido. Procurei, no entanto, manter, sempre, a integridade das minhas convicções. Uma delas era nunca me omitir, ter responsabilidade ética, ser participante na busca de soluções coletivas.

Chegando ao terceiro ano do curso, engravidei mais uma vez. Sem faltar às aulas, cursei aquele ano de 1979 até 15 de dezembro, último dia de aula. Meu filho, Felipe, nasceu em 31 de dezembro.

No final de 1980 passei pelo primeiro mal estar com um professor na universidade. Adoeci, tive crises de vesícula, emagreci 10 quilos em pouco tempo e precisei faltar a muitas aulas. Era quase final de período. Já tinha todas as provas feitas e trabalhos entregues. Sentindo-me melhor, fui à EBA, com atestado médico, solicitar abono de faltas aos professores. A minha aparência já sinalizava que não era uma desculpa injustificada. Todos os professores ime-

diatamente abonaram as faltas, menos um: o professor de fotografia. Alegou que só abonava falta em caso de gravidez. Argumentei que gravidez não era doença. Que havia cursado os nove meses da gravidez, normalmente. Mesmo assim, apesar de ter entregue todos os trabalhos do curso, realizados no laboratório fotográfico, ele não cedeu. Graças à intolerância incompreensível de um único professor, precisei trancar o semestre e refazê-lo, pois já havia acabado o prazo de trancamento de disciplina. Meus objetivos foram mais uma vez postergados. Paciência! Melhor ser como a água, encontrar o caminho entre as pedras, fluir, seguir...

Finalmente, em 1982, já com o diploma nas mãos, fui a uma entrevista de trabalho. O cargo oferecido, de Diretor de Arte para confecção de material didático, muito me interessava. Com Currículum Vitae e Portfolio apresentei-me ao coordenador do programa. Ele pareceu muito bem impressionado. Sorriu depois de elogiar minhas credenciais e admitir que era "uma profissional competente". Explicou-me que havia, entretanto, preferência por um Comunicador Visual homem! Como assim? Perguntei a diferença entre uma boa Designer mulher e um bom Designer homem? A desculpa esfarrapada foram os vídeos externos e o material demasiadamente pesado para uma mulher... Respirei fundo, recolhi meus documentos dizendo: "Desculpe. Eu pensava que a vaga era para Designer, Diretor de Arte, não para carregador." Ali, senti na pele, o quanto permaneciam preconceituosas as empresas em relação ao trabalho feminino... Percebi também que, na década de 80, o espaço para Designers, em geral, ainda estava muito restrito. Aventurei-me pelo campo do Design de Moda, mas percebi que não era o que queria.

Resolvi voltar à universidade para o Mestrado, em 1985. Fiquei sabendo, ocasionalmente, por um ex-professor de História da Arte, que seria divulgado o edital para a primeira turma, com 12 vagas oferecidas, do Mestrado em Artes Visuais da EBA/UFRJ. Duas linhas de pesquisa: História e Crítica da Arte e História e Antropologia. Entre o edital e as provas o prazo era de somente 20 dias, para preparar-me e redigir um pré-projeto. Pouquíssimo tempo, mas assim mesmo, inscrevi-me. Escolhi História da Arte e Antropologia. Examinei a bibliografia. Fiquei mais tranquila porque tinha lido muitos daqueles autores durante o curso de graduação. Gostava demais de História da Arte (tivemos 5 períodos), minha disciplina favorita. Nunca, entretanto, tinha redigido um projeto científico dentro do modelo acadêmico.

Procurei uma amiga, ex-colega do Instituto de Educação, que trabalhava no Instituto de Relações Internacionais da PUC. Familiarizada com esse tipo de projeto, ela me recomendou a leitura de um livro, que tinha a ver com minha proposta, de Nestor Garcia Canclini, e li em 24h. Escrevi meu pré-projeto sobre cerâmica popular de Icoaraci, Pará. Fiz a prova, fui aprovada. O meu projeto era o único dirigido à linha de Antropologia. A professora antropóloga da equipe logo me acolheu como orientanda. Houve, porém, um momento, daqueles surreais, que nos surpreendem. Durante a entrevista, um membro da banca, aliás, um ex-professor meu, apontou para algo, segundo ele, "preocupante" no meu "excelente currículo": eu tinha 4 filhos!!! Argumentava que o curso exigia dedicação exclusiva. Respirei fundo. Essa era a mancha na minha formação!?!? Meu passado me condenava! Era risível, para dizer o mínimo. Respondi que não havia motivo para preocupar-se. Se havia chegado até ali com meus 4 filhos, àquela altura, mais velhos, tudo seria mais fácil. Na verdade, os filhos estiveram ao meu lado, acompanhavam minhas aventuras, eram parte ativa das dinâmicas. André chegou a atuar como auxiliar de pesquisa durante o trabalho de campo, sendo responsável pela maior parte do material fotográfico, base para análise e ilustração da monografia.

Ainda no primeiro ano do mestrado iniciei minha carreira, como professora de História da Arte Brasileira, em uma instituição privada de ensino superior, num curso de licenciatura em Educação Artística. Voltei às salas de aula, ao contato com os alunos, que sempre me deixava animada. Esse foi o primeiro de 28 anos no ensino de graduação, pós-graduação e mestrado. Muitos cursos, diversas disciplinas, coordenação de centro acadêmico, projetos pedagógicos, projetos de pesquisa, congressos, publicações. Novos amigos, algumas decepções, muitas alegrias. Uma vida acadêmica intensa e frutífera. Muito amor envolvido, desafios, desvios e retornos. O fim do casamento, muito em função da minha insistência em trilhar caminhos próprios. A palavra "intelectual" sempre empregada depreciativamente por meu ex-marido, para referir-se a mim e aos companheiros de profissão, soava como um xingamento. Não foi uma decisão fácil romper após 30 anos, ao contrário. Os filhos, porém, foram companheiros de estrada, apoio importante no momento da ruptura e do recomeço. Ainda havia estrada pela frente. Animava-me a certeza de que fizera escolhas corretas ao construir o caminho, aquelas que me faziam feliz e me enriqueciam. Percebi que ser mãe e professora eram partes da mesma

missão, fonte da felicidade de aprender ao ensinar, como dizia Paulo Freire. Um privilégio sem preço. Faria tudo de novo.

Quando, finalmente, decidi cursar o doutorado, foi simplesmente pelo prazer de voltar a estudar, a pesquisar, a pertencer a novos grupos. Filhos adultos, mais liberdade, menos cobranças e censuras. Desta vez, senti-me em casa no Projeto de Pós Graduação em História da UERJ. Minha feliz opção projetual (e feliz aqui é literal, pois envolvia o discurso das caricaturas e humor gráfico), abriu-me as portas para além-mar. Realizei sonhos, viagens, travei relações com grupos de pesquisa do Brasil, América Latina e Europa. Essas experiências ampliaram meus horizontes acadêmicos e existenciais. Várias parcerias, inclusive com a filha Paula. Nossas histórias se entrelaçaram e deram bons frutos. Uma grande alegria.

Continuo, assim a escrever minha história, cercada do carinho da família, livre para escolher, arcando com o que resultar, absorvendo as descobertas boas ou más, corrigindo rumos, prosseguindo na caminhada. A única certeza é a de ter feito o melhor que pude e, por isso, sinto-me tão bem.

Afetuosamente,
Ana Maria Rebello

(Sobre)Vivendo e aprendendo a viver: uma história de assédio moral

Paula Rebello Magalhães de Oliveira

Rio de Janeiro, 9 de maio de 2021, Dia das Mães.

A todas que como eu vivem as muitas que somos,

Sempre amei escrever cartas. Foram muitas escritas e recebidas ao longo da minha vida. Corria para o portão para recebê-las diretamente das mãos do carteiro. Cartas trazem notícias, novidades, sentimentos, alegrias, sofrimentos... São tantas as possibilidades... São tantas as partilhas possíveis…

Quando comecei a escrever essa carta estava com o seguinte pensamento em mente: "Tenho que dar conta"... Porém, percebo que várias coisas interferem em meu cotidiano e acabam por comprometer essa escrita. Neste momento da minha história, considero não ser tarefa assim tão simples, já que exige de mim muitas lembranças, reflexões, retorno a temas que por vezes doem, pois envolvem um certo luto vivido. Então, como deveria iniciar a história que desejo compartilhar aqui?

Talvez devesse iniciar essa carta com a afirmação: "Já dei conta", considerando tratar-se de "passado"... Mas tampouco parece correto. Essa afirmação, quase fantasia do que seria uma realidade muito distante, que talvez nunca tenha sido verdadeiramente alcançada, mas foi muito desejada e, com certeza, afeta o momento presente e contribuirá para definir meus projetos futuros. Parece mais fantasia, até porque se realmente "dei conta" em algum momento,

lá, naquele instante vivido, provavelmente nem percebia o que se passava e o quanto tudo aquilo me afetaria.

Parece que a gente só percebe quando está quase impossível dar conta de tanta coisa, quando realmente não dá conta, quando a falta do que deveria ter sido concretizado está mais em evidência do que quaisquer outras tantas realizações já conquistadas e sei que tenho muitas... Parece que aguardamos a aprovação de terceiros para poder nos afirmar enquanto detentoras de um saber, de um lugar, de uma força, de um poder que, na verdade, já nos pertence. Apesar dessa percepção um tanto tardia, admito, assim ainda me parece ser resumida minha vida de mulher: uma existência que tenta "dar conta" todos os dias de quase tudo.

Imagino que provavelmente a compreensão de que é preciso "dar conta" de tudo foi alimentada por discursos reforçados desde cedo em diferentes instituições sociais como família, igreja, escola para filhos de militares... Especialmente sendo você "mulher", parece que está prevista, talvez em sua carga genética, como alguns imaginam, "dar conta" dos estudos, da casa, dos filhos, do casamento, do mercado de trabalho, do supermercado e ainda estar "bela" no fim do dia... Nesse último ponto, confesso que não sou dos salões... Abdiquei há muito tempo disso, mas não sem antes ser submetida à grande "culpa" de estar errando de alguma forma. Penso que talvez possa reconhecer aqui que "não dei conta"... Demorou um pouco, mas aceitei minhas limitações, ou melhor, me aceitei do jeito que sou, mesmo fora da moda, com o estilo "ao natural", deixando os cabelos ondulados crescerem como quisessem. Para mim, a verdade é que sempre dei prioridade a tantas outras coisas, o que pode ter passado desapercebido por muitos que desconhecem a vida acadêmica... Mas admiro aquelas mulheres que ainda conseguem passar longas horas nos salões de beleza, cuidando da aparência, contribuindo com sua autoestima, confiança e empoderamento. Inclusive, reconheço aqui nessa carta que a vida acadêmica também exige uma certa "aparência" tornando a frequência aos salões as vezes uma "necessidade", ou mesmo uma forma de "investimento", algo que também me escapou em vários momentos da vida.

A aparência da mulher sem maquiagem, sem o cabelo cheio de produtos e luzes, sem unhas coloridas e polidas brilhando, pode deixar em evidência o cansaço, a noite mal dormida, as unhas quebradiças de quem lava louça e roupa na mão e, ainda, cozinha e faz faxina... Olheiras visíveis, capazes de revelar quem passou a madrugada cuidando de filho doente ou tentando "dar

conta" dos trabalhos acadêmicos solicitados, incluindo aí, enquanto aluna de pós-graduação ou como professora tutora ou presencial, pesquisas, leituras, preparo de atividades, conteúdo para aulas, organização de material didático, elaboração de provas, planejamento de aulas semestrais, etc. Infelizmente, nessa minha narrativa pessoal, a "aparência" da mulher, apesar de extremamente responsável e cumpridora dos deveres e prazos assumidos, estava sobrecarregada em suas várias funções nos diferentes papéis vividos, e acabou sendo mal interpretada. Diante de quem "só vê a cara e não o coração", parece que o rosto "sem maquiagem" incomodou e chegou a ser considerado como "falta de interesse" ou algo talvez pior e ameaçador. O que para mim seria apenas reflexo de grande cansaço, mas também de compromisso assumido com grande amor e dedicação ao aprimoramento dos estudos numa determinada instituição de ensino superior, serviu para propósitos destrutivos.

Minha narrativa de mulher-pessoa-ser se viu destruída por ações de grande violência psicológica. Fui condenada por minha "cara" de mulher-mãe-esposa-professora-aluna cansada, apesar de todo meu esforço e excelentes notas. Meu rosto "sem maquiagem" parece ter mexido com a vaidade vazia de quem acredita no seu próprio "poder" e na "maquiagem", na superficialidade das pessoas sorridentes, que fingem ser boas na aparência e se aproximam para usufruir e lucrar com o status dos poderosos. Infelizmente, tal profissional, que "só vê cara e não coração", em seu narcisismo só se engrandece com o excesso de elogios, por vezes auto-dirigidos a si mesmo, e não sabe reconhecer as qualidades de mais ninguém. Em seu processo transferencial, experiência presente também na relação professor-aluno, direcionou sua agressividade para mim, enquanto aluna, afirmando algumas vezes, inclusive na presença de outras pessoas: "não aguento mais olhar para essa sua cara"...

Nessa minha história compartilhada, presenciei e senti na pele o que é assédio moral, sem qualquer sororidade por conta de colegas ou professoras mulheres de uma universidade particular religiosa e tradicionalista que assumiram postura totalmente fria, ofensiva, egoísta, classista, rígida, diria até machista em sua forma nada sensível e ainda agressiva de olhar para uma mulher-mãe-esposa-professora-aluna cansada, desqualificando sua presença, seu papel ali naquele espaço, seu potencial, empenho, esforço, toda a ideia de pertencimento a um lugar de escolha, conquista e realização, lugar de conhecimento e de empoderamento. Eram mulheres que, apesar de sua área de atuação, mostraram-se incapazes de uma escuta cuidadosa ou empática para

tentar compreender minha realidade, meu sofrimento pelos constrangimentos sofridos naquele momento da vida. As poucas mulheres "legais", "humanas", que sabiam que eu era a vítima, já que a minha história era uma repetição de tantas outras dentro daquela instituição e sob a orientação da mesma professora, viraram as costas, se distanciaram com medo de demonstrar solidariedade e sofrerem represália ou perder sua posição ou bolsa de estudos, como já havia acontecido antes. As mulheres "poderosas", que também acompanharam os eventos de perto, inclusive dando indicações do que eu deveria fazer, admitiram reconhecer a situação como recorrente e, no fim, me ameaçaram, coagiram e definiram uma forma de punir a vítima e não o abusador. Queriam meu silêncio e, se possível, minha invisibilidade.

Nesta narrativa, o que era direito meu como aluna de um curso de pós-graduação reconhecido na área, mesmo com base em fatos documentados, provas e testemunhas, denunciava as vaidades existentes naquela instituição privada de ensino superior e a inadequação ética de profissionais de muitos anos "de casa" a ponto de se alterarem as regras de anos "da casa", com a manipulação de muitos, tudo feito para omitir tais condutas. Uma das professoras envolvidas, em posição de "poder" e, portanto, possibilidade de resolução rápida e eficaz de meu problema, enquanto eu chorava, chegou a citar com grande propriedade e empolgação, como se me desse uma aula, um trecho do livro que tanto gosto de Erving Goffman, Manicômios, Prisões e Conventos. Comparou o posicionamento daquela instituição acadêmica com a realidade mostrada pelo autor em sua pesquisa de campo no manicômio. Confesso que ainda tento compreender se, na visão dela, aquela instituição de ensino superior seria como o "manicômio", a "prisão" ou o "convento"... Independente de ser igualada a qualquer uma das três, mostrou-se como "instituição total" em seu caráter de fechamento, não pela reclusão, mas quando foi incapaz de considerar a realidade externa particular e individual da mulher, mãe, esposa, dona de casa, professora, estudante em seu direito de não sofrer mais qualquer tipo de violência ali dentro. A instituição estava fechada em si mesma, excluindo alguém que não havia se encaixado em seus parâmetros abusivos e que se negava a "baixar a cabeça", como fui várias vezes orientada a fazer. Violentou meu direito de escolha, mesmo quando estava documentado de acordo com seu próprio estatuto, me coagindo a permanecer submissa e "calar" diante de uma situação abusiva que poderia ser prejudicial a minha formação e a minha saúde, como realmente foi. Mas como disse a professora, mulher sem alteridade ou sororidade, psicóloga clínica sem qualquer sensibilidade, que

sabiamente evocou a publicação de Goffman, de 1961, para justificar sua falta de ética ao não me ajudar em minha solicitação, além de reforçar seu poder de coação institucional sobre mim em pleno século XXI: "ela [a professora orientadora] tem poder". Naquele momento, eu entendi a mensagem: "eu [a aluna orientanda] não tenho poder". Talvez eu devesse ter dialogado mais usando Foucault... Mas eu já não conseguia sequer falar de tanto que me doía saber que ali, naquele espaço de conhecimento, o "poder" servia à injustiça, ia contra os considerados mais fracos, condenáveis e descartáveis, os que não eram "da casa", bodes expiatórios das vaidades individuais e institucionais.

Numa "instituição total", de acordo com Goffman (2015), o poder de controle é coercitivo, violento e está concentrado na mão de poucos da equipe dirigente. Ocorre através de humilhação, castigos, apelidos que reforçam estereótipos, descaracterizando e apagando a cada dia a individualidade dos sujeitos. A cultura institucional através do controle, vigilância constante, rotinas e rituais previamente determinados, exige obediência, ao mesmo tempo em que desvaloriza e desqualifica os indivíduos a esta submetidos, retirando seus pertences, suas roupas, podem levar estrategicamente a "quebra", a "mortificação" de seu "eu", a desintegração da personalidade das pessoas que se encontram ali institucionalizadas sem acesso ou contato com o mundo externo, vítimas de seus abusadores. O processo de institucionalização, segundo o autor, pode afetar tanto internados quanto a equipe dirigente. O que eu vivi no ambiente acadêmico, numa instituição de ensino superior que deveria ser "aberta", inclusive às singularidades e diferentes formas de pensamento, foi a tentativa de controle e manipulação, exercida de forma hierárquica pelo poder daqueles que realmente se consideravam superiores, de "mais tempo de casa" e, portanto, institucionalizados, que com tamanha agressividade tentaram cercear minha liberdade de escolha e me coagir a aceitar suas condições abusivas, violentando meu "eu", minha identidade, meus valores e crenças pessoais, minha conduta moral e ética, até me adoecer.

Minha formação foi longa... Escolha minha, caminho meu, uma de minhas várias realizações. Apesar dessa vivência compartilhada, narrativa que envolve decepções e frustrações associados ao espaço da universidade, aprendi a amar a vida acadêmica, como neta de professora, filha de professora, sobrinha e afilhada de professoras, irmã de professores, prima de professor... Amo ensinar e amo aprender. Aprendo todos os dias. Aprendo para ensinar e aprendo ao ensinar. Estou aberta a diálogos com novos conhecimentos, culturas, singularidades, caminhos possíveis de encontro com diferentes realidades

que respeito e valorizo. Sei que esse movimento constante em direção ao novo, à vida, faz parte de quem sou, envolve minha história, minhas escolhas, minhas alegrias e sofrimentos.

Como mulher, mãe, mas também neta, filha, sobrinha, prima, madrinha, tia, cunhada, namorada, noiva, esposa, nora, "ex", dona de casa (que exerce a função de governanta, cozinheira, faxineira, lavadeira, passadeira, faz-tudo), psicóloga, supervisora, orientadora, tutora, professora e, consequentemente, para sempre estudante, eis que já vivi e ainda vivo muitos papéis em minha vida de relação que fazem parte de mim e atravessam meu cotidiano de mulher com suas inúmeras exigências visíveis ou invisíveis, para mim ou para muitos com quem me relaciono... Alguns desses papéis são permanentes, outros talvez sejam temporários, transitórios, limitados no tempo e no espaço, devidamente contextualizados... São muitas as experiências de vida e construção de minha narrativa pessoal que ainda precisam ser escritas... Novas cartas possíveis…

Talvez um dia dê conta... Quem sabe? Até lá, acredito ser importante aprender a curtir cada dia, cada momento, cada nova oportunidade e experiência, respeitando e aprendendo com meus limites, reconhecendo qualidades, capacidades, competências, desenvolvendo meus projetos sempre em construção, inclusive meu projeto de vir-a-ser. Estou aberta ao conhecimento, de mim mesma, dos outros e do mundo a minha volta. Vivo na existência a possibilidade de "ser" de forma autêntica mostrando aquilo que acredito em minha atuação no mundo, com os outros e comigo mesma. E essa imagem que tenho de mim também representa o meu ideal de universidade... Isto é, um lugar de abertura, onde as mais variadas formas de relação são possíveis, onde todo tipo de diversidade deve ser respeitada e acolhida, onde todos devem ser bem-vindos para "ser" quem são e assim contribuir para a construção desse projeto coletivo de ensino-aprendizagem, espaço de humildade e troca no tempo da existência humana, no qual passado, presente e futuro interagem buscando novos sentidos para beneficiar a muitos, não apenas a poucos.

Com amor,
Paula.

Essa é uma carta de gratidão e despedida

Andrezza Silva

Pelotas, outubro de 2021.

Escrevo sobre-viver na universidade e sobre-sair dela. É sobre mim e para mim e espero que um pouco sobre você e para você, cara(o/e) leitora(o/e). Que o partilhar dos meus afetos e experiências de alguma forma façam sentido.

É essa mania que tenho de encontrar poesia nas coisas apesar dos percalços que foram a trajetória acadêmica. Viver, ser mulher e LGBTQI+ no ano de 2021 é resistência, é sobrevivência. Eu sou uma jovem estudante e em meu último ano no curso de psicologia, me deparei com o fim de um ciclo que me amparou, acolheu e andou comigo até aqui. Agora estou me deparando com o questionamento do depois daqui, quais serão as pernas que andarão comigo?

Depois daqui não haverá um apoio (como uma espécie de muleta) que foi a faculdade, não vai ter a mão segurando o banco da bicicleta enquanto aprendia a andar nos ensinamentos do curso. Se eu pensar bem, nas minhas lembranças mais antigas o meu lugar/papel foi sempre de aluna. Desde as séries iniciais, no primário, fundamental, médio e universidade. Nesse existir no mundo, sempre tive comigo uma professora. Um universo de ensino, aprendizagem, erros e acertos, lugar que permite/acolhe os erros – de certa forma – que te apoia e direciona nos passos a seguir. Eu sei que nessa vida a gente é sempre aluno, em constante movimento e aprendizado, mas o espaço físico (sala de

aula, professores, colegas, prédio) o orgânico torna tudo palpável e é essa mania que temos de achar que o que é palpável – então existe, então é real. Tudo aquilo que é invisível aos olhos, o entre das coisas, se não prestarmos atenção, não nos tornarmos atentos a tudo que se move dentro e fora da gente. Como as linhas energéticas que movem a vida terrena, o som que as flores emitem em uma frequência que nossos ouvidos não captam, que está ali e nos tocam. O entre eu e você, o entre a terra, o som, o vento e você. Se deixarmos de lado esses espaços que não enxergamos, não ouvimos e nem tocamos, corremos o risco de apenas nos ater ao orgânico. E a vida, também se move no entre das coisas, naquilo que não tocamos.

Retomando o ser aluna e a chegada ao fim de um ciclo que tanto tem a ver com despedidas, sejam elas orgânicas ou abstratas: o prédio, os professores, os amigos, o cheiro do café da cantina, o som das folhas das árvores balançando ao vento. Tudo isso também desassossega.

O que será que me espera depois que eu sair para fora da porta da universidade?

O que me aguarda seria um sobre-viver fora de um lugar que, para mim, de certa forma foi seguro e muito me apoiou. Apesar das opressões veladas que surgiram ao longo dessa jornada, até porque nós mulheres e LGBTQIA+ enfrentamos em todos os espaços tais violências. Essa tal segurança e apoio têm a ver com o lugar do ensino, onde a gente aprende as coisas. Tudo isso me faz pensar, quais serão os próximos lugares que vou ocupar e me sentir pertencida a ele?

O fim de um ciclo – é sobre morte e renascimento.

> Ser afetada e tomada pelo impacto da despedida O fim de um ciclo
> O fim de um ciclo que não é sobre algo específico mas de vários algos que em sincronia acabam Poderíamos aprender com a natureza em que tudo é cíclico
> Como uma folha que murcha, cai na terra, aduba e dá força para um outro florescer
> Viver preso e não aceitar o fim é viver enterrado na terra úmida O viver nos convida a abraçar a dor
> sabendo que tudo passa e logo floresce com mais força.
> O que sentimos quando sofremos?
> a linha tênue entre sofrer ou estar afetado
> então o que define que a experiencia do fim de um ciclo seja ruim?
> Essas respostas para cada pessoa são únicas
> subjetivas e co-relacionadas

Vivemos numa mesma cultura
tendemos a ter sentimentos padrões de acordo com a cultura do nosso ambiente até que ponto somos livres no que sentimos?
ou somos influenciados pelo meio a ter sentimentos padrões para situações comuns da vida cotidiana?
Esses momentos são oportunidades de nos aproximarmos de nós mesmas quando em busca de respostas entendemos
Cada um tem seus dilemas, suas respostas
Sobre-vivências.

Carinhosamente,
Andrezza Silva

Entre meus caminhos, dentro da minha história

Leiliane Botelho Martins

Pelotas, outubro de 2021.

Olá,

Sou gaúcha, tenho 38 anos, e estou cursando o último semestre do curso de Psicologia de uma Universidade Pública na cidade de Pelotas/RS. Chegar até este ponto da minha vida está sendo uma jornada de vários caminhos, muitas bifurcações, muitos desvios, algumas montanhas e nem sempre a paisagem foi coberta de flores e sol.

Quando tinha 16 anos escrevi uma música que dizia "você faz suas escolhas e elas fazem você"; hoje, 22 anos depois, eu repenso essa frase, já que alguns momentos na vida parecem nos deixar sem escolha ou em escolhas tão difíceis que parecem não existir opções, e a cada passo que damos, não podemos precisar o que nos espera no fim do caminho.

Aos 19 anos, eu fiquei noiva de um rapaz de outra cidade que namorava desde os 17. Fiquei noiva por imposição do meu pai, pois minha mãe encontrou contraceptivos nas minhas coisas e contou a ele que, furioso, intimou o rapaz, na época com 27 anos, a noivar e apressar o casamento – afinal, era inaceitável que eu não fosse mais virgem e permanecesse solteira. Aos 20 anos, prestes a ser convocada no primeiro concurso público em que fui aprovada, meu então

noivo, discordou do fato de eu ser convocada para trabalhar em outra cidade, estando "casada" com ele. E este foi o motivo, ou melhor a gota d'agua, para eu desistir do casamento, 40 dias antes da cerimônia. Para minha surpresa, com total apoio do meu pai, o restante da família ficou me criticando por meses. Eu ainda não tinha a completa noção do quanto essas situações revelavam as inúmeras opressões à condição de ser mulher numa sociedade patriarcal.

Aos 21 anos eu já estava concursada em uma instituição federal, morava sozinha, comprei meu carro e, em seguida, um apartamento financiado, mas meu. Trabalhava desde os 16 como técnica em informática, secretária, vendedora, panfleteira, recepcionista, instrutora de informática, auxiliar comercial em uma agência de transporte marítimo – neste último, comecei a entender o que representava uma mulher estar em uma profissão predominantemente masculina. Na época, eu tinha 20 anos e dois clientes da agência apostaram quem ficaria comigo primeiro. A minha função era comercial, precisava ir a eventos e tratar com muitos clientes; quando descobri o que estavam fazendo, fui falar com meu chefe que justificou o comportamento dos clientes como uma brincadeira sem importância. Eu disse a ele que não trataria mais com eles em seguida saí da empresa e fui tomar posse em meu concurso.

Estava no primeiro ano do Curso de Ciências Contábeis quando tive que mudar de cidade e, portanto, tive que trancar meu curso. Não queria ficar sem estudar, então fiz vestibular pra uma universidade mais próxima de onde eu estava. O curso não era o que eu queria, pois eu queria mesmo trabalhar com crianças, ser pediatra, ou psicóloga infantil, mas isso não era uma escolha pra mim, eu não tinha dinheiro pra bancar o curso de Psicologia na universidade particular, o curso de Medicina era em horário integral e na época eu não conhecia nenhum tipo de benefício estudantil; na verdade acho que eles nem existiam. Meus pais não teriam como me bancar, então optei por cursos noturnos que me dariam uma profissão.

Consegui voltar pra minha cidade, retomei o curso e quando estava no terceiro ano de Ciências Contábeis a Universidade Federal criou o curso de Psicologia, mas eu não podia abandonar três anos de dedicação, então resolvi me formar primeiro. Me formei, já estava trabalhando em uma terceira cidade, fiz ENEM e entrei para o Curso de Psicologia no ano de 2011 na Universidade Federal de Rio Grande. Eu trabalhava oito horas por dia e o curso de Psicologia iniciava as aulas as 17h15min, devido a distância da Universidade não chegaria lá antes das 18h, mesmo alterando meu horário de trabalho e saindo as 17h, ou

seja sempre perderia a primeira aula. Eu não tinha mais carro, tinha vendido pra pagar o prejuízo de um malote de dinheiro furtado da minha mesa em um dia de trabalho.

No primeiro dia de aula houve uma roda de conversa com todos os professores do curso de Psicologia, achei aquilo tão legal, mas não tive coragem de expor minha situação, então no fim da reunião chamei o coordenador do curso para conversar sobre a questão dos horários. Ele me respondeu "o curso de Psicologia não é um curso para quem trabalha, é melhor nem começar". A partir daí percebi que a única com quem podia contar era eu mesma, mas prometi naquele dia, que demorasse o tempo que fosse, eu me formaria.

Fui falar com meu pai, que já estava aposentado da vida de pedreiro de obras, mas ainda fazia uns trabalhos esporádicos. Ele era de poucas palavras e muito ríspido as vezes, tentei encontrar o melhor dia para perguntar se ele poderia me levar até a universidade todos os dias para que eu não perdesse as aulas. Combinei de sempre pagar o combustível e ele, muito bruto, perguntou somente quando começava, e a partir daí me levava todos os dias pra aula, às vezes em silêncio por todo o caminho.

No início do terceiro semestre veio a oportunidade de uma promoção e fui transferida para Brasília. Meu namorado, que estava há cinco anos comigo, não fez questão de me acompanhar, ou ao menos foi o que pareceu na época, nos separamos. Como era tudo muito desconhecido e o semestre já ia começar, eu tranquei a matricula até me estabelecer, retomei no meio do ano em uma Faculdade privada, procurei uma que pudesse pagar, mas que também fosse um curso reconhecido, então cursei um ano e meio, até que o inesperado aconteceu.

Em 2013, sofri um processo administrativo no trabalho, acusada de ser cúmplice de fraude que um cliente executara contra a empresa que eu trabalhava, me afastaram para investigações e durante seis meses não pude sair do estado (DF). Meu pai faleceu nesse período sem que eu pudesse vê-lo. O processo que envolveu 52 funcionários resultou na minha demissão por justa causa, embora não houvesse no resultado da auditoria indicação para tal, e de mais 4 colegas também, eu a única mulher.

Não houve oportunidade de defesa, e mesmo que todas as operações realizadas por mim estivessem dentro dos normativos internos, não havendo qualquer indício ou prova de envolvimento, ainda sim fui demitida, hoje 9 anos depois o processo que movi contra a instituição não foi julgado e aguarda o TST (Tribunal Superior do Trabalho).

Na época namorava um rapaz que havia conhecido em Brasília, estava desempregada, não tinha mais como manter o curso de Psicologia em uma Universidade Privada e nem coisa nenhuma, morava com ele, o relacionamento não ia bem, muitas decepções e já pensava em me separar, mas não tinha para onde ir, então acabei levando por mais um tempo até que pudesse me reerguer.

Nessas circunstâncias, tranquei o curso novamente no segundo semestre de 2013, comecei a estudar pra novos concursos e para o ENEM, para então ingressar na UNB (Universidade Federal de Brasília), a aprovação do ENEM veio quando já estava em um novo emprego em um Escritório de Contabilidade, onde o dono da empresa acreditou na minha inocência depois de contar toda a minha trajetória.

Ficamos amigos, ele brinca comigo que foi uma luz na minha vida, e realmente foi. Fui contratada para um cargo de confiança em sua empresa, mesmo sabendo que tinha sido demitida por justa causa, minha inocência foi provada a cada dia que estive lá, tanto que até hoje ele diz que tenho uma vaga garantida no dia que eu quiser voltar.

E então, em um dia normal de trabalho, fui surpreendida com um mandado de busca e apreensão na casa onde morava com meu namorado, eles entraram revirando tudo às 5h30 da manhã. Levaram-me pra Delegacia pra um depoimento e para minha total surpresa havia um mandado de prisão temporária contra mim devido a suposta fraude que havia ocasionado minha demissão. No DF não há delegacias com local apropriado para mulheres, então todas as mulheres, suspeitas, temporárias, culpadas e condenadas são mandadas para o presídio, fiquei presa por 5 dias, inicialmente em uma cela de 16m² com mais 41 mulheres. Esse episódio inspirou o tema do meu TCC do Curso de Psicologia, intitulado "Atrás das grades da existência: Sendo a pesquisadora e a pesquisa".

Em decorrência desse episódio, o escritório que eu trabalhava reviu minha contratação, já que a notícia saiu em todos os noticiários do Distrito Federal e meu rosto ficou estampado em alguns sites e jornais. Fui demitida, mas depois de algumas semanas consegui que me contratassem como "freelancer" no mesmo escritório. Na conversa, o dono da empresa me disse que ninguém apoiava que ele me trouxesse de volta, nem a esposa, que era advogada, nem o sócio, nem o advogado do escritório, mas ele disse que dificilmente se enganava com alguém e eu passei a trabalhar prestando serviços ao escritório, sem o cargo de chefia que tinha e sem vínculo, mas trabalhando.

O trabalho exigia muitas horas a mais do que eu tinha disponível, consegui conciliar apenas duas cadeiras de Psicologia na UNB, lembrei do que o professor me disse no primeiro dia, "não é um curso para quem trabalha", cursei esse semestre depois não consegui encaixar nenhuma disciplina mais em meus horários, tranquei novamente.

Todas essas dificuldades, opressões do mercado de trabalho e do próprio ambiente universitário, deixaram marcas. Percebi que estava em um relacionamento abusivo, psicologicamente fraca, tomando remédios, acima do peso e resolvi dar um basta. Fui morar em 20m² com meu cachorro, isso depois de muitas sessões de terapia com uma psicóloga que ao me ouvir pela primeira vez, resolveu que me atenderia de graça. Fui convocada em um novo concurso de uma Instituição Federal, e segui trabalhando em dois empregos, a vida em Brasília é cara, segui prestando serviços no escritório pela manhã e trabalhando como empregada pública a tarde, trabalhava de 10 à 12h horas por dia, e aos sábados.

Consegui transferência do meu trabalho para a cidade de Pelotas, com meu curso ainda trancado na FURG, resolvi voltar e voltei, cursei dois semestres me deslocando de Pelotas para Rio Grande. Porém, por consequência dos fatos acontecidos em Brasília, e dos processos judiciais que movi contra a empresa que me demitiu por processo administrativo, anularam minha convocação do concurso, estava na rua de novo. Entrei com mais uma ação na Justiça, que se estenderia até 2019, não ia conseguir manter o curso em Rio Grande sem emprego, pedi transferência pra UFPel no ano de 2016.

Retomei meu relacionamento com meu ex, quando esclarecemos os mau entendidos do término que ocorreram na minha transferência para Brasília, o sentimento perdurou mesmo na distância, amadurecemos, ele segurou as pontas, engravidei, veio uma greve. Quem daria emprego pra uma mulher grávida dispensada de dois concursos federais, e com processos trabalhistas contra os empregadores?

Sem estudar, devido à greve, virei o foco pra minha gestação. Ela foi vivida em cada segundo, apesar ter sido uma imensa surpresa, uma médica já havia me alertado da dificuldade que teria para engravidar, caso quisesse, mas certamente estava enganada. Meu principezinho nasceu em janeiro lindo e saudável, estou aprendendo ainda a ser mãe tentando ser o melhor que consigo.

Meu relacionamento segue firme, me mudei para uma cidade menor no entorno de Pelotas, onde mora minha mãe, não casei oficialmente, mas

construímos uma casa e fomos morar juntos e reescrevemos nossa história a cada dia.

Quando meu filho completou um ano, estava cansada, me sentindo inútil, porque estava "só em casa", sem trabalho, culpada por estar me sentindo assim, sem planos e perspectivas, esperando resultado de processos judiciais. Resolvi, com a ajuda de duas amigas maravilhosas que se formaram comigo, abrir um escritório de contabilidade, eu sem nenhum real e elas trabalhando em seus empregos. Apostaram na idéia e mandavam mensalmente os valores para manutenção das contas básicas do escritório – uma sala alugada, meu próprio computador, móveis baratos e um pouco de coragem – que não foram o suficiente para conseguir clientes em uma cidade tão pequena. Apareceram alguns trabalhos, mas nada suficiente para bancar os custos e ter algum lucro. Eu trabalhava apenas pela manhã, à tarde era 100% mãe e as 17h15 pegava o ônibus de estudantes para Pelotas para seguir meu curso de Psicologia, quando chegava em casa de volta, perto de meia noite meu menininho me esperava acordado para mamar antes de dormir. Neste ponto eu já estava exausta, me sentindo um fracasso profissional e culpada por não estar sempre com meu filho.

Amamentei até os dois anos e dois meses dele, quando misteriosamente não mamou mais, justamente quando a Justiça concedeu que eu fosse reintegrada em meu último concurso, isso no ano de 2019. Voltei a Pelotas para trabalhar e como tinha aula quase todas as noites não tinha como ir e vir de Arroio Grande. Minha mãe, desde então vem para Pelotas comigo de segunda a sexta para ficar com meu filho, enquanto eu trabalho e estudo. Não sei o que faria se não fosse ela. Tentei minha transferência do trabalho diversas vezes para minha cidade, falei com todas as pessoas possíveis, mas esta foi negada, afinal eu represento uma ameaça devido a meu histórico e devo estar sempre sob vigia.

Procurei uma escola pra matricular o João Luiz, em Pelotas, já que não vislumbrava possibilidade de transferência, veio 2020 com a Pandemia e tudo se revirou novamente: eu fui para o "Home Office", os ônibus intermunicipais encerraram algumas linhas, impossibilitando que eu me deslocasse pro trabalho nos horários necessários, trabalhei em casa atendendo clientes via chat, fazendo serviço administrativo, respondendo e-mails, das seis horas que eram a minha obrigação, trabalhava oito, as vezes mais, sem almoço, sem levantar pra ir ao banheiro, sem horas extras, isso tudo porque estavam querendo que

eu retornasse ao presencial com a justificativa de que eu não era de nenhum grupo de risco.

Em Home Office consegui participar de grupos de estudo e fazer horas complementares que não teria como fazer no presencial. Estudar à distância para mim sempre foi muito difícil, sempre tive o hábito de freqüentar bibliotecas pra conseguir me concentrar nos estudos ou quando precisava escrever algum trabalho, sempre me desloquei muito, usava as viagens diárias para ler, ouvir gravações de aulas e não ter mais esses deslocamentos tem me atrapalhado demais. Estar em casa com uma criança de cinco anos com atividades online, todas as funções domésticas, o trabalho e ainda a carga acadêmica, têm realmente me deixado exausta, estou sempre tentando priorizar coisas, mas sempre acabo deixando de fazer algo e isso me deixa frustrada e cansada.

Depois de muita pressão, discussão e estresse, tive que retornar à Pelotas para trabalhar presencialmente. Retornamos em junho/21 quando vagou o apartamento que minha mãe alugava. Minha mãe já tinha as duas doses da vacina, eu sem nenhuma dose, tive que trazer meu menino junto que seguia nas aulas online.

As aulas da universidade seguiram remotas, veio mais um estágio, muitas experiências diferentes e muito ricas, mesmo de longe. Hoje estou vacinada, com as três doses, mas ainda tenho medo de sair, eu já não era de muito tumulto, e agora isso intensificou, a desconfiança que habita em mim agora permeia todos os espaços da minha vida, venho tentando respirar em meio a todas os acontecimentos do mundo e da vida.

Hoje em 2022, onze anos depois que iniciei o curso de Psicologia ainda não me sinto psicóloga, mesmo estando no último semestre e prestes a me formar, tenho muito mais dúvidas do que certezas, mas acho que faz parte de um processo de construção que nunca acaba. Há algum tempo deixei de planejar meu futuro a longo prazo, depois das tantas rasteiras que levei da vida.

Sei que o que escrevi aqui, o que não escrevi, o que veio antes e o que virá depois estão me construindo em uma nova profissão, como pessoa, como mulher, como mãe. E, assim sigo tentando transformar minhas dores em potências de vida e nunca deixando de caminhar, sem planos, mas sem pausas.

Em todos os trechos de vida que relatei a música teve um lugar muito expressivo e sempre representou momentos importantes na minha história. Sendo assim trago o trecho de uma delas que soou na minha cabeça durante essa escrita e vou deixá-la como uma forma de encerrar esse relato, que na

verdade não se encerra, segue fluindo em mim "... A minha alma nem me lembro mais em que esquina se perdeu ou em que mundo se enfiou. Mas eu não tenho pressa..."[1].

Eu não tenho pressa...

Leiliane Martins

1. DÉJÀ vu. Intérprete: Pitty. Compositores: Pitty e Peu Souza. In: **Anacrônico.** Intérprete: Pitty. Rio de Janeiro: DeckDisk: 2005. 1 CD, faixa 5 (4 min)

Aos encontros, potência de vida

Michelle Menezes Wendling

Restar no irrespirável
Enquanto acento tônico
Ponto de interrogação
Ou até mesmo ponto de exclamação
Ou como exemplo de estilo sem pontuação (...)
(Waly Salomão)

Um encontro, isso não é todo dia. Desses que alargam o possível e o pensável, instaurando algo de disruptivo, como descrevem João Fiadeiro e Fernanda Eugénio. Ocorrido num momento de intensas mudanças para mim. Depois de muita conversa com Camila, um convite para escrever sobre a universidade… momento de despedida do cargo de professora, que ocupei por quase sete anos numa instituição pública.

Quero situar meu percurso. E esse "meu" é muita gente. Vou precisar dizer que nasci no Nordeste, primeira geração a frequentar uma universidade na minha família. Vivo dizendo que sou testemunha de um vislumbre de mudanças nas estruturas socioeconômicas do Brasil. Eu estava lá, e *pude* aproveitar cada oportunidade que o meio acadêmico podia oferecer naquele momento: bolsas, novos programas de pós, contratação de (muitos) novos professores. Poder cursar um Mestrado na cidade onde nasci e morava: um privilégio. É, demorou

pra ser assim. Faço parte da primeira turma do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, de 2008. Meu desejo de ser professora data de antes. Depois do Mestrado, pouco a pouco um outro desejo ganhou corpo, seguir como professora-pesquisadora em psicanálise.

Camila, você falou em falta. Nada falta. Como isso me interessava! Fiz até uma dissertação sobre o tema (risos). E como me vi por muito tempo sem saber para que isso servia fora do papel efetivamente… segui um caminho exemplar. Iniciação científica, mestrado, doutorado numa prestigiada universidade, estágio sanduíche no exterior, concurso público. A psicanálise me interessa(va) pela potência crítica, pela escuta. Especialmente quando Freud não tinha mais tanta certeza do que dizia. Sobretudo quando Lacan "esquizofrenizava" a psicanálise. Deleuze e Guattari ajudavam na escuta da própria psicanálise. É preciso ir mais longe, cuidado com os empuxos às universalizações. Por que isso fazia tanto sentido pra mim? Eu tinha algumas pistas. E tinham a ver com minha posição de classe social.

Quando passei no concurso, passou comigo uma multidão. Tiramos uma foto na entrada, no portão principal da UERJ, eu e minha mãe, uma costureira branca nordestina pouco escolarizada. É muita coisa isso entrar ali. Uma universidade histórica, pioneira no sistema de cotas, agora recebendo muitas.os professora.e.s de uma nova geração, vinda dos quatro cantos do país. Essa geração que teve oportunidades e pôde se apropriar delas. Disse *pude* e *pôde* porque tinha alguém que cozinhava, quem pagasse (com dificuldade) as despesas da casa para que eu pudesse estudar. Um privilégio. "Tem gente que tem sorte", ouvi de uma colega. De onde ela saiu, essa candidata? Não é que com essa não contavam? Mas gente, fiz PIBIC, tenho doutorado, falo francês, *passei* no concurso. Passar pelo portão, aquele da foto, foi um enorme desafio. Não tinha nada resolvido.

O Rio me ensinou que vim do Nordeste – te pranteio e te agradeço por isso. Com a.o.s aluna.o.s aprendi que tinha muita coisa por fazer, pra ouvir. Posso dizer que ela.e.s me ensinaram que sou branca. Dela.e.s veio parte do meu respiro. Minha paixão pelo ofício de professor.a tem a ver com a possibilidade de transmissão. Às vezes temos notícia dela anos depois de um semestre, num outro contexto. Vem também de seu alimento, pra mim fundamental: a energia, a novidade, a diversidade propiciada pelo encontro com a.o.s estudantes. Nesse registro meu trabalho fazia sentido. Um contrabalanço ao sentimento de que faltava alguma coisa para tomar posse do meu lugar. Às exigências nunca

satisfeitas para fazer sempre mais e mais. E fazer como a.o outra.o queria, claro. Talvez eu não fosse competente, talvez eu nunca vá compreender tal conceito… um "temos que superar isso" ou um "não dá pra agradar todo mundo, Michelle" aparecia de tempos em tempos. Tudo bem, mas tem outras coisas aí que ultrapassam um ato de vontade. Silêncio, solidão. Individualização do sofrimento. "Você está fazendo a vítima", "você não sabe o que quer", "uma decepção", "infrutífera", "Michelle? Não sei não, hein…", "e desde quando você é militante?", disse uma fiscal de sindicato. Irrespirável.

Quando *pude*, me nutri dos encontros. Sempre tive uma queda por gente que duvida de poderes estabelecidos. Mas é preciso fazer escorrer pra vida algo como o chamado à insubordinação do poema de Anzaldúa, tempero para outras relações, distantes dessa ânsia por deslegitimação da.o outra.o. Isso na microfísica, no cotidiano. É mais fácil bradar subversão em nome da psicanálise, defender grandes causas no papel. O estudo da tal falta fez sentido, minhas leituras ganharam, além de classe social, cor, gênero e origem geográfica. Fui ouvir Neusa Santos Souza, Lélia Gonzalez… anda e vira eu encontrava um "mas professora, não precisa nem de doutorado pra saber disso". Isso mesmo. Mas como isso vira produção de conhecimento na academia depois de séculos de epistemicídio, depois do aprendizado da amnésia? É por isso que precisamos escrever, falar sobre nós, resgatar algo dos esquecimentos. Ouvir, ouvir e ouvir. Ouvir as tramas que nos emaranham e como nos confundimos com elas, a multitude de nossas posições. Ouvir discursos outros, vozes que não datam de hoje, outras que sim. O sentido de uma extimidade, imprescindível para desarranjar as coisas, nunca fez tanto sentido para mim. Ela é capaz de nos situar quanto aos nossos marcadores e nos ajuda a fazer outra coisa com eles. "Nossa, vocês falam muito disso", disse um colega numa tarde festiva ao perceber que circulava entre as conversas de amiga.o.s o tema do preconceito contra nordestina.o E alguém escuta? Onde e quando nos sentimos autorizada.o.s a falar desses lugares? Como essa peleja pode nos deslocar de posições a nós destinadas?

A institucionalização de uma espécie de soberba narcísica, muitas vezes mal dissimulada, podem crer, não vai sumir ou se apaziguar com um "temos que superar, é assim". As marcas da hierarquização, da perpetuação de privilégios, do mito da democracia racial, do cisheteropatriarcado estão embrenhadas em muitos modos de laço no Brasil. Na academia, fermentadas com o ponto zero, o argumento da neutralidade, da competência. Lá do meu Olimpo zona sul, "eu

falo em nome da verdadeira teoria" – lembremos aqui da velha convergência elite econômica-intelectual. Difícil também é abrir mão do pequeno poder. E essa maquinaria sedenta não vai parar. Ela espalha, mesmo nos cantos mais iluminados de nosso tempo, a corrosão da diferença. Violência, silenciamento, sofrimento, uma solidão brutal. Precariza, destroi.

Uma moça de sorte, que este ano não morre. Melhor dizen*do,* tocada pelo *bonheur* – palavra francesa para sorte, mas também para alegria. O *bon-heur*, *bom acaso,* como preferia Lacan. O bom acaso dos encontros cuja aparição é vivida como oferta e é retribuída[2]. Encontro com corpos diversos e vozes múltiplas que ardem, que queimam, às vezes por sua simples presença, as pretensões de fazer do mundo nossa imagem e semelhança. Há muito a fazer, muita história pra contar sobre a produção *desse mesmo,* empuxo à fossilização. Aqui se afastam a falta como assunção de um déficit, porque referida ao unívoco, inalcançável, e suas paixões tristes. Interessam os possíveis, o por vir.

Camila e Giovana, obrigada por espalhar essa centelha.

Acompanhada do calor das faíscas,
sempre desejosa de boas gaitadas,
Michelle.

2. Aqui faço referência à performance-conferência *Secalharidade,* de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio: https://ladcor.files.wordpress.com/2013/06/o-encontro-c3a9-uma-ferida.pdf

A potência de aprender com afeto

Amanda Hartwig de Hartwig

Pelotas, fevereiro de 2022

Oi professoras!

Desejo que vocês estejam bem, na medida do possível. A seguir, peço desculpas pela demora que levei para finalmente escrever. Estamos agora em 2022, perto de completar dois anos da pandemia de Covid-19. No semestre passado, por mais que tivesse grandíssima vontade de escrever, fui tomada por diversos afazeres acadêmicos que me esgotaram até o último neurônio. Uma delas foi a monitoria, que sendo sincera, foi uma das experiências mais deliciosas que já tive como graduanda, mas vou deixar esse assunto para outro momento.

A proposta de escrever sobre a vivência e experiência de ser uma mulher no âmbito universitário me despertou diversas possibilidades de caminhos para explorar aqui. No entanto, há em mim uma grande dificuldade em escolher e julgar o que seria melhor ou mais adequado. Dessa forma, gosto de deixar meus dedos tomarem liberdade e escreverem o que vem. De qualquer forma, esperando o melhor, aí vou eu.

Sou uma mulher branca, cis, de cabelos e olhos claros que nunca teve a sensação de "não pertencimento" à escola ou à Universidade em geral. Paradoxalmente, também nunca me apropriei com garras e dentes da maioria

das oportunidades que vivi. Era como se eu estivesse passando apenas por um momento "obrigatório" na vida. Sim, aparentemente a maioria das pessoas deveria ir para a escola, para depois ir para a faculdade, para depois trabalhar. Era o caminho ditado para obter algum sucesso na vida, então eu aceitei e obedeci submissamente à essa lógica por algum tempo.

Durante minha infância e parte da minha adolescência, nunca me senti inteligente. Era elogiada pelo meu jeito carinhoso, pela minha sensibilidade, até pela minha beleza, mas as notas – por mais que não fossem baixas – e a trajetória escolar nunca foram base para a admiração.

Desde o ensino fundamental, tive muita dificuldade com números, mas fiz uma amizade muito profunda com a História. Lia e entendia os exercícios com muita facilidade. Fazia-os, mas tinha vergonha de responder em voz alta quando a professora perguntava na aula. Lembro que uma vez alguém respondeu alguma questão de forma errada, e eu tive a coragem de responder novamente. A professora me perguntou "porquê tu não respondeu antes?" com um certo tom brincalhão, e eu apenas ri e fiquei um pouco envergonhada. Hoje penso que não respondi antes pois mesmo sabendo a resposta, tinha a sensação de que não era o meu lugar de "saber". Mesmo quando em uma série anterior, soprei respostas na prova de um professor desatento. Um pouco mais tarde, uma colega ficou em recuperação e eu a ajudei a estudar. Ainda assim, não me via como inteligente e/ou capaz. Ainda por volta da mesma época, fiquei com uma nota baixa – quase reprovando – em Biologia, e decidi fazer a prova de recuperação para aumentar minha média. No dia em que a professora devolveu as provas corrigidas, ela perguntou se eu havia "colado", pois minha nota havia aumentado um tanto.

Quando no 1º ano do Ensino Médio, duas colegas, minhas melhores amigas na época, decidiram fazer a prova para entrar na escola técnica, também conhecida aqui em Pelotas como IFSul. Resolvi fazer também, mas para ser sincera, eu nem estava tão afim. Queria mesmo era ficar perto delas. Nós três fizemos a prova para o curso de Comunicação Visual, para quem não sabe, algo no meio do Desenho Técnico e do Design. Elas não passaram. Eu sim. E assim troquei de escola, fui estudar em um lugar longe da minha casa e desconhecido. Para esse lugar, eu precisava acordar bem mais cedo do que estava acostumada, pegar ônibus e caminhar umas boas quadras até chegar. Minha escola antiga, onde eu estudava desde o 2º ano da pré-escola, ficava a 15 minutos de distância da minha casa.

Nessa escola nova, minha dificuldade com os números se acentuou de forma exacerbada. Tive que fazer "dependência" – onde você repete apenas a disciplina que reprovou ao invés do ano/semestre inteiro – em quase todos os semestres que tive Matemática e Física. Já não me lembrava da Amanda que tinha gosto pelas aulas de História, pois as apostilas, listas de exercícios e horários de monitoria ocupavam a maior parte dos meus pensamentos e preocupações.

Essa trajetória foi difícil, mas ali foram os anos mais intensos da minha vida: minha ansiedade se manifestou como nunca, ao mesmo tempo que o desespero para passar nas provas e trabalhos reunia grupos de 10 alunos na biblioteca e passávamos tardes infinitas tentando entender exercícios de Física ou de Geometria Descritiva. Ainda assim, passar tanto tempo com essas pessoas me fez formar vínculos profundos e cheios de amizade e solidariedade. Digo, sem vergonha nenhuma, que se eu não tivesse o apoio e a ajuda dos meus colegas e amigos, jamais teria me formado nessa instituição. Mesmo quando descobri lá pelo 5º semestre – eram 8 no total – que não gostaria de seguir a carreira de comunicadora visual, continuei pois não estava pronta para me despedir daquela turma.

Foi lá também que comecei na iniciação científica, fazendo parte de um grupo de estudos e pesquisas sobre a subjetividade feminina na Comunicação Visual. Nesse percurso, a professora-orientadora se tornou uma amiga com quem mantenho contato até os dias atuais, gostamos de conversar sobre música, filmes, livros, e tudo mais. Ela foi uma figura central na minha caminhada acadêmica, e por tê-la na minha vida sou muito grata.

Fui bolsista desse grupo e apresentei um trabalho em uma mostra de produção. Ainda assim, não me sentia inteligente, nem mesmo capaz.

Fiz o ENEM três vezes – a primeira como "teste", a segunda enquanto estava no final do curso anterior – e na última consegui entrar para o tão sonhado curso de Psicologia. Não, não fiz cursinho pré-vestibular. Ainda assim, não me sentia inteligente.

Nos primeiros cinco semestres do curso de Psicologia, experimentei sentimentos bons e ruins. O primeiro foi que agora sim, eu estava estudando para algo que eu realmente queria, e nesse momento eu me apropriei dos estudos e me tornei mais responsável com a minha trajetória. Assim como as aulas de História, tudo – ou, pelo menos, grande parte – me parecia interessante, curioso, me instigando a saber e procurar mais. Por outro lado, o clima

competitivo da academia ficou muito mais evidente e eu, automaticamente, não gostei disso. Ainda que haja uma sensação mais "humana" e "acolhedora" no curso, consegui captar nas entrelinhas vários discursos de colegas. Irritados por não conseguirem se "encaixar" na proposta de trabalho de um ou outro professor, deixando de fazer trabalhos com um ou outro colega por julgar menos capaz/dedicado. Em determinado momento, senti o desconforto de uma pessoa próxima a mim quando eu tirei uma nota maior, ou quando recebi um feedback positivo.

Não gosto de culpar esses sentimentos e frustrações pois entendo que, no cenário em que estamos, onde a ciência e a educação são cada vez mais desqualificadas e sabotadas pelo próprio governo, entendo que muitos estão lutando para sobreviver e agarrar uma chance que pode ser única. Em algum momento sinto que estarei, de alguma forma, competindo com alguns de meus colegas, seja para vagas de emprego ou para vagas de pós-graduação, mestrado, doutorado, etc.

Ao mesmo tempo, creio que por toda essa explicação anterior, sinto que muitas vezes esses olhares e julgamentos me dizem que eu não deveria estar no lugar onde eu estou ou quero chegar. Ainda que eu não considere isso o ponto crucial da minha vida, é um desejo que vem aumentando cada vez mais. E vou explicar o porquê.

No 5º semestre, cursei uma disciplina chamada "Psicoterapia Infantil", com uma professora muito especial. Essa disciplina virou uma das minhas favoritas, e mesmo sendo optativa – não obrigatória na grade curricular do curso – eu me esforçava muito para fazer as leituras, entregar os trabalhos e participar na aula. Mas o esforço era, de certa forma, espontâneo. Eu queria saber mais, eu queria entender, eu queria perguntar na aula. A partir daí, considero que construí um laço muito especial e afetuoso com essa mesma professora, que mais tarde me incluiu em seu grupo de estudos, de pesquisas, se tornando minha orientadora de trabalhos para o SIIEPE e até me ofereceu uma vaga de monitora em uma de suas disciplinas.

Essa professora me lembra muito a que eu tive no IFSul. Ambas são extremamente inteligentes, e não sei como elas conseguem armazenar tantas informações em suas cabecinhas, pois sabem tudo – ou quase tudo – de séries, filmes, músicas, livros, teorias, filósofos… Ambas são mestras, doutoras, acolhedoras e ensinam de uma forma diferente do que eu estava acostumada. Através dos vínculos que construí com elas, me senti mais capaz, mais inteligente, mais

possível. Ambas me mostraram que meus interesses, quando bem embasados e pesquisados, bem escritos e colocados, podem fazer ciência.

A professora da faculdade conseguiu reunir pessoas extremamente inteligentes e afetuosas em um grupo de pesquisas, que se apoiam, se lêem, se incentivam. Um ambiente que eu sentia muita falta desde minha turma do ensino médio/técnico.

Após escrever e reler tantas vezes, consigo identificar que meus momentos mais significativos e importantes estão sempre atrelados às relações que eu construí com pessoas tão especiais. Consigo ver que, através do olhar e do cuidado delas para comigo, comecei a enxergar minhas potencialidades e minhas qualidades. Vejo que as companhias e os afetos envolvidos são fundamentais, e que são eles que me guiam nessa trajetória. Sinto a diferença de estar com pessoas que acreditam em mim e me admiram por quem eu sou, não aquelas que duvidam de mim e que não me vêem como uma pessoa já capaz, como se eu ainda tivesse que alcançar alguma coisa para ser digna de respeito e de admiração. São essas pessoas e essas relações que fazem com que eu, agora, acredite em mim, depois de tanto tempo. Assim, mais do que nunca, acredito nos meus sonhos, na minha capacidade, tanto intelectual quanto emocional, para formar esses vínculos tão importantes e potentes.

Continuo achando que não chegarei em nenhum lugar sozinha, quero poder comemorar minhas vitórias e a dos meus amigos e colegas, sabendo que o apoio que eles me dão é fundamental para que eu continue e, almejando dar esse apoio a eles de forma igual. Aproveito a oportunidade para agradecer a essas pessoas, professoras e colegas, mulheres inteligentes, carinhosas e extremamente dedicadas, por terem compartilhado tanto comigo.

Despeço-me aqui, esperando que essa carta tenha feito algum sentido para quem a lê, acreditando nas possibilidades que o afeto e o respeito proporcionam.

Pelotas/RS, 2022
Um abraço com muito carinho,
Amanda.

Sobre habitar a Universidade e as práticas de escrita na experiência como graduanda

Luisa Lislie Both Griebler

Rio Grande, março de 2022

Olá,

Espero que tu estejas bem dentro do que é possível para ti no momento. Venho aqui para compartilhar contigo um pouco de como tem sido a minha experiência na universidade nos últimos tempos. Com um sentido de registro e partilha, trago algumas das minhas vivências e elaborações a fim de ressoar em conjunto com a multiplicidade de vozes e existências desse lugar tão significativo para mim.

Desde pequena, a minha relação com os estudos, os ambientes relacionados a ele e as relações advindas desses lugares sempre me foram muito caras. Guardava durante os períodos de recesso o entusiasmo para o retorno. As lembranças tão vívidas relacionadas a esses lugares atestam a intensidade das emoções que estavam presentes nesses momentos, bem como as experiências que continuam em construção com o decorrer do tempo e somam cada vez mais vivacidade às minhas memórias.

Estar presente nos espaços e nas relações sempre fez parte do aprendizado para mim. Por um momento, rememorar esses instantes me faz imergir em uma nostalgia não tão fácil de lidar. E não apenas pela sobrevivência dos momentos em si, mas pela triste situação em que nos encontramos. Recém completados

um ano de pandemia no país, com a situação se agravando sem precedentes, com evidências que pouco nos asseguraram esperança de dias melhores, me encontro exausta e com medo, experienciando momentos diariamente atravessados pela angústia de estar vivendo em um tempo tão hostil quanto esse.

Com o início dos primeiros casos e a declaração da situação de pandemia no país, logo chegaram os comunicados de suspensão de atividades, e entre eles, o da universidade. Curioso como o momento em que recebi essa notícia ficou guardado na minha memória. Desde então, estamos experienciando cotidianamente múltiplos afetos a partir do isolamento e da suspensão das atividades acadêmicas ou a sua realização à distância em meio à pandemia. A presença das pessoas à nossa volta todos os dias, que antes poderia nos parecer em alguns momentos algo tão simples, evidenciou o seu caráter essencial para a constituição das nossas experiências. Esse quase um ano de distanciamento e suspensão das atividades presenciais no ambiente acadêmico, como também nos demais lugares de convivência, nos confronta com ausências as quais não tínhamos repertório para lidar.

Com o prolongamento e o agravamento da situação, as atividades letivas não poderiam mais ser adiadas e precisavam encontrar caminhos alternativos. E em vista do contexto negacionista e adverso que circunscreve a saúde pública e o papel da ciência no país, se tornava a cada dia mais inviável permanecer sem movimentar esses espaços. Assim, a comunidade acadêmica buscou por meios de se fazer possível a retomada das suas atividades. Os ambientes remotos de ensino, os quais já existiam e auxiliavam com as dinâmicas de aprendizado em meio presencial, se tornaram via única para o retorno. Permanecer em isolamento social por um período relativamente longo de tempo – um privilégio de que nem todos puderam usufruir – me fez refletir sobre a importância da presença, do corpo, do compartilhar olhares, sorrisos e abraços no cotidiano das relações. Senti falta de intuir que no dia seguinte estaríamos ali de novo. O cessar dessa segurança nos tirou qualquer chão que ainda restasse diante das circunstâncias.

Assim, nos chega a urgência de encontrar novas formas de se fazer presente no tempo em que estamos. A partir daí se iniciou uma busca por meios, formas e linguagens que nos proporcionasse a possibilidade de troca e construção do processo pedagógico à distância. Desse modo, foram surgindo novas formas de se fazer presente. A arte muitas vezes se fez necessária nesse

sentido, e a escrita se tornou um dos meios para existir e me aproximar dos outros e de mim mesma.

Entretanto, a escrita engessada e impessoal tradicionalmente acadêmica não nos proporciona o melhor caminho para tal. Ao mesmo tempo, se fazia imprescindível defender o saber científico diariamente questionado e desacreditado no cenário brasileiro. Era preciso encontrar uma nova forma de consolidar a presença através da escrita. Por isso, foi fundamental reinventar os hábitos de escrever, os modos e sobre o que escrevemos. E por esse caminho, foi também preciso reinventar as formas de ensinar e aprender. Falar e ouvir. Outras formas de perceber.

Essa escrita que evoca a presença foi sendo construída com a vinda da dimensão da experiência para dentro da escrita acadêmica. Com frequência, o que eu tinha para dizer ou escrever não me parecia fazer sentido, como se fosse algo apenas meu e que as pessoas não entenderiam. Poderia até parecer sem importância, mas, nos últimos tempos, venho percebendo como o compartilhar das nossas experiências pode ser mais significativo do que a gente imagina, inclusive para as produções no ambiente acadêmico.

Como caminhos metodológicos, compartilhamos nos grupos de estudos e pesquisas as noções de Versão de Sentido uma forma de registrar através de uma produção simbólica como um encontro reverbera em nós. Também criamos diários, que me fizeram entrar em contato com as minhas experiências e situá-las nos processos de pensar, conhecer e escrever. O conhecer o outro através da escrita trouxe para as relações uma outra dimensão de proximidade diante do ambiente remoto de aprendizado. De certo, estavam todas e todos escrevendo e produzindo dentro da universidade, mas não era comum partilhar a sua escrita e dos processos da produção científica com quem estava sempre ali presente. Ler o que as colegas e os colegas tinham a escrever, despertou em mim uma grande felicidade em saber que trabalhos tão significativos estavam sendo produzidos por pessoas tão próximas a mim.

Com o ritmo vertiginoso das atividades acadêmicas, na maioria das vezes, estava mais para conhecer e dialogar com o conteúdo de um texto do que a saber quem o havia escrito, bem como o seu processo de elaboração. A partir da experiência de reconhecer quem estava por detrás dos textos, assim como acompanhar de perto o seu processo de criação e construção, me fez tornar outro olhar sobre as produções acadêmicas, como também sobre escritas de outros gêneros. Conhecer a potência expressa na escrita das pessoas

em meu entorno, com ênfase nas escritas das colegas e professoras, e a sua partilha trouxe coragem e disposição para continuar escrevendo, construindo e habitando a universidade. A dificuldade para escrever, compartilhar ideias e experiências costumava ser para mim uma questão individual. O contato com outras mulheres em grupos de estudos e pesquisas tornou possível perceber como existem amarras que envolvem as nossas possibilidades de expressão. Hoje é possível para mim ver como questões de gênero também constituem essa experiência.

Os meus pais vieram do interior rural do Rio Grande do Sul, e acredito que por terem desde muito cedo começado a trabalhar e ter o acesso custoso aos estudos, não falharam em oportunidade alguma em me encorajar e possibilitar as suas melhores condições. Como mulher branca e com muitos privilégios, apaixonada por aprender, para quem desde pequena vislumbrava um dia ocupar o lugar de professora, a universidade nunca foi uma dúvida para mim, ao contrário, sempre esteve inscrita nos meus planos. E, ainda é muito difícil perceber e assimilar as marcas de invisibilidade e silenciamento, mais ou menos evidentes, que se fazem presentes no decorrer da estadia nesse destino tão sonhado.

É difícil olhar para as dificuldades e as opressões que constituem o caminho acadêmico, justamente por ter uma ligação afetiva muito intensa com os estudos e a universidade. É significativo e essencial ouvir Camila e Giovana, como as demais professoras, colegas e mulheres na universidade sobre as suas experiências em suas trajetórias acadêmicas. E como é preciso procurar construir redes de acolhimento, nos mantendo fortalecidas para enfrentar tanto as violências mais estarrecedoras, como nos manter atentas à sutil presença de outras. Penso ser um trabalho de pensar, elaborar, compartilhar, desconstruir e reinventar que segue para o resto da vida, sendo ela acadêmica ou não.

Essa carta levou uma eternidade para ser escrita, quase um ano para ser exata. Durante esses longos meses experienciei diferentes estados de vitalidade em momentos distintos da pandemia. E agora se aproxima o prazo de entrega que já estou prolongando há muito tempo, e que já não tenho mais como adiar. Há algumas semanas estava assistindo ao filme da Hannah Arendt e entre muitos diálogos que ficaram para mim, existe um que traz uma conversa entre o que seriam os editores do jornal que teria o texto da autora publicado. Um deles encerra uma ligação de telefone e comunica ao outro que ela ainda não está com o texto pronto e seria preciso estender o prazo. Impaciente, o outro

editor conclui que filósofos não cumprem prazos. Em um movimento cômico e reflexivo, ecoou em mim uma profunda identificação com a afirmação, apesar de não ser filósofa. Prazos, encerramentos, despedidas e pontos finais sempre me assustaram profundamente.

Como graduanda do curso de Psicologia na UFPel ainda tenho poucas experiências com publicações e eventos, e a ideia de tornar público algo escrito por mim, ainda mais algo tão orgânico como a minha experiência, me soa como o ponto final que dará início a indizíveis e inumeráveis angústias. Por vezes, retomo textos pessoais ou escritos para a faculdade com um olhar crítico e um pensamento de que poderia ter feito diferente, melhor. Desde pequena nutro o costume de escrever diários e, por algum motivo que não recordo, decidi uma vez despedaçar e queimar todas as páginas do meu primeiro diário. Hoje, eu me pergunto o que estava escrito naquelas páginas, ao mesmo tempo em que não consigo escrever nessas.

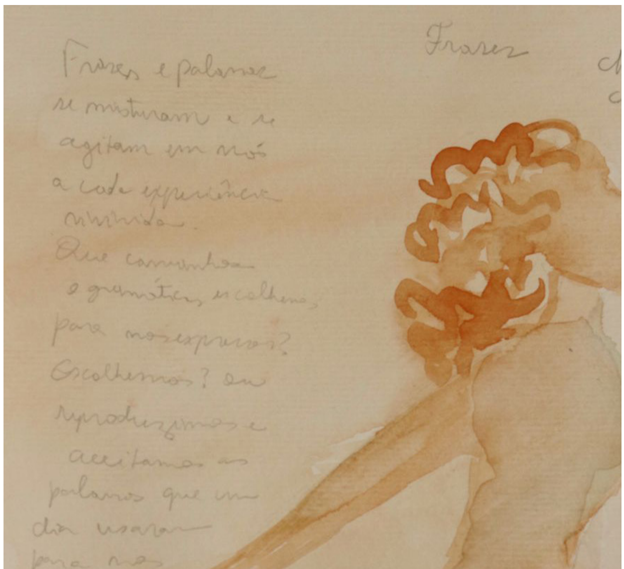
Não por acaso o tema da escrita muito me mobiliza. Há algo aqui que me encanta e me aterroriza profundamente. E se eu puder deixar algum aprendizado, adquirido durante a minha breve experiência como mulher e universitária, seria para nós mulheres não deixarmos de escrever. E se possível, compartilhar o que é escrito por nós. Mesmo quando acharmos que o que nos ocorre para ser escrito não é significativo, que não irá ser lido, compreendido ou aceito pelas outras pessoas. Ou quando achar que é possível que não pense mais daquele jeito algum tempo depois. A escrita é também registro e fala a partir de lugares, tempos e pessoas. De quem costumávamos ser e de quem nos tornamos a cada dia. Ou mesmo quando não seja da forma como nós imaginamos, com o tempo e o espaço idealizados, que talvez não cheguemos a conhecer. E mesmo que depois de colocado o último ponto final ainda estejamos insatisfeitas ou inseguras com o que foi escrito, não levemos críticas tão duras com nós mesmas. Aprender, pensar e experienciar desconhecem pontos finais. E a próxima página vai estar esperando por nós.

Para finalizar, trago um agradecimento recheado de carinho e afeto à equipe tão querida desse projeto, que me encantou desde o primeiro dia. À Camila Peixoto Farias, por me mostrar a potência de uma escuta sensível e de um olhar atento à multiplicidade de existências. À Giovana Fagundes Luczinski, por me ensinar sobre vitalidade e me encorajar a transformar o mundo com ela. Às minhas amigas e colegas, Amanda Hartwig, por me mostrar as possibilidades de olhar a vida a partir da arte, e Roberta Luz por me ensinar com

destreza e sensibilidade sobre coragem para seguir em frente e esperança para acreditar em nós mesmas e no mundo. Obrigada também a você que me lê. É um prazer estar e seguir com vocês.

Com muita coragem e entusiasmo – e as mãos trêmulas e um nó na garganta –, deixo aqui o meu ponto final, na intenção de que poderemos juntas colorir novas páginas.

Com carinho e coragem,
Luisa.


Frases
Frases e palavras
se mostram e se
agitam em nós
a cada experiência
vivida.
Que caminhos
e gramáticas escolhemos
para nos expressar?
Escolhemos? ou
reproduzimos e
aceitamos as
palavras que um
dia usaram
para nos
definir.
Somos indefiníveis,
inacabados, em movimento
feitos de frases, sangue,
carne, sonhos,
Frases
Frases

Organizadoras

Camila Peixoto Farias

Mãe do Inácio, companheira de vida do Maiquel; Psicanalista; Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Mestre e Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Coordenadora do Pulsional – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise; Busca construir espaços, tempos e conhecimentos com atenção à pluralidade da existência humana.

Giovana Fagundes Luczinski

Psicóloga graduada pela UFMG, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP e Doutora em Psicologia Social pela UERJ. Professora Adjunta do Curso de Psicologia da UFPel. Docente apaixonada pelos processos de formação, produção do conhecimento e transformação do mundo – no entrelaçamento entre ciência, arte e política. Feminista, dançarina em formação, aberta às experimentações estéticas na pintura e na escrita.

Equipe do projeto

Amanda Hartwig de Hartwig

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial Epochè. Técnica em Comunicação Visual pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense. Pelotense que tem orgulho de falar "merece", feminista, bissexual, admiradora da cultura asiática, apaixonada pela infância, pela arte e pela potência dos afetos e das relações.

Luisa Lislie Both Griebler

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde faz parte do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial Epochè e integra a equipe de pesquisa do Projeto "Agora é que são elas: a Pandemia de Covid-19 contada por mulheres". Gosta de se aventurar pela pintura e pela música. Provavelmente está pensando em alguma história para escrever.

Roberta Duarte da Luz

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas; integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial – Epochè e do Pulsional – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise; integrante da equipe da pesquisa "Agora é que são elas: a Pandemia de Covid-19 contada por mulheres"; feminista, natural de Pinheiro Machado/RS, compartilha a vida com 5 gatas; amante das artes, da natureza e da multiplicidade do existir humano.

Autoras

Ana Carolina Coelho (Ana Carolina Eiras Coelho Soares)
Professora Efetiva do PPGH-UFG e da Faculdade de História da UFG; Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas de Gênero da Faculdade de História (GEPEG/FH/UFG-CNPq); Coordenadora do GT Mulheres Cientistas e Maternidades Plurais (FH/UFG-CNPq); escritora da coluna "Crônicas de Mãe" para a Revista Cláudia Online. Esteve de licença maternidade em 2011 e 2017/2018. Premiada com a Cátedra Fulbright de Estudos Brasileiros na Universidade de Massachusetts – Amherst" com foco em "Gender Studies". Feminista, mãe de duas crianças, escritora, poeta, dançarina de dança do ventre e plantadora de árvores.

Ana Maria Rebello Magalhães
Mãe, avó, professora, pesquisadora, artista gráfica. Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História pelo PPGH/UERJ (2011); Mestre em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, EBA/UFRJ (1990) e Bacharel em Comunicação Visual pela mesma Universidade. Tem experiência docente e de pesquisa em Artes Visuais, com ênfase em História da Arte e História do Design e atuou, como docente, em cursos de graduação, Mestrado em Design e Pós-Graduação em Artes Visuais.

Andrezza Silva
Estudante do 5o ano do curso de Psicologia da UFPel. Integro o Laboratório de Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial – EPOCHÉ. Resido na cidade de Pelotas – RS. Levo a música e a poesia no peito. Escrevo logo o que penso e aí fico pensando no que escrevo. E nesse caminho vou fluindo nos afetos que me desassossegam.

Aneliana da Silva Prado
Doutoranda em Psicologia na UFPR. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFPR. Licenciada em Letras Português e Inglês pela UTFPR. Psicóloga pela UFPR. Uma mulher que ainda carrega consigo sonhos de menina – entre eles, tornar-se doutora e viajar o mundo. Sonhos que servem de mapa quando os medos querem virar âncoras.

Anne Stone
Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Pelotas, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista do CNPq – Brasil.

Antonia Espíndola Longoni Klee
Antonia Espíndola Longoni Klee é mãe da Aurora, professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e advogada no Rio Grande do Sul. Doutora em Direito e Mestre em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Direito Internacional pela UFRGS. Professora de Direito Civil da Faculdade de Direito da UFPEL. Professora Convidada do Curso de Especialização Lato Sensu em Direito do Consumidor e Direitos Fundamentais da UFRGS.

Camila Peixoto Farias
Mãe do Inácio, companheira de vida do Maiquel; Psicanalista; Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Mestre e Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de

Janeiro (UFRJ); Coordenadora do Pulsional – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise; Busca construir espaços, tempos e conhecimentos com atenção à pluralidade da existência humana.

Fernanda Canavêz

Psicóloga, Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, Professora do Instituto de Psicologia da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRRJ, Coordenadora do marginália – Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo (IP/UFRJ). Para pesquisar com o corpo e abrir a escuta, toca percussão e dança forró. Sua cor preferida é vermelho.

Giovana Fagundes Luczinski

Psicóloga graduada pela UFMG, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP e Doutora em Psicologia Social pela UERJ. Professora Adjunta do Curso de Psicologia da UFPel. Coordena o Laboratório de de Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial Epoché, articulando ciência, arte e política. Feminista, dançarina em formação, aberta às experimentações estéticas na pintura no desenho e na escrita.

Jôse Lane de Sales

Mãe solo de uma menina de 7 anos; psicanalista interessada no diálogo entre a psicanálise e as questões sociais contemporâneas; doutora e mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ; psicóloga da Secretaria Municipal de Educação do Rio Janeiro; docente de psicologia das Universidades Estácio de Sá e UNIVERITAS; autora do livro "Racismo no Brasil: um olhar psicanalítico".

Juliana Röpke Duarte

Juliana Röpke Duarte é uma jovem-adulta, mulher branca, nascida em Pelotas – RS. É psicóloga, graduada na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em 2021. Atualmente reside em Porto Alegre, está vinculada ao programa de Pós-graduação Lato-sensu da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UniSinos) de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental.

Karine Shamash Szuchman
Doutoranda e Mestra em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. Professora Substituta do curso de Psicologia da UFPEL no ano de 2019.

Keyth Vianna
É psicóloga, mestra e doutoranda em psicologia social. Sua trajetória acadêmica está vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde iniciou seus estudos em 2008. Desenvolveu especial interesse pelas discussões em torno da escrita (na academia) e sobre o maternar. Casada há 11 anos, filha, amiga, pesquisadora, mãe do Davi e da Isabela, vem tentando fazer conversar vida e academia.

Kizzy Lessa Coutinho Vitória
Mulher negra natural de Pelotas, afro gaúcha, de axé; Estudante de Psicologia na Universidade Federal de Pelotas, membro do grupo de ensino e pesquisa Epoché. Kizzy significa "A que veio para ficar".

Leiliane Botelho Martins
Natural de Rio Grande/RS, 38 anos, filha, mãe, mulher branca, cantora, contadora, empregada pública, formanda em psicologia, pós-graduada em gestão de pessoas, pós-graduanda em Psicologia Social, amante de música, poesia e do mar, que gosta de viajar e contemplar o silêncio da janela do carro.

Louise Prado Alfonso
Louise Prado Alfonso é graduada em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP), Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Campinas (UNICAMP) e Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Atualmente é professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e em Arquitetura e Urbanismo, ambos da UFPEL. Em suas

pesquisas tem buscado entender diferentes formas de habitar as cidades por grupos em processos de exclusão.

Luisa Lislie Both Griebler

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde faz parte do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial Epochè e integra a equipe de pesquisa do Projeto "Agora é que são elas: a Pandemia de Covid-19 contada por mulheres". Gosta de se aventurar pela pintura e pela música. Provavelmente está pensando em alguma história para escrever".

Maria Madalena Magnabosco

Formada em Psicologia pela UFMG (1983), especialista em Psicopedagogia (1994) e Ensino à Distância (1997), Mestrado e Doutorado pela FALE – UFMG em Literatura Comparada (2003), Pós doutorado em Estudos Culturais pela UFRJ (2007). Atuo como psicóloga clínica na perspectiva fenomenológico existencial e também ministro aulas em graduações (FUMEC) e pós graduações (UFMG E Ciências Médicas).

Mariana de Fátima Mielke

Mariana Mielke é feminista, tem duas gatas e é formada em psicologia pela Universidade Federal do Paraná, onde faz mestrado em psicologia clínica e estuda gênero. Tem o desejo de revolucionar o mundo das pessoas perto dela através do afeto e do sentir, é apaixonada pela vida e pelas inconstâncias que nela habitam. Trabalha por uma psicologia crítica, política e afetiva.

Marília Silveira

Psicóloga pela UNISINOS, Mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS, Doutora em Psicologia pela UFF, Professora Visitante no Programa de Pós-graduação em Psicologia na UFAL. Uma mulher marcada pela pele branca, pelo sotaque sulista brasileiro, pela ausência de deficiência, pelas escolhas afetivas lésbicas, pelo posicionamento feminista e em processo de

letramento racial. Provocadora de práticas psis (de escrita, de pesquisa e de vida) que objetivam a produção de mundos mais democráticos e inclusivos, menos machistas e preconceituosos.

Martha Rodrigues Ferreira
Graduanda em Antropologia pela UFPel, colaboradora do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos – GEEUR, tem interesse em antropologia urbana e por tudo que o inconsciente coletivo é capaz. Pesquisa sobre cidade, patrimônio e método.

Michelle Menezes Wendling
Psicóloga e mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe, psicanalista, professora, doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ.

Michelle Rodrigues Simões
Graduanda em Psicologia pela UFRJ, faz parte do marginália – Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo e estagia com plantão psicológico em Gestalt-terapia (UFRJ).

Miriam Tachibana
Docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Pós-doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo com estágio pós-doutoral na Université de Paris X – Nanterre. Doutora em psicologia pela PUC-Campinas e pela Université Charles de Gaulle Lille 3. Mestre em Psicologia pela PUC-Campinas. Aprimorada em saúde reprodutiva da mulher pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Graduada em Psicologia pela PUC-Campinas.

Paula Rebello Magalhães de Oliveira
Sobre quem eu sou e minha formação acadêmica, posso afirmar que sou mulher, mãe e filha, madrinha e afilhada, irmã, tia e sobrinha, professora, psicóloga, pesquisadora, orientadora, supervisora, Doutora em Psicologia Social pela

UERJ/Universidade Nova de Lisboa, Mestre em Saúde Pública pela ENSP/FIOCRUZ com Especialização em Saúde Mental também pela ENSP/FIOCRUZ e Graduação em Psicologia pela UERJ, sou aprendiz, sou aprendizado, sou eterna construção, sou abertura às possibilidades de ser.

Rafaela Villar

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), membro do Pulsional – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise, desde 2017. Atualmente faz parte como voluntária da pesquisa "Agora é que são elas: a Pandemia de Covid-19 contada por mulheres". Membro do grupo de estudos Posithives – Psicologia, saúde e artivismo em contexto do HIV/AIDS, desde 2020.

Renata Mattos Avril

Uma, entre tantas e tantos, que busca escrever no cotidiano respostas singulares à invocação utópica de musicar a vida. Mergulhou na Academia escutando as ressonâncias entre psicanálise e música, sempre atenta à musicalidade da linguagem na clínica e na cultura (o que a levou a um doutorado pela UERJ e um pós-doutorado pela Université Nice Sophia-Antipolis).

Roberta Duarte da Luz

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas; integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial – Epochè e do Pulsional – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise; integrante da equipe da pesquisa "Agora é que são elas: a Pandemia de Covid-19 contada por mulheres"; feminista, natural de Pinheiro Machado/RS, compartilha a vida com 5 gatas; amante das artes, da natureza e da multiplicidade do existir humano.

Roberta Teixeira de Oliveira

Mulher negra, bissexual, nascida e criada no subúrbio nos melhores dias. Graduanda em Psicologia pela UFRJ, bolsista PIBIC-CNPq, faz parte do

marginália – Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo e estagia no CAPSi Heitor Villa Lobos, situado no Rio de Janeiro.

Shana Hastenpflug Wottrich
Professora universitária; esposa e parceira de vida do Raul; mãe da Luara, e gestante, em construção de sua segunda experiência de maternidade.

Tereza Cristina Barbosa Duarte
Doutoranda PPG em Antropologia (UFPel). Professora de Artes Visuais IFSUL | Campus Pelotas. Mestre em Design – Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter). Especialista em Gráfica Digital UFPel | Licenciada em Artes Visuais – UFPel.

1ª Edição 2022 / 1ª impressão e digital
Esta obra foi composta por Adobe Devanagari e Timberline e impressa em Offset sobre Papel Polén para a editora Desalinho no ano de 2022.

Desalinho

ISBN 978-65-88544-24-2

9 786588 544242